Dietrich Bonhoeffer

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO

343.819.7(430)

isaec

Paz e Terra
Editora Sinodal

A contemporaneidade de Dietrich Bonhoeffer decorre não só de sua elaboração teológica mas também de sua atuação corajosa num momento de crise. Foi um profeta no sentido da palavra. Compreendeu que tinha de denunciar e desafiar as iniqüidades do seu tempo. Atacou as impiedades de Hitler e correu todos os riscos impostos pela mensagem desta voz. Conspirou contra o regime nazista, com desassombro, sem romantismo e sem ilusões.

Muito antes de ter sido enquadrado na lei de segurança do *Terceiro Reich* e confinado em vários campos de concentração da Gestapo, e finalmente executado em abril de 1945, por uma ordem especial de Himmler, Bonhoeffer já era conhecido nos meios intelectuais protestantes dos Estados Unidos e da Europa, devido ao vigor de suas idéias teológicas. Seu pensamento há muito vinha pondo em xeque as concepções tradicionais do cristianismo ocidental em muitos dos seus aspectos. E na prisão continuou aprofundando as suas reflexões nos interregnos de uma profícua atividade pastoral exercida em favor dos companheiros detentos.

Bonhoeffer acreditava no triunfo da liberdade e da justiça. Deu tudo o que tinha à causa da promoção da comunidade humana. Neste afã teve de ser muito severo com o cristianismo do seu tempo, criticando-o energicamente

Dietrich Bonhoeffer
(1941)

SEMINARIO CONCORDIA

Série Ecumenismo e Humanismo
Vol. 8

Ficha Catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B697r

Bonhoeffer, Dietrich.
Resistência e submissão / Dietrich Bonhoeffer; tradução de Ernesto J. Bernhoeft. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra; Rio Grande do Sul: Sinodal, 1980
(Série Ecumenismo e Humanismo; v. 8)

Tradução de: Widerstand und Ergebung

1. Bonhoeffer, Dietrich 2. Presos políticos – Berlim – Narrativas pessoais I. Título II. Série

CDD – 365.6410943
CDU – 343.819.7(430)

80-0031

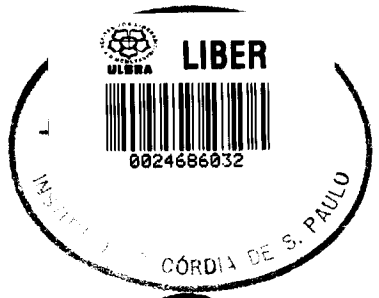
EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial:
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

DIETRICH BONHOEFFER

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO

Tradução de Ernesto J. Bernhoeft

2ª edição



261.8:343.819.7(430)
B714r
2. ed.

Paz e Terra
Editora Sinodal

Copyright © *by* Dietrich Bonhoeffer

Título do original em alemão:
Widerstand und Ergebung

Capa: Mário Roberto Corrêa da Silva

Seminário Concórdia
Biblioteca
Sist. a 8360
Reg. 00246860 32
Proc a
Data 09.12.04

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA, S.A.
Rua Carijós 128, Lapa
São Paulo, SP.
Rua André Cavalcanti 86, Fátima
Rio de Janeiro, RJ.
que se reserva o direito desta tradução

1980

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

Prefácio *11*
Dez Anos Depois *15*
Cartas aos Pais *33*
Sermão da Cela Para um Casamento *39*
Cartas a um Amigo *71*
Orações por Companheiros de Prisão *74*
Reflexões Para o Dia de Batismo de D.W.R. *142*
Felicidade e Infortúnio *160*
Quem Sou Eu? *173*
Cristãos e Pagãos *176*
Estações no Caminho Para a Liberdade *179*
Esbôço de um Trabalho *183*
O Amigo *191*
Sinais de Vida da Rua Prinz-Albrecht *195*
De Bons Podêres *196*
Jonas *199*
Apêndice *201*
Passado *204*
Obras *208*

Confesso que é com certo receio que entrego a tradução do livro RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO. A tarefa foi grande e apaixonante — não terá sido grande demais para mim? — Mas sinto-me como obrigado a traduzir esta obra para o povo da nossa Terra, porque nunca sôbre mim homem algum exerceu influência tão profunda. E é a êste homem cuja obra propago que devo a coragem de aventurar-me a traduzi-la.

O TRADUTOR

VIVEMOS NA época do grande diálogo.
É o diálogo entre o homem e o seu Deus;
o diálogo entre a Igreja e o mundo;
o diálogo entre os "crentes" e os incrédulos.
Um diálogo geralmente resulta
da insegurança de uma das partes
ou mesmo das duas.

Pois a convicção uma vez firmada não dialoga,
fala pelo testemunho.

O homem perdeu o contacto com Deus;
a Igreja distanciou-se demasiadamente do mundo;
o "crente" tornou-se indiferente à sorte do incrédulo.
E vivemos o drama dos dias atuais.
Eu digo drama e não tragédia,
como tantos pretendem interpretar
os conflitos de nossa época.
Seria um grande êrro nosso
querermos encarar nossa era atômica
com pessimismo apenas.
Seria uma grande injustiça e ingratidão.
Diz o autor do livro
RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO:
"Mesmo assim posso dizer
que não desejaria viver em outra época
a não ser a nossa,
ainda que me custe a minha felicidade".

Se o diálogo, de um lado, denuncia um estado
de incerteza,
ao mesmo tempo representa
o sincero empenho dos disputantes
por uma restauração de equilíbrio,
na busca de tôda a verdade,
pela aproximação de um com o outro.

Deus só vive para o homem,
mas êste perdeu
a independência e a dignidade
para poder entendê-LO.
O mundo sempre precisou da Igreja,
esta, porém, preocupou-se mais consigo mesma
do que com as necessidades do mundo,
ao qual deve servir.
O incrédulo sente um desejo ardente
de ser crente também,
mas o fanatismo, o orgulho e a falta de alegria

observadas nos crentes
impeliram-no para outros rumos,
aos quais se habituou muito bem.
Contudo é esta
a época do homem,
a oportunidade da Igreja,
o momento do "crente".

Muitos assim o compreenderam e lançaram suas idéias,
suas teses, seus apelos e seus testemunhos ao mundo.
Pensamentos sublimes, arrojados,
não, todavia, para estudantes,
antes, sim, para os mestres atualizados;
idéias corajosas em desafio,
não destinadas a seminaristas,
mas sim aos párocos bons e experimentados:
conclusões deveras revolucionárias,
já não dirigidas ao "homem mortal"
mas ùnicamente ao "homem de Deus".

A teologia moderna é algo apaixonante.
Não que ela proclamasse exatamente a verdade;
o estudo, porém, a meditação, o exame, a pesquisa, o debate,
a seleção e a rejeição de suas idéias
nos encaminharão para a verdade.
Nomes despontam em livros que, da noite para o dia,
se tornam famosos.
Idéias surgem e providências se procuram tomar,
em seguida e com entusiasmo.
Poucos, entretanto, sabem que tais idéias
e conceitos,
conclusões e hipóteses,
que hoje nos chegam de cátedras renomadas,
das universidades de todo o mundo,
em grande parte, não nasceram
na quietude de um gabinete de estudo
de algum festejado lente,
nem resultaram apenas da profunda meditação
de algum erudito e piedoso teólogo.
Não nego que todos êstes que hoje nos falam,

com persuasão e inteligência,
contribuíram bastante e continuam a aventura
das mais arriscadas e promissoras descobertas.
Verdade é que a origem da maior parte de tudo
que hoje, ou aplaudimos ou rejeitamos,
entre as avançadas idéias acêrca de Deus e do homem,
sôbre a Igreja e sôbre o mundo cá fora,
em tôrno do magno problema da fé e da dúvida,
nasceu numa cela apertada
de uma prisão em Berlim,
da pena de um detento e conspirador,
que, apesar de ser considerado dos mais perigosos,
lá continuava alegre, sincero e crente:
DIETRICH BONHOEFFER.

Êste jovem recebera educação primorosa.
Não que seu lar se caracterizasse
por particular piedade; valia a erudição.
Um lar alegre e apreciador
de todos os dignos prazeres do mundo,
desde a boa música a um prato seleto à mesa.
DIETRICH BONHOEFFER,
inteligente e peculiarmente simpático,
amigo, cercado de muitos amigos,
leal, sincero e, acima de tudo,
conscientemente responsável.
Estudou teologia para a surprêsa de todos.
Talvez dêle mesmo.
Reconhecera os erros em que se perdera
a sua Igreja e tôda a Igreja de Cristo.

Apaixonou-se logo.
Lutou contra a falsidade, a hipocrisia,
a auto-suficiência em que vivia então a Igreja.
Previu, desde então, que tinham de vir
terríveis dias a fim de haver uma era nova,
em que os cristãos, outra vez, fôssem testemunhas
de Deus em favor do mundo
que dêles tudo esperava.

O nazismo chegou.
E, se venceu, foi culpa de todos.
Foi culpa dos que não enxergaram em tempo
o iminente perigo,
e culpa foi também dos outros
que não resistiram "até o sangue".
DIETRICH BONHOEFFER
também assumiu a culpa,
e tudo prevendo, lutou desde o início.
Não lutou qual um desesperado,
mas como quem se sentisse certo de seu triunfo,
mais cedo ou mais tarde.

NUNCA se escondeu, nunca calou, nunca parou
naquele combate à ditadura de um FUEHRER (líder)
que na verdade era VERFUEHRER (sedutor).
Publicou denúncias candentes,
até que o proibissem de escrever.
Falou do púlpito das igrejas
e da cátedra universitária,
até que lhe cassassem a palavra.
Ensinou, doutrinou e educou nos seminários clandestinos,
até que êstes fôssem fechados, por decreto.
Viajou pela causa do Ecumenismo,
travou relações em favor da paz,
conspirou, sem mêdo, contra o regime injusto,
interveio em favor dos judeus lançados ao gueto,
e não parou em suas atividades
até o dia
4 de abril de 1943,
quando, afinal, foi prêso.

E então começou o capítulo
sob cuja inspiração até hoje vivemos.
Pois, dêste período de 4 de abril de 1943
até a madrugada de 9 de abril de 1945
nasceram as páginas do livro
RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO,
que hoje vos ofereço em tradução brasileira.
Não da cátedra prestigiada,

nem sob aplausos do público ledor,
nem sob os auspícios de conceituada editôra,
surgiram estas mensagens,
cuja crescente influência sentimos
com cada nôvo teólogo,
ainda que queira negá-lo.
Da cela de um frio presídio,
sob constante ameaça de tortura e morte,
às vêzes em tiras de papel de embrulho,
em pequenos bilhetes metidos entre as roupas,
saíram as cartas, recados, estudos
e palavras repletas de fé
para o mundo aí fora.
Orações de um prêso alegre,
mensagens de um encarcerado propositalmente otimista,
proclamações de um conspirador inabalável na sua fé.
Bilhetes que sacudiriam as paredes dos templos,
palavras que fariam tremer os alicerces de um regime,
idéias que ultrapassariam os anos e as décadas.
E tudo isto já não como teoria apenas,
mas testemunhado e vivido até a morte
que não procurou, mas à qual também não fugiu.
Êste é o sermão inapagável que nos legou
DIETRICH BONHOEFFER.

Alguns se queixam de que possuímos apenas
pequenos fragmentos e pensamentos esparsos.
Pois é que êsses não sabem ler entre linhas,
porque cada missiva e cada esbôço nos fala,
já não mais pelo que diz em palavras
mas principalmente pelo que esconde ao desprevenido.
Pois atrás dos fragmentos
há expectativa feliz de triunfo e redenção.

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO,
eis o nome do livro em original.
Em certa altura da obra,
na carta de 21 de fevereiro de 1944,
nós lemos:
"Muitas vêzes tenho pensado sôbre os limites

entre a necessária resistência contra o "destino"
e a não menos necessária submissão".
Teria sido êste o seu conflito máximo?
Talvez, mas também chegaria a constituir
seu triunfo autêntico, descobrir êstes limites
e exercitar-se na resistência contra o maligno
e aperfeiçoar-se na submissão a Deus.
É editor de tôda a obra de
DIETRICH BONHOEFFER
o seu cunhado e íntimo amigo Eberhard Bethge,
a quem devemos o prefácio da obra em alemão.

Começa a seleção de cartas e estudos
com um manuscrito
anterior à detenção do autor,
intitulado:
DEZ ANOS DEPOIS,
no qual o jovem cristão
nos faz sentir tôda a sua preocupação pelo homem,
lançando os mais ardorosos apelos
para que aprendamos com o passado
e nos tornemos aproveitáveis a Deus e ao mundo.

O mais volumoso material recolheu-se do tempo
que DIETRICH BONHOEFFER
passou na prisão de Tegel, em Berlim.
Oferece-se-nos rica coleção de cartas
endereçadas aos seus pais,
que nunca o abandonaram.
E há um sermão entre as missivas
que o afetuoso cunhado redigiu
por ocasião do enlace da querida irmã,
belíssima página que deve ser lida
e ainda relida algumas vêzes.

No centro do livro, todavia, se encontram
as páginas mais comoventes,
conversas, diálogos e trocas de idéias
que o mártir de Flossenbuerg
manteve com seu amigo.

Confissões, testemunhos, ansiedades e pensamentos,
tudo imbuído na pureza da sinceridade
e no desejo de nunca ferir ou desanimar,
mas alegrar e confortar
aquêle que foi seu AMIGO,
E êste bem mereceu
tôda a confiança, pois com zêlo e sincero afeto
guardou, reuniu e publicou
o precioso legado do querido cunhado.
Assim, neste livro, entre outros mais, leremos
o poema de gratidão: O AMIGO.
Destacam-se nesta parte da obra
as REFLEXÕES PARA UM DIA DE BATISMO
cuja leitura nos leva a quase invejar
aquêle afilhado
que mereceu o régio presente
de tão oportunos conselhos e pensamentos.

O volume ainda inclui os escassos sinais de vida
que nos chegaram da rua Príncipe Albrecht,
que equivalia a uma antecâmara da morte.

O fim do livro nos conta,
em um comovente poema,
das íntimas angústias do encarcerado,
ao despedir-se,
quiçá para sempre,
da noiva fiel e amada.

Pressinto a vossa pergunta agora:
Por que êste livro de um pastor condenado
— pois tantos houve que pelo mesmo passaram —
de um rebelde contra um regime —
êstes há espalhados por todo o mundo —
que apenas deixou umas cartas,
e mais alguns pensamentos em eventuais fragmentos?
Tudo que êle pensou e tentou dizer-nos,
outros lembraram e escreveram,
e continuam na sua pesquisa.

Respondo:
DIETRICH BONHOEFFER
não só escreveu, naquela nobre e bela linguagem —
e não me foi fácil traduzi-la corretamente —
profundas idéias e sólidos ensinamentos,
mas êle os VIVEU,
e os viveu tão coerentemente
que com a morte chegou a coroá-los.
E nunca foi pessimista,
mesmo reconhecendo aquêles horrores
que se cometiam ao seu redor.

Preocupava-o como Cristo poderia aproveitar
êste "mundo emancipado", mundo sem Deus.
Tal preocupação fê-lo buscar meios
na interpretação "não-religiosa",
para que o cristianismo pudesse transmitir
sua mensagem redentora ao homem moderno.
O inimigo jamais lhe perdoou
ser êle o que foi,
não só corajoso, mas nobre e digno.
Metido em uma cela, incomunicável,
não se deixou abater nem desalentar.
Na hora da solidão e da saudade
buscou energias e esperanças no canto da alma,
que nem a distância nem condição adversa qualquer
pudessem roubar-lhe a fé e o ardente amor;
nem dor, nem ameaça fariam emudecê-lo.
Se antes, em franco combate ao regime malsão,
nunca vacilou,
acusava e conspirava com todo recurso possível,
já não mais agora, na cela do isolamento.
Eis, o que não lhe perdoariam,
que sua voz de confiança levasse aos outros confôrto.
Pois, feito prêso, não mais era sua missão
destruir em ataques vãos, impotente diante do forte,
devia, sim, construir, num ambiente de desespêro,
um nôvo mundo para os que sofriam,
como êle ou mais do que êle.
Eis a arma da qual seus algozes não suspeitavam.

DIETRICH BONHOEFFER
proclamou a realidade do mundo em que vivemos,
como a de um mundo pelo qual Deus sacrifica tudo.
Talvez a Europa cansada já não mais entenda
o que o seu jovem profeta e mártir
lhe tem a dizer,
mas nós nesta Terra ainda em adolescência,
ouvimos a voz que responde aos nossos anseios.

Religião como um isolamento
das grandes conquistas do homem,
parecia-lhe ilusão e experiência sem Deus.
A secularização, aproveitada por Cristo,
em tôda a sua pujança, com seus recursos modernos
seria a Encarnação tornada realidade.
Mas lede o livro, vós mesmos,
e grande será a surprêsa,
porque nestes fragmentos de cartas,
em linguagem de nossos dias,
um homem nos fala de Deus

e DEUS fala ao mundo.

ERNESTO F. BERNHOEFT

Prefácio

DIETRICH BONHOEFFER passou o primeiro ano e meio de sua detenção no departamento militar do presídio de Berlim-Tegel. Do dia 5 de abril de 1943 até o dia 8 de outubro de 1944. Após algumas chicanas de início, tornou-se-lhe possível escrever aos seus pais. Apresentamos uma seleção destas cartas na primeira parte dêste livro. A censura do presídio e particularmente o encarregado das investigações, Dr. Roeder, leram tôdas estas cartas, o que influiu deveras sôbre o seu conteúdo. Mais forte, porém, se fêz sentir o desejo de Bonhoeffer de aliviar os pais das preocupações.

Depois de transcorrido meio ano, todavia, êle conquistara tão bons amigos entre os guardas e enfermeiros que se iniciou uma circulação intensiva de cartas e bilhetes, inclusive com o editor do livro. Sempre se fizeram necessárias medidas de precauções e evitavam-se tôdas as referências diretas a respeito de personalidades ameaçadas ou em tôrno do movi-

mento da resistência, ou ainda sôbre o andamento das investigações. A livre troca de cartas continuou até que, depois do dia 20 de julho, com a descoberta dos documentos de Zossen (Documentos, diários, material de provas daqueles que conspiravam com Canaris, Oster, Hans von Dohnanyi e outros) as suspeitas levaram a Polícia Secreta do Estado, em setembro de 1944, a transferir Bonhoeffer para a rua Príncipe Albrecht, onde êle ficou sob custódia severíssima. Lamentàvelmente, nesta mudança, e ainda com a detenção do editor, em outubro de 1944, foram destruídas muitas cartas do último mês em Tegel. As demais cartas já se encontravam, então, em local seguro. Dessas foi compilada a segunda parte do livro. Nessa correspondência, Bonhoeffer, sabendo-se fora de contrôle, fala sem qualquer consideração a outras pessoas. Conhecemos por estas missivas o que êle viveu, pensou e sentiu. Nas mesmas cartas êle entrega ainda ao mundo parte de seus trabalhos e estudos, intercessões, poemas e pensamentos.

Assim forma-se diante de nossos olhos, de página a página, o quadro de uma existência em uma cela de prisão, vivida com todos os sentidos em funcionamento. Tanto e estritamente pessoal como os acontecimentos que punham o mundo em polvorosa, estão sendo abordados e comentados, havendo em tudo uma excitante unidade sob um espírito superior e um coração extremamente sensível. Tudo isso acha-se resumido, comoventemente, na breve carta de 21 de julho de 1944 e nas *Estações no Caminho para a Liberdade*, quando Bonhoeffer recebera a notícia do malôgro do atentado de 20 de julho, e então não poderia mais haver dúvida sôbre seu fim próximo.

Em meio da comoção terrível do malôgro transforma-se a responsabilidade pela causa pública numa nova e inquebrantável responsabilidade de ter que suportar as conseqüências e dores aumentadas. Dias posteriores far-nos-ão avaliar o quanto esta segunda responsabilidade mais uma vez há de justificar a primeira, pondo-lhe, inclusive, o sêlo de um legado indestrutível. Êste legado pode dormitar, mas já não mais se há de perder.

Na rua Príncipe Albrecht quase não houve mais contactos. O inconsistente capricho dos comissários decidia, desde então, se as saudações e os pedidos por objetos indispensáveis podiam sair, ou entrar. Certo dia a família Bonhoeffer

descobriu que Dietrich havia desaparecido. A Polícia Secreta do Estado recusou-se a fornecer qualquer informação sôbre o local para onde tinha sido transferido. Isto aconteceu em fevereiro. Só no verão de 1945, muito depois da catástrofe, soubemos do caminho transcorrido: Buchenwald — Schoenberg — Flossenbuerg. E aos poucos surge luz sôbre as trevas penosas em tôrno do fim em 9 de abril de 1945.

Antepusemos às cartas e aos demais trabalhos que vieram da cela um manuscrito que Bonhoeffer deve ter redigido na passagem de 1942 para 1943, destinado a um círculo de íntimos amigos como presente de Natal. Naquela ocasião já houvera advertências, como as havia recebido particularmente Hans von Dohnanyi,* dizendo que o Serviço de Segurança do Reich insistia na detenção e estava reunindo material para formular a acusação. Escondido entre telhas e caibros, êste manuscrito resistiu a tôdas as buscas e bombas: Um testemunho do espírito sob cuja inspiração se agia e sofria naqueles dias.

EBERHARD BETHGE

Agôsto de 1951

* Cunhado de D. B. — N. do T.

Dez Anos Depois

DEZ ANOS são na vida de qualquer homem um longo tempo. Sendo o tempo o bem mais precioso, porque irrecuperável, entre todos os bens dos quais dispomos, inquieta-nos, ao recordarmos o passado, a idéia de tempo eventualmente perdido. Considera-se perdido o tempo em que não vivemos como homens, tempo em que não obtivemos experiências, não aprendemos, não realizamos, nem desfrutamos nem sofremos nada. Tempo perdido é tempo vazio que não foi preenchido. Bem, tal não se pode dizer dos anos passados, de maneira alguma. Perdemos muito, algo mesmo de valor incomparável, mas o tempo não foi perdido. É verdade que conhecimentos e experiências adquiridos, dos quais só se ganha consciência posteriormente, são abstrações do verdadeiro, da existência vivida mesmo. Mas, assim como o poder esquecer equivale a uma graça, também a memória, a repetição de ensinamentos recebidos, faz parte da vida responsável. Nas páginas que

se seguem eu gostaria de tentar prestar contas de alguma coisa que se me impôs como experiência e revelação comum. Não se trata de acontecimentos pessoais, não de algo sistemàticamente ordenado, não de discussões e teorias, mas sim, de certo modo, de resultados no terreno do humano obtidos no círculo dos correligionários. Resultados postos lado a lado, pertencentes um ao outro graças à experiência concreta, não que constituíssem novidade, mas já em tempos passados conhecidos e agora por nós reavivados e reconhecidos. Não se pode escrever sôbre estas coisas sem que uma sensação de gratidão por todos êstes anos de convívio e comunhão espiritual conservados e comprovados nos invada e em cada uma das palavras nos acompanhe.

Sem Chão Debaixo dos Pés

Será possível que já houve na História homens que no presente tiveram tão pouco chão debaixo dos pés — aos quais tôdas as alternativas do presente existentes ao alcance do possível pareciam igualmente insuportáveis, hostis à vida, sem sentido algum — homens que procuraram a fonte de suas energias tão além das presentes alternativas, sòmente no passado e no futuro, homens que contudo, sem serem utopistas, podiam esperar com tanta segurança e calma o êxito de sua causa — como nós? Ou antes: Será que os responsáveis de uma geração diante de uma transformação histórica decisiva sentiam diferentemente do que nós hoje — justamente porque se estava criando algo bem nôvo que não se enquadrava dentro das alternativas do presente?

Quem Persevera?

A grande mascarada do maligno pôs todos os conceitos éticos em confusão estonteante. Para a pessoa que vem do nosso mundo com conceitos éticos tradicionais é realmente

desconcertante que o mal possa tomar a forma da luz, da ação beneficente, da necessidade histórica, da justiça social; para o cristão que vive da Bíblia, todavia, isto é a confirmação da ilimitada malvadez do maligno.

Evidentemente é o falhar dos "sensatos", que na melhor intenção e no ingênuo desconhecimento da realidade pensam poder endireitar o vigamento que cedeu com um pouco de juízo. Na sua fraca capacidade de visão querem fazer justiça a todos os lados e serão destarte esmagados pelo tremendo choque de fôrças opostas, sem que pudessem conseguir o mínimo. Decepcionados com a insensatez do mundo êles se vêem condenados à frustração e por fim se retiram resignados ou ainda caem indefesos nas garras do mais forte. Mais comovente ainda é o fracasso do fanatismo ético. O fanático pretende enfrentar o poderio do mal com a pureza de um princípio. Assim como um touro se lança contra a capa vermelha em vez de atingir o toureiro, êle também cansa e é vencido. Êle se perde no secundário e termina apanhado pela cilada do mais sabido. Desamparado se debate o homem de consciência diante do dilema da prepotência da situação que lhe exige decisão. A extensão dos conflitos, que o obrigam a escolher sem que ache conselho nem amparo a não ser na própria consciência, o esmaga. Os inúmeros honrados e tentadores disfarces, sob os quais o mal dêle se aproxima, trazem à sua consciência mêdo e insegurança, até que a êle baste afinal, em vez de conservar uma consciência boa, tê-la salva, isto é, até que minta à sua própria consciência a fim de não desesperar; pois, jamais pode o homem, cujo único amparo constitui a consciência, entender que uma consciência má possa ser mais salutar e mais forte do que uma consciência enganada. Desta desconcertante quantidade de possíveis decisões só o caminho seguro do dever parece poder guiar-nos a salvo. Aqui se entende o mandado como o mais seguro e a responsabilidade pela ordem cabe ao mandante e não ao que a executa. Na limitação do que é do nosso dever jamais chegamos ao risco da ação resultante da responsabilidade pessoal, a única que pode atingir o mal no centro e vencê-lo. O homem do dever, afinal de contas, terá de cumprir sua obrigação até com o diabo.

Aquêle, todavia, que se dispõe a se realizar no mundo em verdadeira liberdade, que prega sôbre tudo a ação neces-

SEMINARIO CONCORDIA

sária, mesmo que pese sôbre a consciência e prejudique seu nome; aquêle que está pronto a sacrificar um princípio estéril ao compromisso fecundo, ou uma sabedoria estéril da mediocridade a um radicalismo que produz fruto, que tenha cuidado para que não o derrube a sua liberdade. Êle é capaz de ceder ao ruim para impedir o pior e assim perderá a capacidade de reconhecer que exatamente o pior, que êle pretende evitar, poderia ser o melhor. Aqui está a origem de tragédias. Na fuga da discussão pública êste ou aquêle alcança o asilo de uma virtualidade particular. Mas então terá de fechar olhos e bôca à injustiça ao seu redor. Apenas à custa de uma ilusão pode êle conservar-se puro da maculação por um agir responsável. Em tudo que êle faz, não o deixará em paz aquilo que êle deixa de fazer, aquilo que êle omite. Nesta inquietude êle se arruína, a não ser que se torne o mais hipócrita de todos os fariseus.

Quem há de perseverar? Sòmente aquêle para quem sua própria razão, seu princípio, sua consciência, sua liberdade, sua virtude não significam a medida última, estando êle pronto a sacrificar tudo isso, quando na fé, apenas prêso a Deus, se sabe chamado para a ação obediente e responsável; o responsável, cuja vida nada mais significa do que a resposta à pergunta e ao chamado de Deus. Onde estão os responsáveis?

Civilcourage?

Como se justifica afinal a queixa com respeito à falta de *civilcourage?* Assistimos nesses anos a muita bravura e abnegação, mas quase em lugar algum achamos *civilcourage,* nem em nós mesmos. Seria uma psicologia demasiadamente ingênua querermos atribuir tal carência apenas à covardia pessoal. No fundo há razões bem diferentes. Nós, alemães, tivemos de aprender em uma história muito longa a necessidade e o poder da obediência. Vimos o sentido da grandeza da nossa vida na subordinação de todos os desejos e pensamentos pessoais, sob os encargos que nos couberam. Nossos olhares eram dirigidos para cima, não em temores de escravos, mas na livre confiança de que no encargo compreendem

uma profissão e na profissão uma vocação. Afinal, preferir seguir a ordem de "cima" a obedecer ao próprio critério, é resultado da voluntariedade que nasce da desconfiança justificável para com o próprio coração. Quem há que possa negar ao alemão que na obediência, em missão, na profissão sempre realizou o extremo de bravura e risco de vida? Sua liberdade entretanto, o alemão conservou nisso — e onde se tem falado mais apaixonadamente de liberdade no mundo do que na Alemanha desde Lutero até a filosofia do idealismo? — que tentou libertar-se da teimosia a serviço do todo. Profissão e liberdade valeram-lhe por dois lados da mesma causa. Mas com isso desconheceu o mundo; êle não calculou que sua disposição à subordinação, ao risco da própria vida na missão assumida pudesse ser motivo de abuso para o mal. Caso tal acontecesse, até o cumprimento da profissão tornar-se-ia duvidoso e todos os princípios morais fundamentais haveriam de começar a vacilar. Descobriu-se, então, que aos alemães ainda faltava um decisivo reconhecimento de base: o da necessidade da ação livre e responsável, mesmo contra a profissão e contra a missão. Em seu lugar surgiu de um lado a inescrupulosidade irresponsável e, do outro, o torturante escrúpulo que impedia tôda a ação. *Civilcourage* só pode resultar do livre senso de responsabilidade do homem livre. Sòmente hoje os alemães começam a descobrir o que quer dizer livre responsabilidade. Ela se baseia sôbre um Deus que exige o livre risco da fé numa ação responsável e que, àquele que nisso se torna pecador, garante perdão e confôrto.

Do Êxito

Certamente não é verdade que o êxito justifica a ação má e os meios condenáveis, mas tampouco é possível considerarmos o êxito algo èticamente neutro. Não pode haver dúvida quanto ao fato de que o êxito histórico produz o chão sôbre o qual se continua a viver e é muito duvidoso se é èticamente mais responsável querer alguém lutar qual D. Quixote contra

uma época nova ou dispor-se a servir esta nova época na confissão da própria derrota e com total voluntariedade. O êxito, afinal, faz a História, e por cima das cabeças dos homens que fazem a História o Dirigente da História transforma sempre o mal em bem. Não passa de um curto-circuito de certos fanáticos de princípios sem senso histórico algum e, por isso irresponsáveis em suas idéias, querer ignorar totalmente a importância ética do êxito. É oportuno que uma vez sejamos obrigados a discutir sèriamente o problema ético do êxito. Enquanto o êxito coincidir com o bem, podemos ter o luxo de considerar o êxito como èticamente irrelevante. No momento, entretanto, em que maus meios levarem ao êxito, surgirá o problema. Diante de tal situação reconhecemos que nem a crítica teórica do mero observador nem a simples mania de querer ter razão, isto é, a recusa de se adaptar à realidade, nem o oportunismo, isto é, a renúncia de si mesmo e a capitulação perante o êxito farão justiça à tarefa. Nós não queremos e tampouco devemos ser nem críticos que se julgam ofendidos nem oportunistas. Teremos de nos considerar co-responsáveis na formação histórica, de caso em caso e em cada momento, tanto como vencedores quanto como derrotados. Quem por nada que acontecer, permitir que lhe seja tirada a co-responsabilidade no decurso da História, porque sabe que esta lhe é outorgada por Deus, êste achará além de tôda a crítica estéril assim como de todo o improdutivo oportunismo, uma relação fecunda para os eventos históricos. A fala de um declínio heróico diante da derrota inevitável não apresenta em princípio nada de heróico, porque não arrisca um olhar para o futuro. A questão última não é como eu de modo heróico posso escapar da situação, mas como a geração vindoura deve continuar a existir. Soluções produtivas, mesmo que temporàriamente humilhantes, só podem resultar desta interrogação històricamente responsável. Em poucas palavras, é muito mais fácil manter-se fiel a uma causa por princípio do que por responsabilidade correta. A geração jovem terá o mais seguro instinto para distinguir se a ação está obedecendo a um mero princípio ou a uma responsabilidade viva; pois nisso está em jôgo seu próprio futuro.

Da Parvoíce

Parvoíce é um inimigo mais perigoso do bem do que a maldade. Contra o mal não se pode simplesmente protestar, êle tem de ser derrotado. Pode-se, em caso de necessidade, impedir o mal com o uso da violência e o mal sempre traz em si o gérmen da autodestruição, causando ao menos um mal-estar no homem. Contra a parvoíce somos indefesos. Nem com protestos nem com violência alcançamos algum resultado! Não há argumentos; fatos que contradizem o próprio preconceito nem sequer merecem fé — em tais casos o ignorante torna-se inclusive crítico — e caso sejam fatos inevitáveis, serão postos de lado como casos isolados. Ademais, o ignorante, muito distinto do malvado, está completamente satisfeito consigo mesmo; sim, êle se torna até perigoso, pois fàcilmente se sente provocado e passa à agressão. Por esta razão recomenda-se mais cautela perante o ignorante do que enfrentando o mau. Jamais tentaremos persuadir o ignorante com argumentos; é inútil e perigoso.

Para sabermos como enfrentar a parvoíce, teremos de procurar entender sua natureza. Tanto é certo, que a parvoíce não é essencialmente um defeito intelectual, mas antes um defeito humano. Há pessoas intelectualmente muito vivazes que são parvas e outras intelectualmente muito paradas, as quais porém são tudo menos tôlas. Tal descoberta fazemos para nossa surprêsa em vista de certas situações. Então fica-se menos com a impressão de que a parvoíce é um defeito nato, do que sob certas circunstâncias os homens são feitos ignorantes. i.é., se deixam fazer parvos e ignorantes. Observamos ainda que pessoas retraídas e de vida solitária apresentam tal defeito com menos freqüência do que aquelas que têm inclinações sociais ou são obrigadas a conviver com outros homens ou grupos de homens. Assim sendo, a parvoíce parece constituir mais um problema social do que psicológico. Ela é uma forma peculiar de influência de circunstâncias históricas sôbre o homem, um sintoma psicológico de determinadas situações externas. Por um exame mais exato demonstra-se que qualquer ostentação de poder mais forte e exterior resulta numa boa parte de pessoas na parvoíce, quer

se trate de poder político quer religioso. Pois, aparentemente, temos alguma espécie de lei psicossociológica. O poder de um precisa da tolice do outro. O processo não é de maneira alguma êste que determinadas inclinações — como por exemplo intelectuais — de repente enfraquecem ou desaparecem no homem, mas que sob a imponente impressão do desenvolvimento de poder ao homem se rouba sua íntima independência e então êle desiste — mais ou menos inconscientemente — de reagir às situações criadas por seu próprio comportamento. Não nos deixemos iludir com o fato de que o tolo muitas vêzes se mostra teimoso, como se fôsse independente. Nota-se particularmente na conversa com êle, que não é com êle pessoalmente que se fala, mas com *slogans* e senhas que vieram a dominá-lo. Êle se acha sob um fascínio, êle está obcecado, abusado em seu próprio ser, realmente maltratado. Tendo-se tornado instrumento involuntário, o tolo é capaz de tôda a maldade e ao mesmo tempo é incapaz de reconhecê-la como mal. Nisso está todo o perigo do abuso diabólico. Desta forma homens podem ser destruídos para sempre.

É aqui que se torna bem claro que para vencer a tolice não basta um ato de instrução, mas é preciso um ato de libertação. Teremos de compreender, então, que para realizar uma libertação interior, na maioria dos casos, será indispensável ter havido primeiramente uma libertação exterior: antes disso teremos de desistir de tôdas as tentativas de persuadir o tolo. Em tal situação verifica-se que em vão nos esforçamos sob essas condições a indagar o que "o povo" pensa, e porque esta pergunta para a pessoa que pensa e age com responsabilidade é totalmente dispensável — sempre apenas sob as circunstâncias dadas. A palavra da Bíblia de que o temor de Deus é o princípio da sabedoria (Salmo 111:10), afirma que a libertação interior do homem para uma vida responsável diante de Deus é o único meio para superar a tolice.

Ademais há um consôlo nessas reflexões sôbre a parvoíce, porque de maneira alguma permitem que julguemos a maioria dos homens como tolos sob tôdas as circunstâncias. Será realmente importante se os poderosos esperam mais da tolice ou da interior independência e inteligência dos homens.

Desprêzo dos Homens

Muito grande é o perigo de nós nos deixarmos impelir ao desprêzo dos homens. Certamente sabemos que não temos direito a isso, e que tal atitude há de criar relações muito estéreis com nosso semelhante. Os pensamentos que nos podem prevenir contra esta tentação seriam os seguintes: com o desprêzo dos homens entregamo-nos exatamente ao êrro capital de nossos adversários. Aquêle que despreza outro jamais poderá torná-lo útil e diferente. Aliás, nada daquilo que no outro desprezamos, nos é totalmente estranho. Quantas vêzes acontece que do outro esperamos muito mais do que nós mesmos estamos dispostos a executar. Por que será que até aqui temos pensado com tão pouca objetividade sôbre a sua sujeição à tentação e à fraqueza? Temos de aprender a olhar os homens, menos de acôrdo com o que fazem e deixam de fazer, do que em atenção ao que sofrem. A única relação fecunda com os homens — e particularmente com os fracos — é a do amor, isto é, a vontade de viver com êles em comunidade. Deus mesmo não desprezou o homem, ao contrário, por causa do homem, Deus se tornou homem.

Justiça Imanente

Conta entre as experiências mais estupendas e ao mesmo tempo irrefutáveis que o mal comprova sua tolice e inutilidade, e isto freqüentemente, em prazo surpreendentemente curto. Com isto não se afirma que a tôda ação má se segue de imediato o castigo, mas certo é que em princípio a transgressão dos Mandamentos de Deus no suposto interêsse da sobrevivência terrena, resulta exatamente em conseqüências que prejudicam êste interêsse. Esta nossa experiência pode ser interpretada de maneira diversa. Em todo caso parece ser certo que do convívio dos homens resultam leis que são mais fortes do que tudo que pretende sobrepujar-se a elas. Por esta razão não seria apenas injusto, mas também imprudente, desprezar estas leis. Daí se nos torna compreensível porque a ética aris-

totélico-tomista elevou a prudência à categoria de virtude cardeal. Não procede o que um certo modo de pensar neo-protestante na ética quis insinuar: que prudência e tolice, do ponto de vista ético, sejam indiferentes. O prudente reconhece na plenitude do concreto e das possibilidades nêle contidas ao mesmo tempo os limites intransponíveis, resultantes para tôda a ação das leis permanentes ao convívio humano. É neste reconhecimento que o prudente faz o bem, o homem bom age prudentemente.

Acontece que não há uma ação de importância histórica que não transgrida os limites desta lei. Decisiva é porém a diferença entre duas atitudes, uma que encara tal transgressão das leis estabelecidas, de princípio, como uma anulação, como se fôsse um direito de tipo peculiar, a outra que bem conserva a consciência desta transgressão como culpa inevitável e justifica-se apenas com o propósito do imediato restabelecimento e respeito da lei e dos limites. Não seria necessàriamente hipocrisia se fôsse apresentado como objetivo da ação política o restabelecimento do direito, e não simplesmente a sua sobrevivência. No mundo o arranjo é que o respeito fundamental das leis últimas e dos direitos da vida ao mesmo tempo é mais útil à sobrevivência e que estas leis só admitem uma transgressão curta, única e em caso isolado, enquanto elas eliminam mais cedo ou mais tarde e com violência irresistível aquêle que pretende transformar a necessidade em princípio e destarte estabelecer uma lei própria. A justiça imanente da história sòmente recompensa e pune a ação, enquanto a justiça eterna de Deus prova e julga os corações.

Algumas Proposições a Respeito da Atuação de Deus na História

Creio que Deus de tudo, mesmo do mal em sua expressão máxima, pode e quer fazer surgir o que é bom. Creio que Deus em tôda a situação de necessidade nos quer dar santa resistência, quanta nos é precisa. Mas Êle não no-la fornece antecipadamente, a fim de evitar que confiemos em nós mesmos, devemos confiar ùnicamente n'Êle. Em tamanha fé deveria ser superado todo o mêdo diante do futuro. Creio que nem mesmo nossas faltas e erros são em vão e que para Deus não será mais difícil arranjar-se com êles do que arranjar-se com nossas supostas obras boas. Creio que Deus não é um mero fato independente de todos os tempos, mas que Êle espera por orações sinceras e ações responsáveis e as responde.

Confiança

Dificilmente é poupada a alguma pessoa a experiência da traição. A figura do Judas, que antigamente nos poderia parecer incompreensível, não mais nos é estranha. O ar de tal maneira se acha envenenado pela desconfiança que quase perecemos sob sua pressão. Onde, entretanto, conseguimos romper a camada da desconfiança, pudemos colhêr a experiência de uma nunca antes imaginada confiança. Aprendemos lá onde confiamos, a entregar nossa cabeça nas mãos do outro; contra tôdas as múltiplas interpretações, as quais nossa vida e nossa ação teve de se sujeitar, aprendemos a confiar ilimitadamente. Sabemos agora que ùnicamente com tal confiança, que sem dúvida alguma não deixa de ser um risco, mas um risco alegremente aceito, se vive e trabalha verdadeiramente. Sabemos que semear ou estimular desconfiança é das atitudes mais responsáveis e que, ao contrário, deveríamos, quanto possível, fortalecer e promover confiança entre os homens. A confiança continuará a ser uma das maiores e mais raras dádivas a trazer felicidade ao convívio humano, e certamente só poderá surgir sôbre o fundo escuro de uma suspeita necessária. Aprendemos a não nos entregarmos, por nada, ao ordinário, mas a nos submetermos incondicionalmente àquele que merece fé.

Senso de Qualidade

Caso não recuperemos a coragem de restabelecer o senso pelas humanas distâncias e lutar por elas, pereceremos na

anarquia dos valôres humanos. A insolência que se evidencia no menosprêzo de tôdas as distâncias humanas, ao mesmo tempo constitui característica da plebe, assim como a insegurança íntima, o regatear e cortejar o favor do insolente, o rebaixar-se aos modos da plebe é caminho à decadência própria. No momento em que já não se sabe mais o que se deve aos outros, quando se apaga o senso de qualidade e a capacidade de manter distância, o caos estará à porta. Lá onde toleramos por mero comodismo material que a insolência se aproxime, já nos teremos rendido a nós mesmos, e a correnteza da enchente terá rompido o dique onde seria o nosso lugar, de modo que teremos culpa pelo todo ameaçado. Em outros tempos talvez tenha sido a missão da cristandade dar testemunho da igualdade dos homens; hoje, todavia, exatamente o cristianismo terá de defender o respeito às distâncias humanas e a qualidade do homem, e isto apaixonadamente. A interpretação errônea, como se o cristianismo desta forma tratasse de causa própria, a suspeita de opinião associal, teremos que agüentar. Tais são as censuras permanentes da plebe contra tôda a ordem. Quem nesta hora ficar brando e inseguro não entende o que está em jôgo, e provàvelmente as censuras o atingem com justiça. Achamo-nos em meio do processo de degeneração em tôdas as classes sociais e ao mesmo tempo parece surgir a hora de nascer um nôvo comportamento nobre que tende a unir um círculo de homens de tôdas as camadas sociais tradicionais. Nobreza subsiste e resulta de sacrifício, coragem e de um conhecimento claro daquilo que se deve a si mesmo e ao outro, por uma exigência natural de respeito, como convém, bem como por uma manutenção do respeito para cima tanto quanto para baixo. A questão é, em tôda a linha, conseguir-se a recuperação das experiências de qualidade, tão abaladas; sim, importa restaurar a ordem sôbre a base da qualidade. Qualidade é o arquiinimigo de todo o tipo de degeneração das classes sociais.

Socialmente isto significa a renúncia à caça de posições, o rompimento com o culto de estrêlas de cinema e teatro, esporte e jornalismo, o olhar livre para o alto e para baixo, especialmente no que diz respeito à escolha das amizades mais chegadas, à alegria, à vida íntima e à coragem para a vida pública. Culturalmente equivale à experiência de qualidade ao retôrno de jornal e rádio para o livro, da vida em constante precipitação ao ócio e à quietude, da distração à concentração, da sensação à reflexão, do ideal de virtuose à arte do esnobismo à modéstia, da intemperança à sobriedade. Quantidades disputam espaço uma com a outra, qualidades, entretanto, se completam.

Comparecer

Deve contar-se com que a maioria dos homens sòmente fiquem mais prudentes com as experiências que sentem na própria carne. Assim se explica primeiramente a surpreendente incapacidade da maioria para uma ação preventiva de qualquer tipo — pois, geralmente acredita-se na possibilidade de poder escapar ao perigo até que seja tarde demais; em segundo lugar, assusta a insensibilidade diante do padecimento alheio. Só em proporção com o crescente mêdo da proximidade ameaçadora da desgraça cria-se a compaixão. Há muito a eleger para a justificação desta atitude, do ponto de vista ético: não se quer pôr a mão em assuntos que cabe ao destino resolver; autêntica vocação e fôrça para a ação apenas pode resultar da situação séria que surge na vida de cada um; afinal, não somos responsáveis por tôda a injustiça e todo o sofrimento no mundo e menos ainda somos juízes do mundo. Do ponto de vista psicológico: a total carência de fantasia, de sensibilidade, do estado interior de constante alerta é compensada por uma sólida indiferença, resistência imperturbável de trabalho e grande capacidade para o sofrimento. Se olharmos tudo isso com o olhar cristão, entretanto, não nos podemos iludir a respeito da fragilidade de tôdas essas justificativas, pois nos parece que o que realmente falta é a amplitude do coração bem formado. Cristo manteve-se distante do sofrimento até que chegasse sua hora. Então, Êle o enfrentou com liberdade, atacou-o e venceu-o sem hesitação. Conforme diz a Escritura, Cristo suportou todos os sofrimentos de todos os homens na sua carne como sofrimento próprio — eis uma idéia incrìvelmente sublime — e Cristo suportou-os na liberdade plena. Não podemos certamente comparar-nos com Cristo, nem somos vocacionados para salvar o mundo por

nossa própria ação ou sofrimento. Não devemos querer nos sobrecarregar com o impossível e com êle nos torturar, já que não o poderemos suportar, pois, não somos senhores, mas apenas instrumentos ou ferramentas na mão do Senhor da História. De fato, só conseguimos sofrer os padecimentos de nosso semelhante em medidas bem limitadas. Não somos Cristo, mas se quisermos ser cristãos, tal importaria que participássemos da amplitude do coração de Cristo em ação responsável, que em liberdade apanha a hora exata e enfrenta o perigo e se dispõe a um comparecer autêntico, que não é ditado pelo mêdo, mas brota do amor libertador e redentor de Cristo para com todos os que sofrem. Mera expectativa passiva e assistência indiferente não são atitudes cristãs. O cristão não pode esperar até que seja alertado pelas experiências na própria carne, mas desperta com as experiências do sofrimento dos irmãos, pelos quais Cristo padeceu, e isto o impele à ação e à compaixão.

Do Padecer

É muitíssimo mais fácil sofrer na obediência a alguma ordem humana do que sofrer na liberdade de uma ação responsável. É muitíssimo mais fácil sofrer em comunidade do que na solidão. É muitíssimo mais fácil sofrer em público e sob honras do que às escondidas e em desonra. É muitíssimo mais fácil sofrer pelo sacrifício da vida material do que pelo espírito. Cristo sofreu na solidão, isolado e em vergonha na carne como no espírito, e desde então muitos cristãos sofrem com Êle o mesmo.

Presente e Futuro

Até aqui nos parecia constituir um dos direitos inalienáveis da vida humana poder traçar os planos para a existência, tanto na vida profissional como pessoal. Isto acabou. Sob o

imperativo das circunstâncias chegamos a uma situação em que devemos desistir de "nos inquietar pelo dia de amanhã" (S. Mateus 6:34), havendo uma grande diferença se isto acontece em virtude da livre resposta da fé, como a caracteriza o Sermão da Montanha, ou sob pressão do respectivo momento. Para a maioria dos homens significa a renúncia forçada de todo o planejamento, a submissão resignada, irresponsável e leviana ao momento, enquanto uns poucos ainda continuam sonhando com um futuro mais bonito, tentando assim superar a tristeza do presente. Ambas as reações para nós são impossíveis. Só nos resta o caminho estreito que às vêzes mal se descobre, e teremos de tomá-lo diàriamente como se fôsse o último. Mesmo assim devemos viver na fé e responsabilidade de tal modo como se nos esperasse ainda um glorioso futuro. "Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra" (Jeremias 32:15), assim deve o profeta Jeremias proclamar, em vivo contraste com seus presságios ameaçadores, na véspera da destruição da Cidade Santa, o que constituíra diante da situação desesperadora um sinal divino e garantia de um grande porvir. Pensar e agir com vistas à nova geração, e nesta atitude estar pronto para prosseguir sem mêdo nem preocupação, todos os dias, eis o comportamento que se nos impõe. Certamente não será fácil suportar tudo isso com coragem, mas é necessário.

Otimismo

É mais prudente mostrar-se pessimista: assim as desilusões são esquecidas e não temos de nos envergonhar diante dos homens. Por esta razão o otimismo é visto com desaprovação pelos prudentes. Otimismo, entretanto, não é essencialmente uma opinião sôbre a presente situação, mas representa uma fôrça vital, uma energia da esperança, onde outros resignam, uma resistência de manter erguida a cabeça, quando tudo parece querer fracassar, uma fôrça que jamais entrega o futuro ao adversário, mas o reclama para si. Sem dúvida alguma existe um otimismo covarde, estúpido, tolo que não pode colhêr aprovação de ninguém. O otimismo entretanto,

que equivale a uma vontade para o futuro, ninguém deverá menosprezar, mesmo que erre centenas de vêzes. Eis que é a saúde da vida, que o doente não deve contaminar. Homens há que julgam ser condenável, cristãos inclusive existem que consideram ser ímpio esperarmos um futuro terreno melhor e prepararmo-nos para tanto. Acreditam êles no caos, na desordem, na catástrofe como sentido dos acontecimentos presentes e assim se recolhem para a resignação e pia fuga ao mundo, escapando destarte à responsabilidade para com a continuação da vida, a reconstrução e as gerações a vir. Pode ser que o Dia do Juízo seja amanhã, pois bem, então será de bom grado que desistimos do trabalho em favor de um futuro melhor, mas antes não.

Perigo e Morte

Pensar na morte tornou-se nos últimos anos bem mais familiar. Ficamos mesmo admirados com o sangue frio com o qual recebemos notícias da morte de companheiros de infância. Nem mais conseguimos odiar a morte, pois nela já descobrimos alguns traços de bondade e quase nos reconciliamos com ela. Dentro de nós sentimos que já lhe pertencemos e que cada nôvo dia não passa de um milagre. Não seria direito dizermos que gostamos de morrer — mesmo que a ninguém seja desconhecido aquêle cansaço, contra o qual devemos nos defender com tôdas as fôrças — para tanto somos curiosos demais ou se o dissermos com mais seriedade: gostaríamos ainda de saber alguma coisa no sentido de nossa vida tão confusa. Nem tampouco desejamos dar à morte um ar de heroísmo, pois a vida nos é preciosa demais e cara mesmo. Tanto mais nos recusamos a ver o sentido da vida no perigo, pois ainda não nos achamos suficientemente desesperados e conhecemos muito bem as coisas boas da vida. Ao mesmo tempo sabemos do mêdo pela vida e os efeitos destruidores de uma constante ameça à vida. Nós ainda amamos a vida, mas creio que a morte não mais nos possa surpreender. Nem mais temos coragem de admitir o íntimo desejo de que a morte não nos apanhe por acaso, repentinamente, longe do

essencial, mas na plenitude da vida e na inteireza de nosso sacrifício, porque as experiências da guerra nos desanimam. Não as circunstâncias externas, mas nós mesmos transformaremos a morte naquilo que ela deve ser, morte por voluntária aquiescência.

Somos Ainda Aproveitáveis?

Temos sido testemunhas mudas de atos criminosos, fomos lavados com muitas águas, aprendemos as artes do disfarce e da oração ambígua, por experiência ficamos desconfiados contra os homens e muitas vêzes lhes ficamos devendo a verdade e a palavra franca, cansamos sob os conflitos insuportáveis e quiçá nos tornamos cínicos até — somos ainda aproveitáveis? Verdade é que não necessitaremos de gênios, nem de cínicos, nem de desprezadores dos homens, nem de sabidos táticos, mas sim de simples, modestos e retos homens. Será que nossa íntima resistência contra tudo que nos foi impôsto se mostrará forte e nossa sinceridade contra nós mesmos impiedosa o bastante para que achemos novamente o caminho para a simplicidade e retidão?

Cartas aos Pais

QUERIDOS PAIS:

14.4.43

ANTES DE TUDO mais deveis saber e realmente acreditar que vou bem. Lamentàvelmente só vos posso escrever hoje, mas o que vos digo refere-se aos dez dias em que aqui estou. Aquilo que comumente numa prisão parece ser particularmente desagradável, quais sejam as pequenas carências da vida material, eis que não tem tanta importância como julgamos. O homem pode fartar-se com pão sêco de manhã — e ademais há muita coisa boa — e a cama de campanha já nem mais me incomoda. Sabei que das 8 horas da noite até às 6 da manhã dorme-se suficientemente. Confesso que me surpreende não ter sentido desde o primeiro momento nenhum desejo de cigarros. Creio mesmo que em tôdas essas coisas o elemento psíquico é decisivo. Uma tão profunda transfor-

mação interior como a requer uma inesperada detenção, a necessidade de se adaptar e conformar interiormente com uma situação inteiramente nova, deixa passar para o plano secundário tudo que é físico e material. Por esta razão considero um real enriquecimento de minha experiência o que venho passando atualmente. Estar só, já não é para mim algo tão estranho como para outras pessoas e constitui seguramente um bom banho de sauna. A única coisa que me preocupa é a idéia de que vós sentis cuidado e mêdo por mim, de modo que não dormis nem comeis direito. Perdoai-me que vos cause cuidados, mas acredito desta vez ter menos culpa do que ser a vítima de uma adversidade realmente enjoada. Contra isto é bom lerem-se hinos de Paul Gerhardt, como faço agora seguidamente. Aliás tenho minha Bíblia e bastante material para ler da biblioteca daqui mesmo, como também trouxe bastante papel para escrever...

Há 14 dias atrás foi o 75º aniversário. Foi um dia bonito. Os hinos matutino e vespertino com as muitas vozes e instrumentos ainda ressoam em minha alma: "Louva, oh minha alma ao Senhor de poder inaudito... que te guarda do mundo imutável com Seu amor tão constante, profundo, inefável". Assim é, e nisto devemos continuar a confiar. — É época em que a primavera vem com todo o vigor. De certo trabalhais muito no jardim. Aqui no pátio do presídio canta maravilhosamente de manhã, e agora também à noite, um melro. É-se grato pelo mais insignificante, e também isso deve ser lucro. Passai bem.

Páscoa, 25.4.43

Afinal chegou hoje o 10º dia, quando me dão permissão para vos escrever e gostaria muito de vos informar sôbre a felicidade com que aqui comemoro a Páscoa. É algo realmente libertador na Sexta-Feira da Paixão e na Páscoa que os pensamentos transcendam longe o destino pessoal e vão até o último sentido da vida, do sofrimento e dos acontecimentos mesmo, e assim ganha-se uma grande esperança. Desde ontem ficou esta casa maravilhosamente silenciosa. Ouve-se

como um diz ao outro: "Feliz Páscoa" e, sem inveja, deseja-se a todos que aqui prestam seu pesado serviço uma festa feliz.

Agora, entretanto, preciso primeiramente agradecer-vos por tudo que me trouxestes... Dificilmente podeis imaginar o que significa ouvir-se dizer, de repente: Estiveram aqui recentemente sua mãe, sua irmã, seu irmão e entregaram alguma coisa para você. Simplesmente o fato da proximidade, o visível vestígio de que sempre pensais em mim e por mim — para saber isso não há necessidade de presentes, é claro — traz tão grande felicidade que perdura em seu feito por todo o dia. Muito, muito obrigado por tudo.

Eu continuo indo bem, tenho saúde e me deram permissão para passear diàriamente meia hora ao ar livre. Como também recuperei a licença para fumar, esqueço por breve espaço de tempo onde me encontro. Recebo um tratamento bom, leio muito e além do jornal e de romances leio a Bíblia. Ainda não acho a devida concentração para trabalhar mesmo, mas durante a Semana Santa dediquei-me ao estudo da Oração Sacerdotal mais profundamente, parte da história da Paixão que há muito me interessa. Também consegui iniciar uma introdução ao estudo da ética paulina. Julguei-a deveras importante. Por isso não me faltam razões para eu me sentir grato.

Estranho, aliás, como os dias aqui passam ràpidamente, que já me acho aqui há três semanas, até me parece incrível. Gosto de ir dormir pelas 8 horas — a ceia é servida às 4 horas — e anseio satisfeito por meus sonhos. Antes nunca soube como é maravilhoso o dom de sonhar. Assim eu sonho todos os dias e quase sempre coisas agradáveis. Até adormecer repito versos decorados durante o dia e, de manhã, pelas 6 horas, alegro-me com a leitura de Salmos e hinos com a possibilidade de poder pensar em vós, sabendo que vós igualmente vos lembrais de mim.

Neste entretempo o dia passou e espero que tenhais a mesma paz interior que eu possuo. Li muita coisa boa, pensei coisa bonita e alimento as melhores esperanças.

5.5.43

Agora, após 4 semanas de detenção, opera-se uma rápida e consciente conciliação interior com o destino, acrescida aos poucos por uma inconsciente mas natural adaptação.

Isto constitui um alívio, mas apresenta, contudo, seus problemas; ninguém deve querer acomodar-se a um estado como êste, creio que pensais da mesma forma. — Quereis saber mais sôbre a minha vida aqui: para imaginar uma cela, não será necessário muita fantasia; quanto menos, tanto mais exato. Para a Páscoa o DAZ* estampou nas suas páginas uma reprodução do *Apocalipse* de A. Duerer. Dependurei-a no meu quarto e as prímulas que mamãe me mandou ainda estão aqui também. Das 14 horas do dia, passeio cêrca de 3 na cela, o que equivale a muitos quilômetros, e ainda ando no pátio meia hora. Leio, estudo e trabalho. Tive um prazer muito grande na leitura de Jeremias Gotthelf de sua maneira clara, sã e serena. Vou bem e gozo saúde.

Agora se aproxima o casamento de S. ràpidamente. É bem provável que não possa mais escrever antes. Num dia dêsses li num livro de Jean Paul que as "únicas alegrias que resistem ao fogo são alegrias do Lar"...

Almejo-lhes de todo o coração um dia muito jubiloso e estarei em meus pensamentos e desejos com êles. Gostaria muito de que êles em pessoa pensassem em mim só com idéias, recordações e esperanças boas. Justamente quando se suporta dias ruins, deseja-se que as autênticas alegrias da vida — e um casamento faz parte delas, sem dúvida alguma — conservem seu direito também.

Muito me lembro ùltimamente daquela linda canção de Hugo Wolf que ainda há dias atrás freqüentemente cantávamos: "Com a noite, com a noite surgem alegria e sofrimento; e, antes do que pensaste já te deixaram ambos e vão dizer ao Senhor como tu os suportaste". Importa, exatamente êste "como" que é mais essencial do que tôda experiência exterior. Acalma de uma vez as idéias tantas vêzes torturantes acêrca do futuro. Repito meu muito obrigado por tudo que diàriamente pensais, fazeis e suportais por minha causa. Dai lembranças aos meus irmãos e amigos e R. que comemore seu casamento sem sombras mas bem feliz. Êle esteja certo de que conseguirei estar realmente alegre com todos aí mesmo.

* *Diário Geral Alemão* — N. do T.

15.5.43

Quando receberdes esta carta, já terão passado os últimos dias dos preparativos e da festa do casamento, bem como minha saudade íntima de todos vós... Mui grato penso hoje nos tantos bons anos e nas tantas belas horas passadas e ainda me alegro com tudo isso. Estou ansioso por saber o texto da cerimônia do casamento; o mais significativo que eu conheço está em Romanos 15:7, muitas vêzes o escolhi. Que tempo maravilhoso de verão êles têm; certamente cantarão como hino matinal o de Paul Gerhardt: "O sol dourado".

Após longo intervalo recebi vossa carta... Muito obrigado. Para quem o lar paterno constitui tanto uma parte de si mesmo, como para mim, qualquer saudação representa motivo de imensa gratidão.

Se ao menos nos pudéssemos ver por uns instantes ou falar, mesmo que fôsse só por um momento. Isso traria um grande e interior descanso. É verdade que a idéia que se tem lá fora sôbre a vida na prisão não pode estar muito acertada. A situação em si, isto é, o momento isolado do resto, não se apresenta tão diferente da mesma experiência em outro lugar. Eu leio, reflito, escrevo e caminho — e isto mesmo sem que me machuque qual urso polar nas paredes — e importa que a pessoa saiba conservar aquilo que ainda pode ter — e isto sempre ainda é bastante — ao mesmo tempo se deve impedir o surto de pensamento naquilo que não se pode ter e o rancor sôbre a situação e a inquietude geral. De fato, nunca se me tornou tão compreensível o que a Bíblia e Lutero entendem por "tentação" como aqui. Sem que haja qualquer causa psíquica reconhecível, ela inopinadamente perturba a paz e a serenidade que se vinha sentindo e o coração se transforma, como Jeremias diz tão significativamente, naquela coisa teimosa e medrosa que não se pode sondar. Então é interpretado como uma invasão de fora, qual ataque de maus podêres que pretendem roubar o essencial. Mas, apesar de tudo, estas

experiências também devem ter seu bom sentido e fazem-se necessárias, pois aprende-se com elas a entender melhor a vida humana. — Estou ainda no esbôço de um pequeno estudo sôbre as *Impressões do Tempo* (*Zeitgefuehl*), uma experiência deveras característica de uma detenção preventiva. Um dos meus predecessores na cela rabiscou sôbre a entrada "em cem anos tudo terá passado"; eis uma tentativa de levar a cabo a experiência de vazio, mas para isso há muita coisa a dizer e gostaria de conversar a respeito disso com papai. A resposta bíblica ao problema é: "Nas tuas mãos estão os meus dias" (Salmo 31:16). Mas é justamente na Bíblia que se formula a pergunta que aqui parece predominar sôbre tudo o mais: "Até quando, Senhor?" (Salmo 13...)

Acho que deveis ler *O espírito de Berna* de J. Gotthelf, e, se não todo o livro, ao menos devereis começá-lo. É algo muito peculiar e êle há de vos interessar, certamente. Lembro-me ainda muito bem de como o velho Schoene elogiou Gotthelf sôbre todos e, por isso, teria vontade de sugerir à Editôra Diederichs a publicação de uma antologia de Gotthelf. Também para Stifter o fundo de tudo é cristão — suas descrições da floresta deixam-me com saudades daqueles gramados florestais da calma Friedrichsbrunn, — mas êle não é mais tão vigoroso quanto Gotthelf, mesmo que se caracterize por uma maravilhosa simplicidade e clareza, de modo que eu sinto grande alegria com a leitura de seus livros. Ah, dia feliz, quando pudermos conversar novamente, à vontade, sôbre tudo isso. Apesar de minhas simpatias pela vida contemplativa, nem por isso nasci para ser monge trapista. Em todo caso um período de silêncio obrigatório sempre pode ser útil e os católicos afirmam que das ordens que mais se devotam à pura vida meditativa se originam as melhores interpretações da Escritura. Aliás eu simplesmente comecei a ler a Bíblia do princípio e estou chegando ao livro de Jó, que aprecio sobremaneira. O Saltério leio, como já há muitos anos, diàriamente. Não há outro livro que ame como êste e os Salmos 3, 47, 70 e outros não consigo mais ler sem que me venha à mente a música de Heinrich Schuetz, cujo conhecimento devo a R., o que considero hoje um dos maiores enriquecimentos da minha vida.

...Sinto-me tanto parte integrante de todos vós que sei como experimentamos tudo em comum, o suportamos e o fazemos e pensamos um pelo outro, mesmo que tenhamos de ficar separados.

Sermão da Cela Para Um Casamento

Maio — 1943

EFÉSIOS 1:12

"a fim de sermos para louvar da sua glória"

UM PAR DE nubentes tem o direito de saudar e passar o dia de seu matrimônio com a sensação de um incomparável triunfo. Quando tôdas as dificuldades, adversidades, obstáculos, dúvidas e escrúpulos não foram simplesmente afugentados, mas honestamente suportados e superados — e de certo é bom quando isto não se processa de modo muito natural — então os dois de fato terão conquistado o decisivo triunfo de sua vida. Com o SIM que disseram um ao outro, deram, em livre decisão, a tôda a sua vida um nôvo rumo. Êles enfrentaram com alegre certeza tôdas as perguntas e tôdas as dúvidas que a vida opõe a qualquer ligação duradoura de duas pessoas e alcançaram assim para si, na própria ação e responsabilidade, terra nova para a sua vida. Algo de júbilo sôbre o fato de que homens possam conseguir coisas tão maravilhosas, que lhes sejam outorgados tão ilimitada liberdade e poder, para tomarem o leme de sua vida em suas próprias mãos, tem de se destacar por ocasião de todo casamento. Deve poder notar-se algo de legítimo orgulho dos filhos desta terra aos quais é permitido contribuir para a construção de sua felicidade, no júbilo de um par de noivos. Não se deve aqui muito apressadamente falar em vontade e direção de Deus. Primeiramente teremos de reconhecer que se

trata de simples vontade humana, que no caso entra em ação e comemora seu triunfo, pois é em todo o sentido o caminho que vós escolhestes para vosso futuro. Por isso não se pode afirmar que tomastes uma decisão mui piedosa mas, ao contrário, uma decisão bastante profana. E é por esta razão que tôda a responsabilidade pelo caminho que andais cabe única e exclusivamente a vós e não há nada que vos possa isentar desta mesma responsabilidade. Para dizê-lo com mais clareza, vós, cônjuges, assumis a inteira responsabilidade pelo êxito do vosso propósito com tôda felicidade que tal responsabilidade envolve. Não ter coragem para confirmar: é a nossa vontade, é o nosso amor, é o nosso caminho seria uma falsa religiosidade. "Ferro e aço vão perecer, mas nosso amor há de sobreviver". Êste desejo por um estado terreno de felicidade como vós o desejais encontrar, um no outro, e que se constitui como diz a antiga canção da Idade Média num consôlo que um recebe do outro para alma e corpo, tal desejo tem perfeitamente seu direito perante os homens e diante de Deus.

É certo que justamente vós dois — se outro houver de quem possa ser dita tal cousa — tendes todo motivo para recordar com uma gratidão sem par vossa vida anterior ao casamento. Alegrias e belezas da vida foram realmente abundantes em vossa existência e tudo se realizou, como também amor e amizade dos homens nunca vos faltaram. Vossos caminhos foram quase sempre aplainados antes que os precisásseis pisar, e em qualquer situação da vida vos sentistes obrigados no seio da família ou dos amigos. Todos só vos desejaram o que há de bom e afinal pudestes encontrar o que tanto desejastes; eis que isso hoje está por se cumprir enfim. Vós o sabeis por vós mesmos que tal sorte na vida nenhum homem pode criar de suas próprias fôrças. Isto é dado a um e é negado a outro, o que nós comumente denominamos direção divina. Se portanto fôr grande hoje o vosso júbilo porque alcançastes o cumprimento de vossa vontade e a meta do vosso caminho, grande também será vossa gratidão pelo fato de que foram a vontade de Deus e o seu caminho que vos trouxeram até aqui. Quão confiantemente vós hoje assumis a responsabilidade pela vossa ação, tão confiantemente podereis e haveis de encomendar hoje esta responsabilidade nas mãos de Deus.

No momento em que Deus hoje disser SIM para vosso sim, concordar em Sua divina vontade com vossa vontade, quando Deus assim permitir o vosso triunfo, júbilo e orgulho e ainda Se alegrar com tudo isso, Êle vos tornará instrumentos de seu querer e plano que tem convosco e com os homens. Deus diz realmente, e com incrível condescendência, SIM para vosso sim; mas enquanto Êle fizer assim criará ao mesmo tempo algo totalmente nôvo: Êle cria do vosso amor — O santo matrimônio.

DEUS DIRIGE VOSSO MATRIMÔNIO. Matrimônio é mais que o amor que tendes um pelo outro. Êle possui mais elevada dignidade e poder porque é instituição sagrada de Deus, pela qual Êste pretende conservar o homem até o fim dos dias. No vosso amor ambos vêdes só a vós, no mundo, pelo matrimônio vos tornastes um elo na cadeia das gerações que Deus cria assim como as faz desaparecer para a Sua honra e as chama para o Seu reino. Em vosso amor só enxergais o céu de vossa própria felicidade, graças ao matrimônio sois postos no mundo como responsáveis pelos homens. Vosso amor pertence exclusivamente a vós e de modo muito pessoal; o matrimônio é algo acima do pessoal — é um estado, uma função. Assim como a coroa faz o rei e não a simples vontade de governar, assim também é o matrimônio e não já o vosso amor de um pelo outro que vos torna um par diante de Deus e perante os homens. Assim como primeiramente destes as alianças um ao outro, vós mesmos, e, depois as recebeis mais uma vez da mão do ministro, o amor nasce de dentro de vós, mas o matrimônio vem de cima, da parte de Deus. Quanto mais estiver Deus acima do homem, tanto mais elevada a santidade, o direito e a promissão do matrimônio do que a santidade, o direito e a promissão do amor. Não é vosso amor que sustenta o matrimônio, mas de hoje em diante é o matrimônio que sustenta vosso amor.

DEUS TORNA VOSSO MATRIMÔNIO INDISSOLÚVEL. "O que Deus uniu, não o separe o homem". (S. Mat. 19:6) Deus vos une pelo matrimônio; não o fazeis vós, mas quem o faz é Deus. Não confundais o vosso amor com Deus. Deus institui vosso matrimônio como indissolúvel, Êle o guarda contra todo o perigo, que porventura o ameace de fora ou de dentro. Deus

será quem garante a sua indissolubilidade (o fiador) para aquêle que sabe que não há nenhum poder do mundo, nenhuma tentação, nenhuma fraqueza humana que possa dissolver o que Deus conserva unido, isto significa uma certeza muito feliz. Realmente, quem isso sabe pode dizer no íntimo consolado: o que Deus uniu, nenhum homem o poderá separar. Livre de todo o mêdo, como sempre acompanha o amor, podeis agora dizer um ao outro em certeza e confiança: Nós não poderemos mais ser perdidos um ao outro, nós pertencemos um ao outro pela vontade de Deus até morrer.

DEUS INSTITUIU UMA ORDEM, SOB A QUAL NO MATRIMÔNIO PODEIS VIVER UM COM O OUTRO. "Espôsas, sêde submissas aos próprios maridos, como convém no Senhor. Maridos, amai as vossas espôsas". (Col. 3:18 e 19) com o vosso matrimônio constituís um lar. Para tanto se faz mister uma ordem e esta ordem é tão importante que Deus mesmo a instituiu, sendo que sem ela tudo iria desmanchar-se logo. Em tudo sois livres para a formação do vosso lar, apenas numa coisa sois comprometidos: a mulher seja submissa ao marido e o marido ame a sua mulher. Com isso Deus dá a homem e mulher sua própria honra. É a honra da mulher de servir ao homem, ser-lhe uma ajudadora — como diz a história da criação (Gênesis 2:20), — e amar sua espôsa de coração constitui a honra do marido. "Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher" (S. Mat. 19:5), e êle a amará como "sua própria carne". Uma espôsa que pretende dominar sôbre o seu marido desonra a si mesma e ao seu marido, do mesmo modo como um marido por falta de amor causa desonra a si mesmo e à sua espôsa e ambos desprezam a honra de Deus, que deve pairar sôbre o estado do matrimônio. Certamente são tempos e condições malsãs quando a mulher ambiciona ser como o homem e quando o homem vê na mulher apenas o brinquedo de seu despotismo e de sua liberdade. É o início da dissolução e da decadência de tôdas as instituições da vida humana a mulher considerar o servir como preterição e ofensa de sua honra, ou o homem achar que seu amor exclusivo pela espôsa seja sinal de fraqueza varonil ou talvez ignorância.

A casa do marido é o lugar para onde a mulher se vê posta por Deus. Hoje na maioria dos casos já caiu no esquecimento o que um lar pode significar, mas a nós outros justamente nesta época isto se tornou ainda mais evidente na tempestade do tempo, um abrigo, sim, um santuário. Já não se fundamenta sôbre o chão oscilante dos acontecimentos da vida exterior e pública que sempre mudam, mas tem seu repouso em Deus, isto quer dizer, o lar recebe de Deus seu sentido e valor próprios, sua natureza e seu direito, sua determinação e dignidade. O lar é uma instituição de Deus no mundo, é o lugar onde — quaisquer que sejam os acontecimentos no mundo — paz, quietude, alegria, amor e pureza, disciplina, respeito, obediência e tradição e *em tudo isto — felicidade* terá sua morada. É vocação e a felicidade da mulher poder construir para o homem o lar no mundo e poder operar nêle. Bendita será ela se reconhecer quão sublime e rico tal destino e tarefa é. O reino da mulher e espôsa não é o nôvo mas o permanente, não aquilo que muda, mas o que se apresenta constante, não o ruidoso, mas o quieto, não as palavras, mas o agir, não o mandar, mas o ganhar, não o cobiçar, mas o ter — e tudo isto animado e sustentado pelo amor ao marido. Nos provérbios de Salomão se lê: "O coração de seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Êle lhe faz bem e não o mal, todos os dias de sua vida. Busca lã e linho, e de bom grado trabalha com as mãos... É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa, e a tarefa às suas servas... Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado... A fôrça e a dignidade são seus vestidos, e quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações... Levantam-se seus filhos, e a chamam ditosa; seu marido a louva... Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a tôdas sobrepujas. "Prov. 13:11 ss. A felicidade que um homem encontra numa espôsa verdadeira, ou como diz a Bíblia, 'virtuosa' e 'prudente', nas Sagradas Escrituras repetidas vêzes é apresentada como a fortuna terrena que tudo sobrepuja". O seu valor de muito excede o de finas jóias. "(prov. 31:10)" A mulher virtuosa é a coroa de seu marido", (prov. 12:4) com a mesma fraqueza, entretanto, a Bíblia fala da desgraça que resulta para um homem e qualquer lar por causa de uma mulher leviana e "tôla". Se o marido é chamado cabeça da mulher e isto sob a comparação "como também Cristo é o cabeça da Igreja" (Efésios 5:23), cai com isto um divino reflexo sôbre nossas condições terrenas, e êste devemos reconhecer e reverenciar. Tal dignidade como é aqui auferida ao

homem, não resulta de suas aptidões e inclinações pessoais, mas se originam de uma função, conforme a recebe no seu matrimônio. A espôsa deve vê-lo revestido desta dignidade. Para êle, todavia, esta dignidade representa elevada responsabilidade. Como o cabeça êle assume a responsabilidade sôbre a mulher, sôbre o matrimônio e sôbre o lar. Cabe ao marido o cuidado e a proteção dos seus e êle representa seu lar perante o mundo, êle é o amparo e o consôlo para os seus, é o mordomo que admoesta, pune, ajuda, conforta e pelo seu lar advoga perante Deus. Como ordem da parte de Deus é bom quando a mulher honra o seu marido na sua função e quando o homem realmente desempenha suas funções em honradez. "Sábios" são marido e mulher que reconhecem a ordem de Deus e a guardam; "tolo" é aquêle que julga poder pôr em lugar dessa ordem outra nascida de sua própria vontade e razão.

DEUS PÔS SÔBRE O MATRIMÔNIO UMA BÊNÇÃO E UMA CARGA. A bênção é a descendência. Deus confia ao homem participação na sua inesgotável obra criativa; mas é sempre Deus mesmo que abençoa um matrimônio com filhos. "Herança do Senhor são os filhos". (Salmo 127:3). E como tais devemos aceitá-los. Os pais recebem de Deus seus filhos e para Deus devem conduzi-los. Por esta razão assiste aos pais autoridade divina sôbre os filhos. Lutero fala da "corrente de ouro" que Deus põe nos pais, e a observação do 4º Mandamento tem, segundo a Escritura, a especial promessa de longa vida sôbre a terra. Pela razão e pelo tempo, entretanto, que os homens habitam a terra, Deus os faz recordar que esta terra está sob a maldição do pecado e portanto não representa o último na experiência do homem. Sôbre o destino da mulher e do homem pousa uma sombra negra da ira divina, pesa uma carga divina que êles têm de carregar. A mulher há de dar a luz sob dores, e o homem terá de colhêr muitos espinhos e cardos no seu cuidado pelos seus e fará seu trabalho com o suor de seu rosto. Esta carga deverá fazer com que o homem e a mulher invoquem a Deus e os há de lembrar seu destino no Reino dos Céus. A comunidade terrena é apenas um comêço da comunidade eterna e o lar terreno nada mais é do que uma imagem do lar celestial. A família terrena não passa de uma reflexão da paternidade de Deus sôbre todos os homens, que diante d'Êle todos são seus filhos.

DEUS VOS OFERECE CRISTO COMO FUNDAMENTO DE VOSSO MATRIMÔNIO. "Portanto acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus". (Rom. 15:7) Em uma só palavra: vivei uns com os outros no perdão dos pecados, sem o qual nenhuma comunidade humana e menos um matrimônio poderá sobreviver. Não sejais teimosos uns com os outros, não julgueis nem condeneis, não vos eleveis sôbre os outros, nunca culpeis uns aos outros, mas suportai-vos assim como sois e perdoai-vos diàriamente e de coração. Isto terá de valer do primeiro dia de vosso matrimônio até o último: aceitai-vos um ao outro... para o louvor de Deus.

Destarte ouvistes a palavra de Deus sôbre o vosso matrimônio. Dai-lhe graças, pois Êle vos trouxe até aqui, implorai-Lhe para que firme, fortaleça, santifique e guarde o vosso matrimônio. Assim sereis em vosso matrimônio "algo para o louvor de Sua glória". Amém.

Dia da Ascensão, 4.VI.43

...Muito vos agradeço vossas cartas mesmo que sempre me pareçam ser curtas demais, mas eu compreendo isto perfeitamente. Então é como se a porta da prisão se abrisse por um momento e eu participasse da vida um pouco lá fôra convosco. Nesta casa séria na qual não se ouve um riso sequer — pois nem os guardas mais o conhecem — é forte a ânsia por alegria e aproveitam-se tôdas as fontes internas e externas de alegria quando surgem.

Hoje é dia da Ascensão, portanto um dia de grande júbilo para todos que podem crer que Cristo governa o mundo e a nossa vida. Os pensamentos vão até todos vós, até a igreja e os cultos, dos quais já me vejo privado há longo tempo. Igualmente penso nas tantas pessoas desconhecidas que nesta casa vêm suportando o seu destino sem mais nenhuma reação. Êstes e outros pensamentos defendem-me contra a tentação de dar maior e exclusiva importância às minhas insignificantes privações. Pois isto seria injusto e ingrato.

Agora mesmo escrevi novamente algo sôbre as *Impressões do Tempo* (*Zeitgefuehl**). Isto me causa imenso prazer e quando se escreve da experiência imediata, tudo parece vir com mais fluência da mão e se escreve para ficar livre. Já li a *Antropologia* de Kant, pela qual muito te agradeço, papai. Eu não a conhecia ainda. Achei muita coisa interessante neste livro, mas mesmo assim não passa de uma psicologia rococó muito racionalista, que desconhece muitos fenômenos essenciais. Poderias mandar-me algo realmente bom sôbre formas e funções da memória? Isso me interessa bastante agora em conexão com o assunto. De fato, bonitas são as interpretações do "fumar" como autodistração. Fiquei bem contente em saber que agora lêdes Gotthelf; com certeza tereis grande prazer nas suas "andanças". Em assuntos científicos li aqui *A História da Ação Caritativa Cristã* de Uhlhorn. Gostei e ela me lembrou os seminários de História da Igreja com Holl. Quase diàriamente leio um pouco de Stifter; a vida é tão bem abrigada e discreta de seus personagens — êle, como sabeis, muito antiquado, e só descreve pessoas simpáticas — torna esta atmosfera aqui mais salutar e dirige os pensamentos para o conteúdo essencial da existência. Ademais acontece que aqui na cela o indivíduo é reconduzido interior e exteriormente para as coisas mais simples da vida. Por isso, aliás, nada pude fazer com Rilke. Talvez, porém, a faculdade intelectual também sofra um tanto sob a estreiteza do ambiente em que se vive.

Pentecostes, 14.VI.43

Comemoramos Pentecostes ainda separados, mesmo que seja uma festa de comunidade, e de modo todo peculiar. Quando hoje de manhã se ouvia o badalar dos sinos, fiquei com saudades do culto, mas logo fiz como João em Patmos e realizei para mim mesmo um culto tão expressivo que já nem mais senti a solidão, pois vós todos bem como as congregações, com as quais já tive a oportunidade de festejar Pentecostes, estiveram bem presentes. O hino de Pentecostes de

* Esta palavra não existe sequer em inglês. — N. do T.

P. Gerhardt com os bonitos versos: :"Tu és o espírito de tôda a alegria" e "Dá júbilo e fortaleza" repeti para mim desde ontem à noite, de hora em hora, e tenho minha alegria nêles. Mais ainda as palavras: "Se te mostras fraco no dia da angústia, a tua fôrça é pequena." (Prov. 24:10) e "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação". (II Tim. 1:7) o estranho episódio do milagre das línguas também me despertou nôvo interêsse. Que a confusão babilônica de línguas, devido à qual os homens não mais se podem entender, já que cada um fala sua própria língua, tenha um fim e seja superada pela linguagem de Deus que todos os homens entendem e graças à qual os homens conseguem novamente fazer-se entendidos uns pelos outros; e que a Igreja deve ser o lugar onde isto acontece, são realmente grandes e importantes idéias. Leibniz lutou sua vida inteira pela concretização da idéia de uma escrita universal, que conseguisse expressar todos os conceitos, não tanto em palavras mas por símbolos evidentes. Isto dá idéia de seu desejo de curar o mundo tão desunido já naquele tempo. Eis um reflexo filosófico para o episódio de Pentecostes. — Reina novamente completo silêncio na casa. Ouvem-se apenas os passos dos guardas e dos presos que caminham em suas celas de um lado a outro, e quantos pensamentos inconsoláveis não estão sendo levados em cada passo. Se eu fôsse capelão de presídio, passaria em tais dias, desde cedo até a noite, de cela para cela. Muita coisa aconteceria então...

Vós esperais tanto quanto eu, e devo confessar-vos que no meu subconsciente sempre esperei voltar à liberdade até Pentecostes. Isto apesar de me advertir a mim mesmo, no íntimo, para não fixar data alguma para isto. Amanhã já terão passado 10 semanas. Jamais pensamos que isso pudesse acontecer com uma chamada prisão "preventiva" já que éramos leigos no assunto. Hoje vejo que é mesmo um êrro ser tão ignorante em assuntos jurísticos como eu sou. Só mesmo aqui verifico em que ambiente diferente do de teólogo tem de viver o jurista; mas também isso é instrutivo e penso que afinal tôdas as coisas têm seu direito no seu lugar. Em todo caso não nos resta outra coisa senão aguardar com máxima paciência e sem nos entregarmos à amargura, na plena confiança de que cada um fará para a rápida solução o que puder. Há um dito muito sugestivo de Fritz Reuter: "Não há vida alguma que

passe tão sem novidade e suavemente que nunca bata contra um dique e caia num redemoinho ou que homens não atirem pedras na água clara, pois, a todos podem acontecer coisas desagradáveis — e é mister zelar então para que a água se mantenha límpida ao ponto de que nela se possam espelhar céu e terra — creio que com tais palavras foi dito tudo. O ensaio sôbre o *Zeitgefuehl* está quase pronto; agora êle tem de repousar um pouco para que se verifique se consegue sobreviver. É segunda-feira de Pentecostes. Nesse instante me sentei para almoçar nabos com batatas, eis que inesperadamente me entregam vosso pacote de Pentecostes que R. trouxera. É quase impossível descrever o quanto, numa situação dessas, o coração se alegra. Apesar de tôda a certeza da comunhão existente entre vós todos e mim aqui, o espírito tem um desejo incontido de ver evidenciada visìvelmente tal comunhão. Assim as coisas materiais se transformam em portadores de realidades espirituais, como é a comunhão do amor e do pensamento. Julgo que possa servir de analogia ao anseio, em tôdas as religiões, pela manifestação da graça no sacramento.

24.VI.43

Em tempos tão aflitivos uma família ìntimamente unida, em que um pode confiar no outro, é de fato uma grande riqueza. Sempre pensei, em dias passados, no caso de prisões de pastôres, que para os solitários deveria ser mais fácil suportá-la. Então eu não sabia o quanto vale no ar gélido de um cárcere o calor que irradia do amor de uma espôsa e de uma família, e quanto, justamente nesses dias de separação, o sentimento de se pertencerem um ao outro se intensifica...

Nesse instante chegaram cartas, pelas quais muito agradeço. Graças aos relatórios em que são mencionados moranguinhos e framboezas, férias escolares e projetos de viagem, descubro que nesse entretempo chegou mesmo o verão. Aqui passa a vida sem que se dê atenção à passagem das estações. Sinto-me feliz com a temperatura amena. Há alguns dias atrás um abelheiro fêz aqui no pátio, num tabique, seu

ninho com 10 filhotes; diàriamente tive minha alegria com isso até que um brutalhão tudo destruísse e ainda vi alguns dos filhotes mortos sôbre o chão — incrível mesmo! Também o labor das formigas e das abelhas nas tílias me enchem de prazer nas minhas caminhadas pelo pátio. Então me lembro às vêzes da história de Peter Bamm, que se encontra numa ilha maravilhosa, na qual trava conhecimento com várias pessoas mais ou menos simpáticas e que sob o pesadelo de que uma bomba pudesse destruir tudo, primeiramente só se lembra, e com muita pena, das borboletas. O prêso trava relações muito especiais com os animais e as plantas, talvez porque se sinta atraído particularmente pela vida imperturbada, tranqüila e livre da natureza. Há em tudo um quê de sentimental. Apenas minhas relações com as môscas na cela não são nada sentimentais. Aliás, o prêso em geral tende a substituir a carência de calor e afeição no seu ambiente por um certo exagêro de sentimentalismo, de modo que reage fácil e favoràvelmente a todo meio sentimental que o atinge de perto. Então é bom que a pessoa se chame à ordem por um banho de sobriedade e humor, pois, sem isto perde o equilíbrio. Penso que o cristianismo bem interpretado presta êste serviço com eficácia extraordinária.

Tu, papai, deves conhecer tudo isso das longas experiências com presos. Eu ainda não sei por mim mesmo o que vem a ser a tão falada psicose da detenção; apenas posso imaginar sua extensão.

3.VII.43

Quando nas tardes de sábado soam os sinos da capela da prisão, me parece êste o momento indicado para escrever para casa. É estranho o efeito que os sinos exercem sôbre o homem e como podem tornar-se penetrantes. Tantas coisas da vida têm relação com os sinos. Todo descontentamento, tôda ingratidão, todo egoísmo desaparece. Uma porção de gratas lembranças cerca-nos repentinamente como espíritos bons. Primeiramente recordo as calmas noites de verão em Friedrichsbrunn, depois revejo as várias congregações que pastoreei, e afinal mais as bonitas festas em família, casa-

mentos, batizados, confirmações — amanhã será confirmado outro afilhado — é com dificuldade que se enumera tudo, de tantas recordações que surgem. Em todo caso são pensamentos mui pacíficos, gratos e esperançosos. Ah, sé pudesse auxiliar mais aos outros. Atrás de mim está uma semana com trabalho mais calmo, livros interessantes além das cartas que me escrevestes... e ainda do maravilhoso pacote que chegou hoje. Preocupa-me um pouco que devam ser fechadas as janelas em vosso abrigo antiaéreo.

Passou até hoje um quarto de ano na prisão. Bem me lembro de ter ouvido quando ainda estudante e ouvindo Ética com Schlatter, que é dever de todo cidadão suportar com paciência um período de prisão preventiva. Então me pareciam palavras vazias. Na semana passada muitas vêzes nelas pensei. E agora havemos de aguardar com a mesma calma e paciência, como até aqui, o que mais nos será impôsto. Em meus sonhos já me encontro, mais do que nunca, em liberdade, convosco... — Especialmente bonitos eram os lírios de fogo, cujos cálices se abrem lentamente de manhã e florescem apenas um dia, na outra manhã surgem outros e depois de amanhã terão florescido os últimos.

Domingo, 25.VII.43

Afinal viestes ontem, apesar de todo o calor, pessoalmente, para me trazer o pacote. Espero que isto não vos tenha cansado demais. Agradeço-vos de todo o coração, e muito obrigado por tudo que me trouxestes. Os produtos de verão me são particularmente bem-vindos. Vejo que também os tomates já estão maduros. Senti pela primeira vez, nesses dias, o calor, isto não quer dizer que me incomode aqui na cela, já que faço muito pouco movimento. Mas sinto grande ânsia pelo ar livre. Gostaria, novamente, de passar uma noite no jardim. A meia hora que podemos passear diàriamente é agradável, mas não basta. É bem provável que os sintomas de resfriado, reumatismo e defluxo só desapareçam quando puder passar mais tempo ao ar livre. Alegro-me muito com as flôres que enchem a cela tristonha de côr e vida...

A minha leitura atual me transporta para o século XIX. Li nos meses passados, e com certa admiração, Gotthelf, Stifter, Immermann, Keller. Aquêle tempo, em que se escrevia um alemão tão claro e simples, deve ter possuído uma substância muito sadia. Eis que, tratando das coisas mais delicadas, êstes não se tornam sentimentais, e, abordando as mais fortes, não se perdem na frivolidade. Na discussão de opiniões, não se mostram patéticos e não há simplificação exagerada, nem complicação na linguagem e no assunto. Tudo isso me é muito simpático e parece ser bem sadio mesmo. Certamente isto tem de ser antecipado por um esfôrço muito sério na expressão da língua e com isso também deve existir muita tranqüilidade e paciência. Aliás, as últimas obras de Reuter igualmente conseguiram prender-me novamente e sinto com alegria e mesmo pasmo a harmonia e o equilíbrio até no lingüístico. É interessante como se estabelece, pelo modo de se expressar o autor, uma comunhão entre êle e o leitor ou, talvez, um distanciamento...

De vez para vez alimento a esperança de que seja a última carta que vos escrevo da prisão. Afinal, deve tornar-se dia a dia mais provável a minha libertação, já que aqui se enjoa de tudo ligeiro. Desejaria para nós todos que ainda pudéssemos passar juntos uns belos dias de verão.

3.VIII.43

Realmente sou muito grato e estou satisfeito por ter conseguido permissão para escrever mais seguidamente. Receio que vos preocupais, primeiramente devido ao calor aqui na cela, diretamente sob o telhado, e depois porque solicitei um advogado. Neste instante chega um maravilhoso pacote com tomates, maçãs, compota, uma garrafa térmica, etc. Veio também o sal refrigerante que ainda não conhecia. Quanto trabalho vos destes novamente comigo. Por favor, não vos preocupeis, pois já passei por calor mais intenso quando na Itália, África, Espanha, México e o pior quase em New York, em julho de 1939, de modo que sei bem como me portar nessas ocasiões. Bebo e como pouco, fico sentado calmamente à minha escrivaninha e me sinto desimpedido para o

meu trabalho. No entanto refresco estômago e coração com as boas coisas que me mandastes. Não pretendo solicitar transferência para um outro andar, não acho isso correto, já que com isso outro companheiro de prisão teria de vir para minha cela e então, provàvelmente, sem tomates, etc. Aliás, já não faz tanta diferença, se são 34º ou 30º no quarto. Lamento que Hans, que nunca suportou calor muito bem, tenha de passar por tudo isso. Tenho pena dêle, ao mesmo tempo faz-se sempre a estranha descoberta de que o homem suporta o inalterável numa situação muito melhor do que pensando sempre na possibilidade de ser aliviado em alguma coisa.

No que diz respeito ao advogado que solicitei, espero que isso não vos inquiete tanto, mas que procureis aguardar a evolução dos acontecimentos tão calmamente como eu mesmo. De maneira alguma deveis julgar que me sinta desanimado ou inquieto. Naturalmente foi uma decepção para mim, tanto quanto para vós. De certo modo, porém, é motivo de alívio saber que se aproxima o definitivo esclarecimento do assunto, que tão ansiosamente e há tanto tempo esperamos. Diàriamente aguardo notícias mais exatas...

Novamente li muita coisa boa. Renovei minhas recordações de juventude com *Jurg Jenatsch*, o que me trouxe muita alegria e despertou meu interêsse. Em assuntos históricos achei a obra sôbre Venezianos bastante instrutiva e impressionante. Seria possível mandar-me algo de Fontane: *Senhora Jenny Treibel, Enganos* e *Confusões, Stechlin*? Leitura tão substanciosa como procurei ler nestes últimos meses me será muito útil para o meu trabalho. Aprende-se dêstes livros, às vêzes, mais sôbre ética do que dos compêndios didáticos. — *Nenhum Abrigo* de Reuter aprecio tanto quanto tu, mamãe. Penso, contudo, que já não falta mais nada de Reuter para eu ler. Será que tendes ainda algo especial que não conheço?

No livro *Henrique Verde* li há dias um verso sugestivo: "Apesar do forte ruído das ondas do mar / que contra mim tem conspirado / nada perdi / do vosso bel-cantar / mesmo que chegue abafado".

Será que também estais muito ocupados com os preparativos da defesa antiaérea? De acôrdo com o que os jornais noticiam nesses últimos dias, não se pode evitar de refletir

sôbre os acontecimentos. Lembro-me, por exemplo, de repente, que já uma vez falamos a respeito do vigamento do porão e, então, ficamos meio preocupados. Se não me engano era para ser mudada a viga-mestra. Ainda pensais nisso e conseguiríeis ajudantes para a obra urgente? Não deve ser muito fácil agora. Quanto daria para poder ajudar-vos. Por favor, ponde-me a par de tudo, pois naturalmente me interessa, e mesmo em suas minúcias... Creio que ainda não vos contei que, diàriamente, quando cansado de ler e escrever, pratico teoria de xadrez. Isso me causa imenso prazer. Caso acheis algo resumido mas bom, desde que tenha problemas, ficaria muito grato, mas não devereis ter trabalho por causa disso; afinal, eu passo também sem isso...

17.VIII.43

...Antes de tudo mais vos peço que não tenhais preocupações por mim. Resisto a tudo muito bem e me sinto bem tranqüilo intimamente. É tão bom que de experiências anteriores saibamos tudo um sôbre o outro, de modo que alarmas não mais nos possam inquietar. Estou descansado e contente com a notícia de que os tribunais permanecem em Berlim. No mais, tanto vós como eu temos coisas melhores a fazer do que pensar nos alarmas. Aqui na cela se aprende sem fazer maior esfôrço, a ganhar distância dos acontecimentos e das inquietações do dia... Como nesses últimos 14 dias, devido à espera insegura e diária, nem mais consegui trabalhar direito, quero agora tentar novamente começar com meus trabalhos escritos. Na semana passada tentei um projeto para um drama, mas verifiquei que o assunto não é bastante dramático, e por isto, preferi a forma de prosa. Já estou trabalhando nesse sentido. Trata-se da vida de uma família. É claro que há muita coisa pessoal no meio...

A morte daqueles três pastôres muito me comoveu. Eu ficaria muito grato se alguém pudesse comunicar aos parentes que no momento não lhes posso escrever. Sem isto não compreenderiam meu silêncio. Acontece que êstes três, dentre meus alunos, me eram os mais queridos. É de fato uma

perda grande, pessoal, sensível até para a Igreja. Até agora podemos contar cêrca de 30 alunos meus que já morreram em combate, em sua maioria, dos melhores...

24.VIII.43

Deve ter sido para vós uma noite agitada. Fiquei deveras aliviado quando o capitão me mandou comunicar que convosco estava tudo em perfeita ordem. Da minha cela no andar superior, já que as janelas são baixadas totalmente em horas de alarma, se vê, perfeitamente, os fogos horripilantes em direção sul sôbre a cidade, e mesmo sem qualquer sensação de inquietação, toma-se consciência nesses momentos da minha situação totalmente contraditória, sem que se possa fazer algo mais do que esperar. A senha da Irmandade de Herrenhut me comoveu de modo estranho nesta manhã: "Estabelecerei paz na terra: deitar-vos-eis, e não haverá quem vos espante". (Levítico 26:6)

Infelizmente contraí, na noite de domingo, um catarro intestinal e tive febre, que entretanto já baixou hoje. Eu, porém, só levantei para escrever cartas, e logo depois disso, hei de deitar novamente, por precaução. Aqui não quero adoecer de modo algum. Como para êstes casos não há alimentação especial, aprecio vosso pão torrado (*Knackebrot*) e os biscoitos que já venho guardando de longa data. Ademais, um enfermeiro me cedeu um pouco de seu pão de trigo. De maneira que me defendo muito bem. Acho que para tais eventualidades dever-se-ia sempre ter alguma coisa aqui, talvez um pouco de sagu ou aveia. Seriam cozidos na enfermaria. Bem, até que vós tomeis conhecimento desta carta, tudo já estará superado.

31 de agôsto de 1943

...Nos últimos dias pude novamente trabalhar com animação e escrevi bastante. Tôda vez que me concentro profundamente num assunto, por horas inteiras, e de repente me

vejo então na minha cela, preciso de alguns momentos para me reorientar. Ainda não consegui superar o inacreditável de minha morada atual, embora em certo sentido já me ambientasse e acostumasse relativamente bem. Acho até muito interessante observar êste lento processo de adaptação que se opera em mim. Quando há 8 dias recebi faca e garfo para o almôço — constitui isso uma nova regulamentação — isto pareceu-me dispensável, de tal forma já me havia acostumado a comer sem talher. Tornara-se-me natural usar a colher para pôr a manteiga no pão. Por outro lado, creio que a pessoa dificilmente ou mesmo nunca se acostuma a um estado que lhe pareça contraditório, como por exemplo a condição de estar prêso. Neste caso seria mister um ato consciente, a fim de se encontrar um sentido para tanto. Provàvelmente há sôbre êste tema trabalhos psicológicos?

Lê-se com prazer a História Universal de Delbrueck. Apenas acho que é antes uma História Alemã. Li com grande alegria os *Caçadores de Micróbios* até o fim. No mais, ainda reli obras de Storm, mas estas não me impressionaram tanto. Espero que me tragais mais alguma coisa de Fontane ou Stifter...

5 de setembro de 1943

Da penúltima noite não precisaremos falar uns aos outros, conforme creio. Jamais esquecerei o que vi, então, ao olhar pela janela da cela no céu noturno. Muito me rejubilei quando de manhã o capitão me afirmou que nada vos acontecera... É interessante como nessas horas noturnas os pensamentos vão, exclusivamente, para junto daquelas pessoas sem as quais não se deseja viver, e como tudo que é pessoal se apaga na mente. É então que se sente o quanto a própria vida se acha entrelaçada com a vida de outras pessoas e como o centro da própria vida se desloca para fora da existência pessoal e quão pouco o homem, realmente, constitui um mero indivíduo. Aquela linha que diz na conhecida canção "como se fôsse um pedaço de mim" de fato representa a verdade, pois, assim o senti sempre que recebi a notícia da morte de colegas e alunos que morreram em combate.

Creio que seja apenas uma questão da natureza, pois a vida humana ultrapassa a longa e mera existência física. Mais intensivamente deve sentir isto a mãe. — Ainda sôbre isto há duas palavras da Bíblia nas quais, segundo o meu pensar, se resume esta experiência. A primeira achamos em Jeremias 45: "Eis que estou demolindo o que edifiquei, e arrancando o que plantei... E tu procuras grandezas? Não as procures; porque eu te darei a tua vida como despôjo". E a outra no Salmo 60: "Ó Deus que abalaste a terra, fendeste-a; repara-lhe as brechas, pois ela ameaça ruir".

De vós gostaria de saber se foram cavados os vales para os estilhaços e se não podereis mandar cavar uma passagem do porão até a vala. O capitão M. mandou fazer exatamente isto para a sua casa.

Eu continuo bem. Fui transferido para dois andares mais abaixo. Agora enxergo da minha janela apenas as tôrres das igrejas; é, por sinal, uma vista muito bonita. Na semana passada consegui novamente escrever bastante. Apenas sinto falta do movimento ao ar livre, de que dependo muito para produzir. Mas creio que não mais deva demorar muito tempo e é o que importa...

Em resposta a um pedido meu, nas últimas cartas, por mais cartas, a correspondência nesses dias foi rica, o que muito me alegrou. Quase me pareço com Palmstroem que encomendou para si um "trimestre de correspondência variada". Verdade é que o dia em que o correio chega se distingue bastante dos outros, um tanto monótonos. Completou tudo a permissão de receber visitas, de modo que fui bem mesmo. Tanto mais o senti agradàvelmente, porque nas últimas semanas houve um atraso muito grande no despacho de cartas. Achei-vos com melhor aparência esta vez, o que me confortou muito. Para mim me parece ser o mais pesado na minha história que vós não possais tirar vossas férias tão necessárias. Antes do inverno tereis de tirar alguns dias lá fora e bom seria se eu pudesse ir convosco.

É uma sensação esquisita estar dependendo em tudo da ajuda de outros. Em todo caso, é nestes tempos que se aprende a ser mais grato e espero que isto não mais seja esquecido. Em dias normais ninguém toma consciência como o homem na realidade recebe muito mais do que dá e que a

gratidão de fato enriquece a vida. Geralmente se superestimam a própria atividade, a ação em sua importância em comparação com aquilo que se é pela influência e interferência de outros. Os acontecimentos tempestuosos no mundo, que caracterizaram os últimos dias, agitam-nos aqui de uma maneira muito especial e é natural o desejo de querer fazer algo também. Mas o lugar de fazê-lo por enquanto só pode ser a cela da prisão e o que se faz aqui fica limitado ao invisível e justamente aí a expressão "fazer" se torna inadequada. Às vêzes lembro-me da *Muennich* de Schubert e sua cruzada. No mais, leio e escrevo tanto quanto me é possível, e me conto por satisfeito de não ter sentido neste período de mais de 5 meses um só momento de tédio. O tempo sempre está preenchido, apesar de haver no fundo, desde a manhã até a noite, a espera. Há umas semanas atrás pedi-vos que adquirísseis as novas edições de livros — de Hartmann: *Filosofia Sistemática, A Época de Mário e Sila*, na editôra Dieterich, e agora ainda vos solicito que me consigais de R. Benz: *A Música Alemã*. De maneira alguma quero deixar passar o aparecimento dêstes livros sem lê-los e gostaria de aproveitar êste tempo. K. F. aludiu a um livro de física ao alcance de todos. Êle prometeu mandá-lo. Da mesma forma K., de tempos em tempos, faz interessantes descobertas no mercado de livros. Tudo que aqui há de aproveitável já li. Talvez eu tente uma vez o *Sete-Queijos* ou Adolescência de Jean Paul. Estão no meu quarto. Creio que mais tarde já não me decidiria a lê-lo, mesmo que haja muitas pessoas letradas que o apreciem. Para mim, êle é, apesar de tôdas as tentativas de lê-lo, prolixo e artificial demais. — Como neste entretempo já estamos em meados de setembro, espero que todos êstes meus desejos estejam superados antes que possam ser cumpridos...

25.IX.43

...Preferiria que me fôsse comunicada desde logo a duração presumível de uma coisa destas.* Mesmo em meu trabalho aqui muita coisa poderia ter saído mais fecunda.

* A prisão. N. do T.

Afinal, conforme encaramos a vida, cada semana e cada dia são preciosos para nós. Pode parecer paradoxo, mas ontem fiquei realmente satisfeito quando primeiramente chegou a permissão para a visita do advogado e depois a ordem de prisão. Desta forma espero que a espera aparentemente desorientada chegue a um final. Em todo caso, foi relativamente longa a duração de minha prisão que me permitiu colhêr impressões novas e valiosas que jamais esquecerei... No mais, escrevo e sinto que mesmo ao escrever livremente sem que me limite à teologia, também isto muito me atrai. Só agora, entretanto, reconheço como é difícil a língua alemã, e é tão fácil estragá-la.

Relendo a carta, acho que soa um tanto descontente. Não é para ser assim, e nem sequer corresponderia à realidade. Ainda que tenha muita saudade e desejo de sair daqui, creio que não foi perdido dia algum. Como êste tempo há de atuar sôbre os dias vindouros, não se pode dizer ainda. Mas tenho certeza de que atuará...

4.X.43

...Lá fora já começou o outono encantador e eu gostaria — desejaria estar também convosco — que pudésseis estar em Friedrichsbrunn. Igualmente Hans e sua família, que tanto gostam daquela casinha. Mas quantos serão os homens hoje que ainda podem ver seus desejos cumpridos? Não penso como Diógenes que achou que a maior felicidade era a completa ausência de desejos, como considerava um barril vazio a melhor morada; por que vamos deixar enganar-nos desta maneira? Mas que, justamente quando a pessoa ainda é mais môça, pode ser muito bom ter por algum tempo de renunciar a certos desejos, isto me parece bem razoável. Naturalmente segundo a minha opinião, não deve acontecer que os desejos em nós amorteçam e que nos tornemos indiferentes. Bem, êste perigo, por enquanto, para mim não existe...

Neste instante me chega uma carta de C. Acho admirável como êle sempre se lembra de escrever. Que imagem do mundo deve se formar na mente de um menino de apenas 14 anos. Já que durante meses tem de escrever ao pai e ao tio, ambos encarcerados. Creio que muitas ilusões não têm mais lugar na cabeça de um menino nessas condições. Para êle deve ter terminado a infância com tôdas essas experiências. Peço que lhe transmitais meus sinceros agradecimentos e como sinto uma íntima alegria ao pensar em nosso próximo reencontro.

Foi tão bom que ainda conseguísseis a *Filosofia Sistemática* de Hartmann. Estudo-a com grande interêsse e com isso hão de passar algumas semanas, a não ser que, neste entretempo, se dê a tão ardentemente esperada interrupção...

13.X.43

Tenho diante de mim o ramalhete de dálias que me trouxestes ontem e assim recordo a inesquecível hora que tive em vossa companhia. Lembro-me também do jardim e penso na beleza do mundo, principalmente nesses dias de outono. Condiz com tal disposição um verso de Storm que aprendi há alguns dias atrás e não consigo esquecer, como se fôsse uma melodia que não nos sai da mente: "E mesmo que lá fora só haja confusão,/e quase é o mesmo, aqui pagão, ali cristão; / o mundo, êste mundo indescritível / continuará para sempre indestrutível." Bastam umas tantas flôres coloridas de outono para que se chegue a esta conclusão, ou um olhar pela janela da cela ou ainda meia hora de "movimento" no pátio do presídio, onde se erguem algumas castanheiras e umas tílias. Em última análise, entretanto, constitui "mundo" para mim um grupo de pessoas que se podem ver e com quem se gosta de estar reunido... Ah, pudera num domingo de vez em quando ouvir algum sermão... Acontece aqui que o vento alguma vez me traz fragmentos de um canto coral — seria bom demais para imaginar...

Ultimamente tenho escrito muito novamente, e com tudo que me proponho fazer no decorrer do dia, as horas agora são poucas demais para executá-lo. Assim sinto aqui às vêzes uma sensação estranha como se não tivesse "mais tempo" para as coisas secundárias. De manhã, após o café, es-

tudo teologia, depois, até o meio-dia, escrevo. De tarde leio. Em seguida me dedico a um capítulo da História Universal de Delbrueck, um pouco de gramática inglêsa, na qual sempre ainda acho algo para aprender e, afinal, conforme minha disposição, escrevo ou leio novamente. À noite me sinto tão cansado que me deito com todo o gôsto, ainda que não seja para logo dormir...

31.X.43

Hoje é dia da Reforma, data que nos deixa, principalmente em nossos dias, muito pensativo. Perguntaram-nos, por que a ação de Lutero produziu conseqüências que foram exatamente o contrário do que êle quis. Tais conseqüências de seu feito corajoso muito o aborreceram, e deixaram-no em dúvidas sôbre a própria obra que preencheu sua existência. Êle quis uma unidade real da Igreja do Ocidente, isto é, das nações cristãs, e a conseqüência foi a decadência da Igreja e da Europa. Êle desejou a *Liberdade do Cristão* e o resultado foram indiferença e embrutecimento; êle sonhou com a estruturação e uma autêntica sociedade do mundo sem qualquer tutela clerical e o que houve foi a revolta dos camponeses e logo após a lenta dissolução de todos os compromissos e ordens legítimas da vida. Do meu tempo de estudante posso recordar muito bem uma discussão entre Holl e Harnack, sôbre se os grandes movimentos ideológicos vencem devido a seus motivos primários ou secundários. Então eu acreditava que Holl, ao afirmar o primeiro, tivesse razão. Hoje já penso que êle estava errado. Há 100 anos já disse Kierkegaard que Lutero hoje afirmaria o contrário do que disse então. Creio que tenha razão — *cum grano salis.*

Agora mais um pedido: Seria possível encomendardes para mim: Wolf — Dietrich Rasch *Antologia dos Contistas* (Editôra Kiepenheuer, 1943), Wilhelm V. Scholz: *A Balada* (Editôra Th. Knaur, 1943), Friedrich Reck-Malleszewen: *Cartas de Amor do Século VIII* (Editôra Keil, 1943)? Provàvelmente não são muito grandes as edições de modo que a encomenda tem de ser feita logo.

Meu reumatismo, que há dias se agravou a ponto de eu não poder me levantar da cadeira e nem poder usar as mãos para comer sòzinho — logo me levaram à enfermaria para fazer aplicações — agora já estou melhor. Bem curado, porém, não fiquei mais, desde maio. Afinal, que se poderia fazer contra isso mais tarde?...

9.XI.43

Motivo de alegria e mesmo de surprêsa foi para mim a Antologia de Stifter. Como consiste principalmente de cartas, traz muita novidade para mim. Os últimos 10 dias estão totalmente sob a impressão do livro *Witiko* que, após vos ter dado tanto trabalho, achei aqui na biblioteca do presídio, onde menos o suspeitei. Com suas 1.000 páginas que devem ser lidas com atenção, não será muito acessível hoje a muita gente, por isso também não sei se vo-lo posso recomendar. Na minha opinião pertence aos mais belos livros que conheço. Aliás a obra transporta o leitor, pela pureza de sua linguagem e de seus personagens, a uma sensação rara e estranha de felicidade. De fato, deveria ser lido pela primeira vez, em lugar da *Luta por Roma*, na idade de 14 anos, e então amadurecer com o livro. Mesmo os bons romances atuais sôbre História, como por exemplo os de Baeumer, nem podem ser mencionados no mesmo fôlego. Gostaria muito de possuí-lo, mas deve ser difícil consegui-lo. Impressões parecidas só colhi do *D. Quixote* e do *Espírito de Berna* de Gotthelf. Com Jean Paul novamente fracassei. Êle a mim sempre me parece exibidor e vaidoso. Tudo indica que êle como homem também foi relativamente desagradável. — É interessante andar assim em viagens descobridoras na leitura, e é realmente de causar pasmo o que se colhe em surprêsa, mesmo se tendo dedicado em todos os anos passados a intensivas leituras. Quiçá possais me abrir ainda novos caminhos!

Há uns dias atrás recebi carta de R, a qual muito agradeço. Senti forte saudade daquele programa de concertos de Furtwaengler, que êle freqüentou. Espero não ficar aqui

ainda totalmente destreinado em minha imperfeita técnica. Sinto verdadeira fome de uma noite de canto ou de tocar algum trio ou quarteto. O meu ouvido está ansioso por escutar uma vez algo diferente das simples vozes dêste edifício. Após 7 meses enjoa-se disto deveras. Mas isto, afinal, é natural e nem precisaria dizê-lo. Não é tão natural que eu, apesar de tudo, vá muito bem e que experimente múltiplas alegrias e me sinta bem disposto. Tudo isto me enche de gratidão a cada dia...

17.XI.43

Enquanto estou a escrever esta carta, na família S, neste dia de Penitência, estão todos juntos escutando a Missa em Si-Bemol. Desde longos anos ela faz parte do programa do dia de Penitência, assim como a paixão de São Mateus, da Sexta-Feira da Paixão. Estou ainda bem lembrado da noite em que a ouvi pela primeira vez. Estava então com dezoito anos, e vinha de um seminário com Harnack. Êle se havia referido com muito agrado à minha primeira dissertação e dissera que esperava que eu me habilitasse em História Eclesiástica. Eu trazia ainda o coração satisfeito e orgulhoso, quando sentei no salão da Filarmônica, e então começou o grande *Kyrie Eleison* e tudo mais então deixou de existir. Foi uma impressão indescritível. Hoje recordo aqui, trecho por trecho, e alegro-me com o fato de que vós podeis escutar esta música que para mim é uma das mais apreciadas de Bach...

A esta hora fica tudo quieto no casarão e eu posso seguir meus pensamentos sem maior perturbação. De dia constato sempre como com diferente volume de som os homens executam trabalhos, o que deve ser um arranjo da natureza. Quando estou entregue a um trabalho científico que requer calma, não suporto que à porta da minha cela trabalhem ou falem com fortíssimo. Com grande satisfação, li novamente na última semana o *Reinecke Fuchs* de Goethe. Talvez vós também tivésseis novamente prazer nesta leitura...

1º de Advento, 28.XI.43

Mesmo que não se tenha certeza de que as cartas atualmente sejam despachadas, não quero deixar de escrever-vos nesta tarde de 1º Advento. Aquêle quadro de Natal de Altdorf, no qual se vê a Sagrada Família com a manjedoura debaixo das ruínas de uma casa destruída — aliás, difícil de compreender como se teve há 400 anos a idéia de interpretar o Natal assim, contra tôdas as tradições correntes então —, me é particularmente presente. O pintor certamente quis dizer com sua interpretação que também assim se pode e se deve comemorar o Natal. Em todo caso, sua mensagem é esta. É com satisfação que vos imagino reunidos com as crianças, festejando o Advento como há anos o festejáveis conosco. Apenas fazem-se as coisas hoje com mais intensidade, já que ninguém sabe até quando ainda será possível fazê-las.

Causa-me ainda um certo pavor pensar que vós dois, sem que um de nós pudesse estar convosco, tivestes de passar uma noite tão terrível e momentos tão perigosos. Quase me parece incrível que exatamente nestes dias esteja prêso e em nada possa ajudar. Só espero que êste desespêro em breve chegue ao fim e que não surja nova demora. Apesar de tudo, não vos preocupeis por minha causa. Creio que se sai bem mais fortalecido de tôdas essas experiências.

Certamente já sabeis que tivemos o tão esperado ataque a Borsig, aqui bem próximo. Agora temos a esperança, que não é muito cristã, de que tão breve não venham novamente para cá. De fato, não foi nada bom, e, logo que estiver em liberdade, pretendo fazer sugestões sôbre como se pode melhorar tudo para êste caso. Inexplicàvelmente nada sofreram minhas vidraças, enquanto quase tôdas as outras quebraram. Desta forma deve estar horrìvelmente frio para os outros. Como o portal do presídio em parte foi destruído, também não há mais "movimento". Só se deseja após cada ataque ouvir alguma coisa um do outro... Nestes últimos dias apreciei a leitura das *Histórias dos Velhos Tempos* de W. H. Riehl, conhecido estudioso da *História da Civilização*. Provàvelmente o conheceis de anos anteriores. Hoje já ninguém o conhece, mas mesmo assim achei as histórias bonitas e simpáticas de se ler. Elas bem se prestariam para serem lidas às crianças. Conforme me lembro tivemos até alguns volu-

mes delas em casa. De certo já foram doados, neste entretempo, a alguma biblioteca.

Se pudésseis trazer-me o livro sôbre superstições, eu vos ficaria grato. Aqui o pessoal começa a deitar cartas, se à noite se deve esperar alarma. É deveras interessante observar como em dias tão agitados as superstições florescem e como muitos se prestam, ao menos, a dar ouvido ao que auguram.

17.XII.43

Não terei alternativa a não ser que já escreva, por via das dúvidas, uma missiva para o Natal. Mesmo que seja difícil para mim imaginar que ainda no Natal tenha de estar aqui, em todo caso aprendi, em 8 meses e meio, a considerar o improvável como o mais verossímil. Também procuro sofrer com *sacrificium intellectus* o que não posso mudar. Mesmo assim, o *sacrificium* não é tão total e o *intellectus* anda em segrêdo os seus próprios caminhos.

Assim sendo, não deveis julgar que eu hei de desanimar com mais êste Natal na solidão da cela. Acontece que também êste ocupará um lugar especial na série dos mais variados que passei na Espanha, na América e na Inglaterra. Não quero sentir vergonha em anos vindouros, mas ao contrário, desejo sentir um certo orgulho, quando me lembrar também dêstes dias. Isto é uma das poucas coisas que ninguém me pode tirar.

Custa-me suportar a idéia de que não vos será poupado saber-me na prisão durante as festas de Natal, o que naturalmente prejudica em muito a alegria daquelas horas que ainda vos ficaram. Só consigo agüentar o pêso disso tudo porque creio e sei que jamais haveis de pensar diferente de mim e que estamos coesos em nosso comportamento, em vistas ao Natal. Isto nem poderia ser de outra maneira, porque exatamente êste meu comportamento não passa de uma herança espiritual que recebi de vós. Não preciso confessar-vos quão grande é minha saudade de liberdade e da vossa companhia. Acontece, entretanto, que por muitos decênios soubestes preparar tão belas comemorações natalinas, que a grata recordação é bastante forte para lançar seu brilho sôbre um Natal mais penoso. É nessas épocas que se comprova a importância de um passado e de uma herança íntima que permanecem independentes da mudança dos tempos e das circunstâncias eventuais. A consciência de estar amparado por uma tradição espiritual, que abrange séculos, dá ao indivíduo, em privações temporárias, a sensação segura de estar salvo. Acredito que a pessoa que se sabe na posse de tais reservas de energia, não deva envergonhar-se de sentimentos mais ternos que, afinal, segundo minha opinião, caracterizam o homem melhor e mais nobre, desde que resultem da recordação de um bom e rico passado. Tais sentimentos jamais poderão derrubar um homem que se agarra aos valôres que ninguém lhe pode roubar. Do ponto de vista cristão, um Natal passado na cela da prisão não poderá constituir problema. É bem provável que nesta casa muitos comemorem o Natal mais condigna e fielmente do que em outros lugares e ocasiões onde restou apenas ainda o nome da festa. Um prêso entende muito melhor que miséria, sofrimento, pobreza, solidão, desamparo e culpa, diante dos olhos de Deus, recebem uma interpretação mui diferente da que recebem por parte dos homens, e que Deus se dirige exatamente para lá onde os homens costumam afastar-se, e que Cristo nasceu num estábulo porque em nenhuma hospedaria teria encontrado lugar. Tudo isto para o prêso é realmente uma Boa Nova, e porque acredita nisto, êle se sabe participante da comunidade da cristandade que rompe tôdas as fronteiras e limitações geográficas e temporais. Então os meses na prisão perdem sua importância. Desejaria que soubésseis que também terei algumas horas realmente belas e que a tristeza realmente não me dominará...

Quando se pensa nos horrores que nos últimos meses sobrevieram a tantas pessoas, ganha-se a consciência do quanto ainda se deve dar graças. Creio que em tôda parte o Natal será festejado em grande silêncio e as crianças ainda hão de se lembrar dêste Natal em anos vindouros. Pode ser, porém, que assim para alguns se revele, pela primeira vez, o que o Natal verdadeiramente significa e é...

25.XII.43

O Natal passou. Sempre me trouxe algumas horas calmas e silenciosas e muitas recordações do passado me sobrevieram como se fôsse agora. Maior e mais forte do que tudo que oprime, foi a gratidão pelo fato de que vós e todos os irmãos escaparam dos fortes ataques aéreos e, também, me animou a certeza da libertação em breve. Acendi as velas que vós e M. me mandastes e li o capítulo de Lucas sôbre o primeiro Natal e alguns hinos natalinos bonitos. Alguns eu cantarolava em voz baixa e lembrei-me de vós, esperando ao mesmo tempo que após as inquietações das últimas semanas pudésseis achar umas horas tranqüilas, também...

O Ano Nôvo provàvelmente ainda trará muita preocupação e inquietação. Creio, todavia, que na noite de São Silvestre já possa cantar com mais confiança aquêle verso do hino de Ano Nôvo que diz: "Cerrai os portais das lamentações, e fazei com que em tôdas as povoações / júbilo haja e muita alegria / pois já terminou do sangue a orgia". Não sei o que de mais sublime pudéssemos pedir e desejar...

14.I.44

...Estou aqui sentado de janela aberta, pela qual entra o sol primaveril e considero tal comêço bonito e incomum um bom sinal. Depois do ano passado êste só pode melhorar. — Vou bem. Consigo trabalhar novamente com mais concentração e leio com especial contentamento Dilthey...

20.II.44

Deveis me desculpar se nos últimos dias não mais escrevi com tanta regularidade. Adiei as cartas de um dia para outro na esperança de que no meu caso acontecesse afinal algo definitivo. Disseram primeiramente que seria julho de 1943, e depois, com igual determinação, que, como vós mesmo vos podeis lembrar, no máximo iria até setembro de 1943

e minha situação seria solucionada, mas depois passou mês após mês, sem que houvesse a mínima alteração. Se ao mesmo tempo se tem a convicção de que numa sessão de debate em que se vai ao fundo da questão, tudo seria esclarecido logo, e se ainda as tarefas lá fora esperam, como se vê bem, então se prepara, apesar de todos os esforços, tôda a paciência e tôda a compreensão, de vez em quando um estado de espírito em que não seria possível escrever cartas. Melhor então silenciar um pouco, porque, primeiramente, dos pensamentos desordenados e dos sentimentos confusos só resultarão palavras injustas, e, segundo, o que se escreve, ao chegar no destino, geralmente já está superado. Constitui sempre um íntimo conflito querer encarar com naturalidade os fatos, lutando contra as ilusões e fantasias que surgem na mente e contentando-se com o que acontece. Pois, onde não se consegue entender as necessidades externas, crê-se, porém, na necessidade interior e invisível. Ademais parece não mais pertencer às possíveis reivindicações de nossa geração, conforme foi no vosso tempo, poder contar com uma vida que se desenvolve plenamente na atividade profissional e pessoal, moldando destarte a personalidade ao máximo. Esta é certamente a mais dura renúncia que se nos exige, jovens que ainda temos a vossa vida diante dos olhos. Sentimos por isto com especial fôrça, como é incompleta e fragmentária a nossa vida. Mas justamente o fragmento pode apontar para uma realização superior ainda que humanamente inatingível. Tenho de me lembrar disto sempre que penso na morte de muitos dos meus melhores ex-alunos. Mesmo que a violência dos acontecimentos externos quebre nossa vida em pedaços, tem de ficar evidente, possìvelmente, como o todo foi planejado e pensado, e, ao menos sempre poderá ser reconhecido o material com o qual a construção foi feita ou deveria ter sido feita...

2.III.44

Provàvelmente M. vos contou o que eu lhe dissera na última vez que ela me visitou — apesar de que êste assunto não fôsse bem tema de nossa conversa — que

devido ao racionamento de nossa alimentação ela é mais escassa, de modo que às vêzes, de fato, passo fome. Isto entretanto, é também conseqüência da minha recente gripe, já que durante aquêle período nada comi. Agora vós me abastecestes maravilhosamente, e não posso deixar de confessar que o mundo toma logo um outro aspecto quando o estômago está satisfeito. Mesmo o trabalho progride melhor, é natural. Contudo, sentir-me-ia grandemente aborrecido, se eu com isso vos privasse do necessário, já que vós tendes de trabalhar o dia inteiro. Certamente precisais das vossas fôrças muito mais do que eu. Também já chegou março e ainda não vos decidistes a viajar...

Fiquei profundamente impressionado com a *História da Academia* de Harnack, que em parte me deixou feliz, em parte melancólico. Já há muito poucas pessoas hoje que ainda procurem contacto íntimo e espiritual com os séculos XIX e XVIII. É interessante como a música procura se renovar com os séculos XVI e XVII, a teologia prefere a época da reforma e a filosofia retorna para Tomás de Aquino e Aristóteles, enquanto a ideologia moderna se inspira no passado dos primitivos germanos. Quem, todavia, ainda tem idéia daquilo que no século passado foi conquistado e trabalhado pelos nossos avós, e quanto do que êles conheceram já esquecemos. Tenho para mim que virá o dia em que os homens ficarão pasmados com a fertilidade daquele tempo, hoje tão desprezado e pouco conhecido.

Seria possível conseguir-me *Ideologia e Análise do Homem*, desde a Renascença e Reforma, de Dilthey?...

26.IV.44

...Esta segunda primavera que experimento aqui na cela já é bem diferente daquela de um ano atrás. Então tôdas as impressões foram frescas e vivas e, as privações, bem como as alegrias, eram experimentadas com mais intensidade. Neste tempo aconteceu o que jamais julguei possível — o fato de me acostumar, e então surge a questão de se a resignação ou a clarificação predominará. Provàvelmente será diferente nos diversos setores. As coisas contra as quais se

deixa de reagir, ligeiro serão esquecidas, pois não têm maior importância. Outras coisas, porém, que se gravam consciente ou inconscientemente, em nossa mente, jamais cairão no esquecimento. Estas se transformarão de experiências fortes em um conjunto de reconhecimento claro, propósitos e planos e como tais terão seu valor ainda para a vida no futuro. Certamente constitui uma diferença se se passa um mês ou um ano na prisão. Depois de um ano já se ganhou uma impressão mais forte e conviveu-se num nôvo círculo de relações. É verdade que julgo necessário haver certas pressuposições para que se consiga assimilar êste ambiente e vivência sem maior perigo. Por isso imagino que uma detenção mui prolongada para pessoas jovens, em seu desenvolvimento interior, possa ser muito perigosa. O ímpeto das impressões é tão violento que com isso ameaça pôr muitas coisas de pernas para o ar. Realmente preciso agradecer-vos muito pelas vossas visitas freqüentes, pelas cartas e pacotes que me facilitam bastante tudo aqui, de modo que a alegria com cada lembrança vossa tem me servido de incentivo para aproveitar bem o tempo que aqui preciso permanecer... Seria demais procurar conseguir para mim o livro recém-saído de Ortega y Gasset *A Essência das Crises Históricas* e talvez também o anterior *História como Sistema*. E ainda, se possível, de H. Pfeffer, *O Império Inglês e os EUA*? Espero que nos revejamos em breve. Afetuosas saudações, vosso grato Dietrich.

Cartas a um Amigo

18.XI.43

SIMPLESMENTE PRECISO aproveitar a ocasião de te achares perto, para te escrever. Tu provàvelmente sabes que me negaram a assistência de um pastor. Assim hei de contar algo que deves saber sôbre mim. Nos primeiros 12 dias quando fiquei isolado e fui tratado como perigoso criminoso — meus vizinhos continuam até hoje candidatos à pena máxima, sempre algemados —, quem me valeu sempre de um modo todo especial foi Paul Gerhardt* e ainda os Salmos e o Apocalipse. Assim saí ileso, nesses dias, de tôdas as penosas tentações. Tu és a única pessoa que sabes como tenho sido perseguido pela *acedia tristitia,* com suas conseqüências ameaçadoras e isto freqüentemente; por esta razão deves ter

* Autor de hinos religiosos — N. do T.

SEMINARIO CONCORDIA

tido preocupações por mim. Eu, entretanto, desde o início tomei o propósito de não dar, nem aos homens, nem ao diabo êste prazer; se quiserem que procurem consegui-lo, e eu espero que possa permanecer nesta posição. De início fiquei em dúvida se era mesmo a causa de Cristo, pela qual vos causo tanta mágoa; mas me livrei desta tentação, expulsando-a da cabeça, e ganhei a certeza de que, justamente o suportar de um caso tão no limite, com tôda a sua problemática, é minha tarefa, e tornei-me alegre como estou até hoje. (I Pedro 2:20, 3:14). A mim mesmo me repreendo porque não concluí a Ética (Ela deve ter sido confiscada em parte). Serviu-me de consôlo já ter-te dito tudo que é essencial e, mesmo que não o lembrasses mais, haveria de surgir de algum lugar de maneira indireta.

Também senti como grave omissão o não ter ido contigo a uma comunhão, como tanto quis... mas ao mesmo tempo sei que, ainda que não fisicamente, em todo caso espiritualmente participamos ambos da dádiva da confissão e comunhão, e com isto me sinto alegre e tranqüilo. Eu quis dizê-lo ao menos uma vez.

Conforme me era possível comecei a estudar, além do trabalho bíblico diário (já li duas vêzes e meia todo o Velho Testamento e aprendi muita coisa), também assuntos e obras não teológicos. Meu destino sôbre o *Zeitfuehl* resultou, essencialmente, da necessidade de me tornar presente o meu próprio passado, numa situação em que o tempo parece ser fàcilmente "vazio" e "perdido". Gratidão e arrependimento fazem-nos ter o nosso passado sempre bem presente. Mas sôbre isto ainda algo mais tarde.

Então iniciei um ousado empreendimento, que também já trazia há tempo na mente: eu comecei a escrever a história de uma família burguesa de nossa época. Tôdas aquelas conversas que mantivemos nesse sentido, e tôdas as minhas próprias experiências formaram para tanto o fundo. Em breves palavras, trata-se de uma tentativa de reabilitação da burguesia como nós tivemos ocasião de conhecê-la em nossa família, e isto, graças ao cristianismo. Os filhos de duas famílias amigas crescem, ambos, com as responsabilidades e as funções de uma cidade pequena, e tentam juntos a reconstrução da comunidade, prefeito, professor, pastor, médico e

engenheiro. Muitos traços que já te são conhecidos poderias descobrir e tu também apareces no enrêdo. Mas ainda não ultrapassei a introdução, isto em especial, porque sempre surgem falsas prognoses sôbre minha soltura e, com isso, minha dificuldade de concentração. Mas o ensaio me traz grande prazer. Só gostaria de conversar contigo a respeito. Sim, isto me falta no momento muito mais do que podes imaginar... Além disso escrevo um artigo sôbre *Que significa: Dizer a verdade?* e nestes dias tenho ainda redigido orações para presos, como estranhamente não existem. Pretendo distribuí-las pelo Natal.

E, agora, a respeito das minhas leituras. Sim, não termos conhecido Stifter juntos, causa-me grande arrependimento. Nossas conversas teriam lucrado muito com isso. Agora teremos de adiar o assunto para mais tarde. Mas eu tenho muito a te contar sôbre isto. Mais tarde? Quando e como há de ser? Para tôdas as eventualidades entreguei ao advogado um testamento... Mas talvez — ou seguramente estás agora em maior perigo. Diàriamente hei de me lembrar de ti e pedirei a Deus te proteja e te faça retornar... Não seria possível, no caso de não sêres condenado, mas incorporado, que fôsses para o teu regimento? Seria maravilhoso. Aliás, não te preocupes, caso eu seja condenado. Comigo tudo vai bem. Na verdade, isto não me atinge, mesmo que até "o tempo de prova" tenha de ficar prêso mais alguns meses, o que de fato não seria muito bom. Mas muita coisa não está muito boa. O caso pelo qual seria condenado é tão correto que poderia sentir-me orgulhoso. No mais espero que, se Deus nos conceder a vida, até a Páscoa possamos reunir-nos, novamente, em alegria...

Devemos prometer-nos, mùtuamente, que permaneceremos em intercessão um pelo outro. Orarei por ti para que tenhas fôrça, saúde, paciência e proteção contra a tentação e conflitos. Pede tu por mim no mesmo sentido. E se não nos fôr permitido rever-nos, que no fim nos lembremos um do outro em gratidão e perdão e Deus queira dar-nos que, algum dia, possamos estar diante de seu trono intercedendo um pelo outro juntos em louvor e ação de graças.

...Aqui, o que acho mais difícil (como provàvelmente tu também) é o levantar de manhã (Jer. 31:26). Eu agora,

simplesmente, oro pela liberdade. Afinal há também uma resignação falsa, que não é cristã. Não há razão de nos envergonharmos por um pouco de impaciência, saudade, contrariedade contra tudo que é desnatural e mesmo uns tantos desejos de liberdade e felicidade terrena e vontade de agir. Creio que nisso temos a mesma opinião.

No resto, acho, apesar de tudo que agora experimentamos, ou quem sabe, exatamente porque o experimentamos, ficamos os mesmos, cada um de acôrdo com sua personalidade? Espero que não penses que não sairei daqui como homem da "linha interna", agora menos ainda do que antes. E assim penso de ti também. Que dia jubiloso será aquêle em que nos contaremos as experiências. Algumas vêzes fico bem zangado por não me achar agora em liberdade...

Orações por Companheiros de Prisão

Natal 1943

Oração Matinal

Deus, eu te chamo ao despontar do dia.
Ajuda-me a orar
e a concentrar os meus pensamentos em Ti
não sei fazê-lo sòzinho.
Dentro de mim há trevas,
mas conTigo está a luz;
eu me sinto solitário, mas Tu não me desamparas;
estou desanimado, em Ti, porém, está o meu auxílio;
invade-me uma inquietude, Tu, entretanto, és a paz;
sinto-me tão amargurado, mas Contigo está a paciência;
Não entendo Teus caminhos, mas
Tu conheces o caminho bom para mim.

Pai no céu
louvor e ação de graças
sejam-Te dados pela tranqüilidade da noite.
louvor e ação de graças
a Ti pelo nôvo dia.
Louvor e ação de graças por tôda a Tua bondade
e fidelidade em minha vida passada.
Quanto bem Tu me ofereceste.
Aprenda a aceitar também os males
da Tua mão.
Certamente não me imporás mais
do que eu posso suportar.
Tu fazes com que tôdas as coisas cooperem
para o bem daqueles que Te servem.

Senhor Jesus Cristo,
fôste pobre
e viveste em misérias, prêso e abandonado como eu.
Conheces tôda a angústia dos homens,
Tu ficas comigo,
quando ninguém me defende.
Tu não te esqueces de mim e me procuras,
Tu queres que eu Te reconheça e a Ti me converta.
Senhor, eu escuto Teu chamado e sigo.
Ajuda-me!

Espírito Santo,
concede-me a fé que me salve
de desespêro, cobiças e vícios,
dá-me o amor a Deus e aos homens
que elimine todo o ódio e amargura,
outorga-me a esperança, que me liberte
de temor e de desalento.

Santo e misericordioso Deus,
meu Criador e meu Salvador,
meu Juiz e meu Redentor,
Tu me conheces e conheces tôdas as minhas ações.

Odeias e punes o mal neste e naquele mundo,
sem acepção de pessoas.
Tu perdoas os pecados daqueles
que Te pedirem sincera e contritamente.
Amas o bem e recompensas, tanto nesta terra,
como no mundo vindouro,
com a coroa da justiça.

Diante de Ti me lembro de todos os meus,
penso nos co-prisioneiros e naqueles
que nesta casa prestam tão pesado serviço.
Senhor, tem misericórdia de mim.
Concede-me novamente a liberdade,
e permite que depois eu viva de tal maneira
a me responsabilizar diante de Ti e dos homens.
Senhor, seja qual fôr a experiência dêste dia,
Teu nome seja louvado.
Amém.

Oração Vespertina

Senhor, meu Deus, eu Te dou graças,
que te aprouve dar fim a êste dia;
eu Te agradeço por permitir que
corpo e alma cheguem ao descanso.
Tua mão estêve comigo e me
protegeu e preservou.
Perdoa a pouca fé
e tôda a injustiça dêste dia
e ajuda que eu consiga perdoar a todos que
me fizeram injustiça.

Permite que em paz durma debaixo de Tua proteção
Defende-me contra as tentações das trevas.
Encomendo os meus queridos aos Teus cuidados e

Encomendo meu corpo e alma
em Tuas mãos.
Deus, Teu santo Nome seja louvado.
Amém.

Orações Para Necessidades Especiais

Senhor Deus,
Grande angústia me sobreveio.
Minhas preocupações querem derrubar-me.
Não sei mais saída nem solução,
Deus, tem misericórdia de mim e ajuda.
Concede-me fôrça para suportar o que Tu impões,
Não permitas que o mêdo me domine,
cuida paternalmente dos meus,
da espôsa, dos filhos.

Deus de misericórdias, perdoa-me tudo
que porventura pecasse contra Ti
e contra os homens.
Eu confio na Tua Graça e entrego minha vida
inteiramente em Tuas mãos;
faze comigo conforme Te convier e
como para mim fôr melhor.
Tanto faz viver como morrer, estou conTigo,
e Tu comigo, meu Deus.
Senhor eu espero na Tua salvação
e no Teu Reino. Amém.

20.11.43

..... Caso ainda me encontre neste buraco no Natal, não te preocupes com isto. Já não tenho mais mêdo dêsse estado. Pode-se comemorar o Natal como cristão num cár-

cere, — em todo caso melhor do que as tais festas familiares. Teres requerido permissão para falar comigo é motivo de especial agradecimento meu. Creio mesmo que agora seja possível sem maiores complicações. É verdade que não teria tido coragem para te pedir isso. Mas como o fizeste de tua parte, é mais significativo. Só espero agora que venha a funcionar. Tu, porém, sabes que, mesmo sendo recusado, já fica a alegria com a tua tentativa. Certamente crescerá então a ira contra determinadas pessoas (Dr. Roeder), o que afinal não causa maior prejuízo. (Às vêzes, tenho a impressão de que ainda não estou bastante zangado com tôda esta coisa.) Pois, havemos de engolir também esta pílula amarga, caso fôr necessário; afinal, já estamos querendo acostumar-nos a isto nestes últimos tempos. Estou satisfeito de que no momento da detenção ainda te haja visto e isto não esqueço...

Mais alguma cousa sôbre minha vida aqui: Levantamos todos à mesma hora; o dia dura até as 20 horas; eu chego a furar as calças de tanto estar sentado, assim como tu arrebentas a sola de tanto marchar. Leio o *V.B.* (Observador Popular-Jornal nazista) e o *Reich* (idem); tive a oportunidade de conhecer várias pessoas muito agradáveis. Todos os dias somos levados a um passeio de meia hora. À tarde tratam do meu reumatismo aqui na enfermaria com carinho, mas sem efeito. Tôdas as semanas recebo da tua parte as coisas mais excelentes para comer. Muito te agradeço também os charutos e os cigarros da viagem. Tenho cuidado que tu tenhas o suficiente para comer. Tens muita fome? Isto seria horrível. A mim nada falta. Apenas todos vós. Muito gostaria de tocar contigo a sonata em sol bemol e cantar Schuetz e ouvir os Salmos 70 e 47, quando tu os recitas. É o que tu sabes fazer de maneira extraordinária. A cela limpam para mim. Então posso dar ao homem que limpa algo para comer. Um foi condenado à morte há dias. Isto muito me abalou. — Em sete e meio meses vê-se muita coisa, em particular se aprende que grandes conseqüências podem ter pequenas tolices. Longa privação de liberdade exerce, segundo minha opinião, um efeito desmoralizador sôbre a maioria. Imaginei um sistema de execução de pena diferente.

Princípio: cada um deve ser punido no terreno em que transgrediu a lei: por exemplo "saída sem permissão" seria

punida com diminuição das férias, etc. Por que não há penas de prisão na Lei do Velho Testamento?

21.11.43

Hoje é Domingo de Finados... Em seguida vem a quadra do Advento, da qual nos lembramos com tantas boas recordações... Uma cela de prisão, aliás, é uma boa comparação com a situação do Advento; espera-se, na expectativa, faz-se isso e aquilo — em última análise coisas secundárias — a porta está fechada e só pode ser aberta do lado de fora. Lembro-me disso assim sem especial motivo. Não acredito que aqui dêem muita importância a símbolos. Duas coisas, entretanto, preciso dizer-te, que talvez te hão de causar estranheza: 1. Falta-me muito a comunhão de mesa; tôdas as coisas saborosas que vós me trazeis transformam-se para mim em lembrança de nossa comunhão à mesa da refeição. Não será ela uma parte essencial da vida porque representa uma realidade do Reino de Deus? 2. Senti a recomendação de Lutero de fazer *O Sinal da Cruz* por ocasião da oração matutina e vespertina como uma ajuda natural. Há nisto algo objetivo de que aqui se tem particular necessidade. Não te assustes. Garanto que daqui não sairei como *homo religiosus* — bem o contrário, minha desconfiança e meu temor da religiosidade aqui só aumentaram. Sempre fico pensativo com o respeito dos israelitas que nunca pronunciaram o nome de Deus, e agora o entendo bem melhor.

...Leio últimamente com grande interêsse Tertuliano, Cipriano e outros pais da Igreja. Em parte me parecem mais atualizados do que os reformadores e, ao mesmo tempo, oferecem a base às conversações evangélico-católicas.

...Aliás, considero minha condenação, do ponto de vista jurídico, completamente impossível.

22.11.43

Conta-me como te arranjas junto aos soldados com tua voluntariedade que, inclusive, suporta insultos injustos? Eu

aqui seguidas vêzes repreendi violentamente pessoas que me trataram com malcriação, de modo que ficaram perplexos e mudaram sua maneira de me tratar completamente. Eu acho nisso uma graça especial. Ao mesmo tempo reconheço que isto não passa, em mim, de uma sensibilidade impossível que não consigo vencer. Fico fora de mim quando noto que pessoas indefesas são tratadas aos gritos e com insultos sem razão alguma. Êstes pequenos atormentadores dos homens, que com isto se desabafam e que existem em tôda parte, me põem em polvorosa.

...O *Nôvo Hinário,* que tenho aqui apenas há poucos dias, traz inúmeras recordações boas. Tu vês que sempre me lembro de outra coisa que gostaria de conversar contigo. Quando se começa depois de tanto tempo de nôvo, não parece mais haver fim...

23.11.43

O ataque esta noite não estêve muito bonito. Durante todo o tempo lembrei-me de vós todos. Nesses momentos dificilmente se suporta o estado de prêso. Espero que vás novamente a S... Ontem à noite fiquei deveras admirado de quão nervosos ficam os soldados da frente de batalha quando há alarma.

24.11.43

Depois do forte ataque de ontem acho conveniente informar-te a respeito das determinações que fiz para o caso de minha morte. Espero que o leias com a tua completa falta de sentimentalismo...

Sexta-feira, 26.11.43

Quer dizer que esta vez deu. Só para um momento, é verdade, mas isso tem pouca importância, pois, mesmo horas ainda seriam pouco. Aqui no isolamento nos tornamos tão receptíveis que de apenas poucos minutos podemos nutrirnos por muito tempo. Êste quadro de ter tido comigo por algum instante as quatro pessoas que me são mais caras na

vida, por muito tempo me há de acompanhar. Quando depois havia retornado à cela, caminhei durante uma hora de um lado para outro, a comida ficou fria e afinal tive de rir de mim, porque surpreendi a mim mesmo dizendo de vez em quando em voz alta: "Que coisa boa". Sempre tenho complexos intelectuais quando emprego a palavra indescritível; pois se nos esforçarmos e buscarmos a necéssária clareza sobrará, segundo o meu pensar, muito pouco que seja "indescritível", mas neste momento me parece que esta manhã de fato pertença a êsse pouco em que se pode usar a palavra. Agora tenho diante de mim o charuto que (Karl) Barth me mandou, uma realidade mesmo indescritível, será que êle se mostrou gentil e compreensível? E V. (Visser't Hooft), é realmente maravilhoso que pudesse vê-los — e ainda o tão estimado "Wolf" — charuto de Hamburgo dos bons tempos, — aqui a meu lado uma caixa com a coroa de Advento —, e na minha despensa improvisada me aguardam entre outras coisas os ovos gigantes que me mandaste e o café. Sei que não adianta nada eu dizer que deves guardar isto tudo para ti mesmo, mas penso assim e fico contente em fazê-lo... Assim me lembro da primeira vez que fiz uma visita a um prêso — era Fritz Onnasch, tu fôste comigo aquela vez, aquilo me abateu muito, apesar de Fritz se ter mostrado sorridente e disposto. Só espero que contigo não tenha acontecido coisa parecida. Isso teria sua origem numa idéia errônea, como se estar prêso constituísse uma tortura constante. Assim, na verdade, não é, e tais visitas aliviam, por dias, a vida de maneira bem sensível, mesmo que despertem certas recordações, o que é natural. Não faz mal, pois descobre-se, novamente, como se foi rico e volta ao coração uma nova gratidão que resulta em renovada esperança e vontade de viver. Muito obrigado, pois, a ti e a todos os outros.

27.11.43

...Neste entretempo deu-se aqui o tão esperado ataque maciço contra Borsig. Constitui uma sensação mui esquisita, observar como essas "árvores de Natal", êsses marcadores iluminados, que o avião do comando lança, caem sôbre o local

onde estamos. Pavorosa é a gritaria e a fúria dos presos em suas celas. Não tivemos mortos, apenas feridos, mas só pela uma hora da madrugada estivemos prontos com a assistência aos feridos. Pude dormir logo depois como se nada tivesse acontecido. Com tôda franqueza, falam os homens aqui no mêdo que sentiram. Não sei bem como hei de entender isso. Para mim o mêdo também é algo de que os homens deveriam sentir vergonha. Tenho para mim que só na confissão se deveria falar do mêdo, senão me parece algo imprudente. Não quero com isso insinuar que se deva dar a impressão de herói. Por outro lado, pode uma franqueza ingênua desarmar. Há, entretanto, também uma franqueza ímpia que se desabafa no terreno de beber muito, ou de prostituir-se e que dá uma impressão total de caos. Será que o mêdo não deve ser incluído entre os *pudenda* que se devem manter em segrêdo? Preciso refletir mais um pouco a respeito.

Tu deves ter feito as tuas observações. Será mais tarde o fundamento indispensável para a educação, o têrmos tido de viver tão intensivamente as coisas mais horríveis da guerra, hoje. Assim tornar-se-á possível, sôbre o alicerce do cristianismo, uma reconstrução da vida dos povos, interior e exteriormente. Por esta razão, teremos de gravar bem no nosso íntimo o que hoje experimentamos e vivemos, a fim de tornálo fecundo e jamais poderemos querer esquecê-lo. Nunca antes pudemos sentir tão de perto o Deus irado e isto é a graça. "Oxalá ouvísseis hoje a Sua voz, não endureçais o vosso coração". (Salmo 95:7 e 8) As tarefas que nos esperam são tremendas; para elas deveremos ser preparados agora, até que cheguemos a uma certa maturidade.

28.11.43

É o primeiro domingo de Advento. Começou com uma noite calma. Ontem à noite folheei, pela primeira vez, o livro *Nôvo Hinário* "nossos hinos de Advento". Não posso cantarolá-los sem me lembrar de Finkenwalde, Schloenwitz, Sigurdshof.* Esta manhã fiz as minhas devoções, dependurei a coroa do Advento e pus dentro o quadro do presepe de Lippi. No café saboreei o segundo dos ovos de avestruz que me mandaste. Logo depois fui chamado à enfermaria para um interrogatório que durou até meio-dia. Após o almôço escrevi, ainda sob as impressões desagradáveis do último alarma, um relatório sôbre as experiências e as necessidades de assistência médica por ocasião de alarmas aqui na casa. (Explodiria uma mina aérea a 25 m de distância, enfermaria sem janelas, sem luz, presos em gritos, pelos quais ninguém mostrava interêsse a não ser nós que nos achamos na enfermaria; mas nós muito pouco pudemos fazer, porque tem de haver tôda cautela ao abrirem-se celas de criminosos de pena grave, já que são capazes de quebrar uma perna de cadeira na cabeça de um para escapulir (em breves palavras, a coisa foi tudo menos bonita). Espero que meu relatório surta algum efeito. Sinto-me contente quando posso colaborar de alguma forma e principalmente quando se trata de coisa razoável.

Esqueci de te contar que ontem à tarde fumei o fabuloso e aromático Wolf na enfermaria, aliás em meio de agradável conversa. Agradeço-te de todo o coração. O problema dos cigarros é em momentos de alarme algo catastrófico, porque os feridos pedem cigarros e os enfermeiros, e mesmo eu, já antes havíamos fumado uma porção, só de nervosismo. Tanto mais te agradeço tudo que trouxeste anteontem. Aliás, não existem mais, em quase tôda a casa, vidros nas janelas. Os homens estão sentados sob um tremendo frio em suas celas. Tive sorte e isto para a minha surprêsa, porque esquecera de abrir a janela ontem de noite, e ficou intacto. É motivo de satisfação para mim, mesmo que eu sinta muito pelos demais.

Como é bom teres podido vir comemorar Advento com os outros. Certamente estás agora cantando os primeiros hinos juntos. O quadro de Natal de Altdorf me vem à mente e ao mesmo tempo a estrofe: O presepe brilha com tôda a

* Lugares onde funcionaram os seminários clandestinos para pregadores — N. do T.

claridade e a noite se mostra em esplendor. Que não apareça nenhuma maldade, a fé distribua o seu fulgor. "E aquela bela melodia do Advento

Não, porém, no compasso 4/4, mas num ritmo meio suspenso e de expectativa que combina com o texto. Depois ainda pretendo ler uma das agradáveis novelas de W. H. Riehl. Creio que também te agradariam bastante e se prestam muito para serem lidas em família. Devemos tentar conseguí-las.

29.11.43

Esta segunda-feira distingue-se de tôdas as anteriores, acentuadamente. Enquanto geralmente às segunda-feiras há exagerada gritaria e reclamações nos corredores, desanimaram, evidentemente, os mais atrevidos após as experiências da semana passada. Tenho de te dizer pessoalmente mais o que segue: os pesados ataques aéreos, em particular o último por ocasião do qual caí em todo meu comprimento no chão, quando a mina destruiu na enfermaria as janelas, garrafas e medicamentos tombaram dos armários e das estantes, ficando eu mesmo sem nenhuma esperança mais, então eu também recorri à oração mais elementar e recordei minha Bíblia no que oferece de mais confortador. Sôbre isso mais tarde, oralmente. Em mais do que uma só experiência dessas é o tempo no cárcere, para mim, um salutar, ainda que duro, tratamento. Mas isso só pode ser contado nos detalhes quando estivermos a sós.

30.11.43

De início Roeder (Juiz de guerra, presidente do interrogatório) quis apanhar-me, mas afinal teve de se satisfazer com uma acusação assaz ridícula, que lhe colherá poucas glórias... Nos meses passados verifiquei como nunca antes que tudo o que me tem sido oferecido de auxílio e alívio, já não devo a mim mesmo mas a outras pessoas... A vontade de

querer ser tudo pelas próprias fôrças apenas é orgulho falso. Mesmo aquilo que devemos a outros é parte da própria existência e da própria personalidade, e o desejo de sempre calcular o que é "merecido" e o que se deve a outros, certamente não é muito cristão e, ademais, uma tentativa condenada ao fracasso. Cada um é, afinal, com o que é por si e com aquilo que recebe de outros, um todo. Isto eu quis dizer-te ainda, porque experimentei na minha própria carne, e não apenas hoje, mesmo que sôbre isso jamais falasse, em muitos anos de nossa *vita communis*.

2º Domingo do Advento

Sinto uma necessidade tão forte de conversar contigo, nesta manhã de Domingo, e a idéia de que uma carta talvez te ajude também a tornar uma manhã solitária mais interessante me é tão intensa que eu sem mesmo imaginar onde e como esta carta te há de alcançar, me sento para te escrever...

Como e onde nós dois havemos de comemorar o Natal neste ano? Almejo para ti que consigas transmitir um pouco da alegria... mesmo aos soldados com os quais te hás de encontrar. Pois não é que só o mêdo, como eu o experimento com cada nôvo ataque aéreo aqui, seja contagiante, a calma, e a alegria com as quais nos aproximamos cada vez daqueles que sofrem aflições, também contagiam. Realmente creio que a maior autoridade forma-se por tal comportamento — isto quando não simplesmente exibida, mas autêntica e natural. Os homens buscam um pólo calmo e em direção a êle convergem. Penso que nenhum de nós dois seja lá muito valentão, mas isto, afinal, não quer dizer nada, havendo um coração que se firmou sôbre a graça.

Sempre sinto de nôvo como penso em têrmos do Velho Testamento. Por essa razão também li nos meses passados muito mais no V.T. do que no N.T.; só quando tiver conhecido a impossibilidade de pronunciar o nome de Deus será viável pronunciar-se alguma vez o nome de Cristo. Sòmente quando se tiver chegado a amar a vida e a terra de tal maneira que pareça estar tudo perdido com o seu fim, é que se poderá crer na ressurreição dos mortos e num nôvo mundo. Sòmente depois de ter aprendido a aplicar a lei de Deus para

si mesmo, pode falar-se alguma vez em graça e, sòmente quando a ira e vingança de Deus sôbre os seus inimigos forem aceitos como reais, poderão perdão e amor aos inimigos atingir o nosso coração. Aquêle que ligeiro demais pretender pensar e sentir em têrmos do N.T., segundo a minha opinião, não é Cristão. Nós já conversamos algumas vêzes sôbre isto e cada dia aqui me confirma o quanto isto é certo. Não se pode e não se deve dizer a última palavra antes de ter dito a penúltima. Vivemos no antepenúltimo e cremos no último, não é assim mesmo?

Luteranos (os assim chamados) e pietistas sentiriam calafrios ao pensarem desta maneira, mas nem por isso deixa de ser exato. No meu livro *O discipulado* apenas mencionei por alto êstes pensamentos (no 1º capítulo) e não pude desenvolvê-los conforme devia. Devo ainda fazê-lo mais tarde. Essas conseqüências são de longo alcance, entre outras coisas para o problema católico, para o conceito de função, para o uso da Bíblia, etc., mas em particular para a ética. Por que será que no V.T. se mente tanto e freqüentemente para a honra de Deus (eu compilei tôdas as passagens). Lá se mata, trai, rouba, divorcia e até prostituição se tem (compara a árvore genealógica de Jesus); lá se duvida e blasfema e pragueja, enquanto nada disso há no N.T.? Curso elementar de religião; seria uma informação muito ingênua; pois é um e o mesmo Deus. Mas a respeito disso, mais tarde e oralmente.

Nesse entretempo ficou noite. Agora mesmo me disse o suboficial que me trouxe da enfermaria para a minha morada, quando nos despedimos, com um sorriso de constrangimento, mas realmente sério: "Ore, reverendo, para que hoje não tenhamos alarma". Meu passeio diário faço desde algum tempo com um funcionário do partido, que já ocupou a presidência no govêrno, ex-membro do govêrno eclesiástico pelos Cristãos Alemães em Braunschweig, atualmente chefe do partido em Varsóvia. Êle teve aqui um colapso total e me segue com uma afeição quase infantil. Pede conselho para coisas mínimas, conta-me quanto tem chorado etc. Depois de mostrar-me um tanto frio com êle por várias semanas, providencio agora para êle certas vantagens, e êle se manifesta tão grato que comove mesmo. Sempre afirma como êle se sente satisfeito por ter encontrado um homem igual a mim com quem

possa conviver. De fato, surgem situações estranhas; ah, pudesse só uma vez contar tudo direito para ti.

Muito tenho ainda pensado sôbre o assunto de confessar o próprio mêdo, conforme te falei recentemente. Creio que sob a aparência da honestidade se apresenta algo como "natural" que examinado direito não passa de um sintoma do pecado: para mim parece análogo ao falar abertamente das coisas sexuais. "Veracidade" não deve ser confundido com a tendência a revelar tudo que existe. Deus mesmo deu aos homens vestes, isto quer dizer que *in statu corruptionis* muitas coisas no homem devem permanecer ocultas, e que o mal, já que não pode ser eliminado de um todo, ao menos fique escondido. Desnudar é a atitude do cínico e mesmo que o cínico goste de se fazer honesto e dar aparência de um fanático pela verdade, ainda assim não atinge a decisiva verdade, que é que desde a queda do homem deve haver cobertura e segrêdo. A magnitude em Stifter é para mim o fato de êle desistir de penetrar o íntimo do homem, mas sempre procurar respeitar o que deve ser mantido sob coberta. Êle observa o homem, por assim dizer, com tôda a cautela, de fora, mas evita invadir sua intimidade. Tôda curiosidade lhe é estranha. Causou-me certa vez, grande impressão que a senhora V.K., com verdadeiro pavor, contasse de um filme no qual se mostrava o crescimento de uma planta com acelerador de tempo: ela e seu marido não suportaram aquilo, porque lhes parecia uma invasão no segrêdo da vida. Nesta mesma direção vejo Stifter. Mas não vai daqui uma ponte até a assim chamada "hipocrisia" inglêsa, a qual se opõe à "honestidade" alemã? Acredito que nós alemães nunca entendemos bem a importância do "segrêdo", isto é em princípio o *status corruptionis* do mundo. Kant diz certa vez com muita propriedade na sua antropologia, que, aquêle que desconhecer a importância da aparência no mundo e a negar, deverá ser considerado réu de alta traição contra a humanidade. Evidentemente fôste tu que conseguiste o livro *Witiko*, que me trouxeram na sexta-feira passada? Quem mais poderia ter sido? Ainda que êsse livro revele antes diligência do que prudência, eu o li em parte com grande interêsse. Muito obrigado, portanto.

Aliás: "Dizer a Verdade" (a respeito do que escrevi um ensaio) significa, segundo minha opinião: dizer como algu-

ma coisa é na realidade, isto é, com respeito ao segrêdo, confiança ao que deve ficar encoberto. "Traição", por exemplo, não é verdade, tampouco frivolidade, cinismo, etc. E aquilo que está encoberto só poderá ser manifestado no confessionário, portanto, diante de Deus. Também sôbre isso mais tarde. Para o domínio psíquico de contrariedade para mim não há meio mais fácil do que não pensar nas contrariedades — isto eu o aprendi mais ou menos — há entretanto, um meio mais duro: é encará-las conscientemente e dominá-las. Isto eu não sei ainda. Deve-se aprender isto também, já que o primeiro não passa de uma auto-ilusão que, conforme julgo, nos é permitida.

15.12.43

Quando ontem li tua carta, me pareceu como se houvesse uma fonte, sem a qual minha vida espiritual havia começado a secar e depois de muito tempo voltasse a receber as primeiras gôtas d'água. Sei que vais achar isto exagerado... No meu isolamento, porém, isto é bem diferente. Tenho de viver do que passou... Em todo caso, tua carta pôs os meus pensamentos, já um tanto enferrujados, novamente a correr. Acostumei-me tanto a trocar idéias contigo que uma longa interrupção exigia uma completa readaptação e enorme privação. Agora ao menos voltamos a uma conversa... De maneira alguma devem Roeder e camaradas conseguir quebrar, além da porcelana que já destruíram, ainda nossas relações pessoais e imprescindíveis.

...E neste instante retomo com grande alegria tua "conversa" vespertina, já que aqui apagou a luz e estou à luz de vela. Assim imagino: nós dois sentados, como em velhos tempos, depois da janta (e do nosso trabalho regular à noite)[1] no meu quarto fumando e de vez em quando tocando alguns acordes no piano, e contando um ao outro sôbre o que trouxera o dia de novidade. Então primeiramente eu teria muito a te perguntar, sôbre o tempo de preparação, tua viagem para visitar Carolus[2] ...E, afinal começaria a te contar, que, por

[1] Escutar emissoras estrangeiras — N. do T.
[2] Karl Barth — N. do T.

exemplo, apesar de tudo que escrevi, aqui é um ambiente abominável, que as impressões pavorosas, às vêzes, me perseguem noite adentro e que só as consigo afugentar com a recitação de inúmeros versos de hinos, e que, muitas vêzes, meu despertar começa com um suspiro em vez de louvor a Deus. É mais fácil acostumar-se às necessidades físicas, pois, vive-se durante meses como se não houvesse corpo, mas não é possível acostumar-se às privações psíquicas. Tenho a impressão de que envelheço ràpidamente com o que vejo e ouço, e o mundo começa a me parecer abominável e pesado. Provàvelmente tu agora te admiras com o que digo e te lembras das minhas cartas. Tu mesmo escreveste tão afetuosamente, que me "esforcei um tanto" para te dar sôbre a minha situação certa tranqüilidade e esperança. Eu mesmo me pergunto seguidamente: Quem eu sou afinal? Ou aquêle que sob as experiências insuportáveis aqui se torce e geme; ou quem com chicotadas se castiga a si mesmo e para os de fora (e mesmo diante de si mesmo) se disfarça como calmo, alegre, indiferente, superior, inclusive esperando para isto admiração dos outros (isto é para a sua apresentação teatral, ou não é isso?) Que é afinal comportamento? A pessoa não se conhece nem a si mesma e já nem mais dá valor a isso, e o aborrecimento com tôda a psicologia e o enjôo contra a análise espiritual se agrava mais de dia para dia. Acredito que por esta razão se me tornaram Stifter e Gotthelf tão importantes. De fato, urge atender-se coisa mais importante do que o auto-reconhecimento.

Depois conversaria contigo sôbre a tua opinião a respeito da possibilidade de que êste processo, que me envolveu com a resistência (e não creio que tenha ficado oculto), me prejudique futuramente no exercício de profissão? Êste problema só posso tratar contigo e talvez possamos, caso se permita um encontro nosso aqui, conversar a respeito. Pensa sôbre o assunto e me dize a verdade.

...Às vêzes penso que já tenho minha vida realizada e apenas ainda deveria completar a Ética. Nos momentos em que assim penso, sabe, que trago dentro de mim um ardente desejo de não desaparecer assim sem deixar vestígio algum — certamente também êste é mais um desejo de acôrdo com o V.T. do que com o N.T.

...Ah, pudéssemos ver-nos ainda antes de tua partida, em liberdade. Em todo caso, se de fato mais um Natal tiver de ser passado aqui no cárcere, hei de considerá-lo um Natal na frente de luta. Às vêzes grandes batalhas são mais fáceis de ser travadas do que esta guerra pequena e diária. Também espero que tu, em fevereiro, de algum modo, consigas alguns dias de férias e que eu até então esteja em liberdade. Em vista do absurdo que alegam contra mim, terão de me soltar dentro do prazo.

Mais uma vez estou trabalhando no ensaio: *Que significa dizer a verdade!* A importância da confiança, da fidelidade, do segrêdo será bem elaborada contra o conceito "cínico" da verdade, para o qual não existem todos êstes compromissos. "Mentira" é a destruição e a inimizade contra o real como existe em Deus. Aquêle que cìnicamente fala a verdade, mente. Aliás, sabe que sinto muito pouca falta do culto divino. É estranho. Qual será a razão disso?

Tua comparação bíblica com o *Comer a Carta* é sugestiva. — Caso chegues até Roma, procura visitar Sch., na Propaganda Fide. Como é o ambiente entre os soldados, êles têm certo respeito por tua presença? Aqui na enfermaria, há certas liberdades mas não é um ambiente muito sujo. Alguns dos presos mais jovens não resistem, evidentemente, à longa solidão nas noites escuras e intermináveis, de modo que se desgastam totalmente. Realmente é um absurdo difícil de ser compreendido, deixar êstes homens durante meses sem ocupação alguma. Isto tem de ter efeito desmoralizador...

18.12.43

Tu também deves receber uma carta pelo Natal. Já não acredito na minha soltura. Segundo meus cálculos deveria ter sido pôsto em liberdade até o dia 17 de dezembro. Êles, entretanto, querem andar com segurança e assim terei de ficar aqui prêso ainda semanas, senão meses. As últimas semanas representaram psìquicamente, um agravamento muito maior de minhas condições do que o tempo anterior. Nada pode ser mudado, mas é muito mais duro ter que se acomodar a uma situação que poderia ter sido evitada do que adaptar-se ao inevitável. Acontece que, uma vez que os fatos existem, te-

mos de nos dar por satisfeitos. O que me preocupa hoje muito especialmente, é que tu também, daqui a mais uns dias, terás que enfrentar fatos que para ti serão bem duros, talvez mais do que para mim. Penso que primeiramente se deve tentar todo o possível para ainda modificar a situação. Se tiver tentado tudo, mas em vão, o suportar será bem mais fácil. Naturalmente nem tudo que acontece é, simplesmente, "Vontade de Deus", mas, ao mesmo tempo, nada acontece "sem a vontade de Deus" (Mt. 10:29), isto é o que há em todo acontecimento, por mais infeliz que seja: uma porta aberta para Deus. Se um casamento começou muito bem e sob a mais sincera gratidão a Deus, torna-se depois infinitamente pesado, ter de aceitar do mesmo Deus que abençoou êste matrimônio, tempos de necessidade e aflição. Para meu pensar não há coisa mais difícil de se suportar do que a saudade. Muitas pessoas sofreram desde cedo tantos abalos em sua vida que já nem se podem dar o luxo de uma grande saudade, isto é, já se desacostumaram a estender o arco de tensão interior por longo tempo e arranjam alegrias e prazeres menos exigentes e de mais breve duração como substitutivo. Êste é o destino das classes operárias e a ruína de tôda a fecundidade espiritual. Realmente, ninguém poderá afirmar que seja bom para o homem ter sido criado, desde cedo e seguido, a pancadas. Na maioria dos casos acaba com o homem. Decerto, tais pessoas se mostram, em tempos como os nossos, mais endurecidas, mas ao mesmo tempo mais indiferentes. Se por mais tempo formos separados dos que amamos, não poderemos simplesmente como os outros, pôr qualquer substituto em seu lugar; eu digo, não por causa de uma questão moral, mas já devido à nossa personalidade. O substituto nos enjoa. Temos de esperar e esperar, sofrendo deveras sob a separação, temos de sentir saudade até quase adoecermos, e só desta forma manteremos a comunhão com as pessoas que amamos, inabalável, mesmo que seja de uma maneira bem dolorosa. Conheci na minha vida diversas vêzes a saudade da Pátria e do lar. Não há dor mais profunda. E aqui nos meses que passo na prisão tive algumas vêzes uma saudade indescritível. Como penso que tal te acontecerá nos próximos meses, quis escrever-te sôbre as experiências que colhi. A primeira conseqüência dêste período de saudade sempre é a vontade de relaxar o ritmo normal das atividades do dia. Assim intro-

duz-se na nossa vida uma certa desordem. Diversas vêzes me senti tentado a não levantar às 6 horas, como costumeiramente, o que teria sido bem possível. Poderia ter dormido mais. Até hoje me obriguei a levantar na hora aprazada. Compreendi que teria sido o início da capitulação, à qual se teriam seguido coisas piores, de ordem exterior, puramente física, o que poderia prejudicar bastante meu estado íntimo e espiritual (ginástica matinal, e tomar banho frio). Segundo, nada é mais errado do que nesses tempos tentar conseguir um substituto ou uma compensação pelo insubstituível. Jamais o conseguiremos e a desordem tornar-se-á ainda maior. As energias, que afinal poderiam resultar da total concentração no objeto de nossa saudade, serão solapadas e o resistir se torna mais insuportável... Terceiro, acredito que seja muito bom não falar sôbre tudo isso com estranhos — isto remexe ainda mais na ferida — melhor seria franquear-se às necessidades de outras pessoas. Principalmente não se deve buscar satisfação na autocomiseração. E o que finalmente diz respeito ao lado cristão do assunto, temos o verso: "Jamais alguém se esqueça do que esquece tão ligeiro: Aqui sou estrangeiro, a Pátria não é essa," que evidentemente nos lembra o essencial. Mas ainda algo finalíssimo: Eu creio que devemos amar a Deus nesta vida e em tudo que Êle nos outorga de bem, de maneira que com confiança estejamos prontos a ir ao Seu encontro — mas também só quando chegar a hora — com o mesmo amor e a mesma alegria. Para expressá-lo mais claramente, que um homem que se acha nos braços da amada espôsa sinta saudade do além, é sem gôsto e menos ainda vontade de Deus. Devemos achar e amar a Deus exatamente naquilo que Êle nos dá no momento. Se aprouver a Deus conceder-nos uma felicidade imensa e terrena, não queiramos ser mais divinos e mais piedosos que Êle e minar esta felicidade com pensamentos arrogantes e provocações resultantes de uma fantasia religiosa fanatizada, que jamais se satisfaz com o que Deus nos concede. Àquele que achar a Deus em sua felicidade terrena e lhe agradecer, também não deixará de oferecer horas nas quais se há de lembrar de que o terreno sempre só é passageiro e que é bom acostumar-se o coração à idéia da eternidade. Afinal também chegará a hora em que todos poderemos dizer sinceramente: "quisera que estivesse já em casa..." Mas tudo isso tem seu tempo próprio,

e continua sendo o principal que se mantenha passo com Deus, e não, pretender ir adiante dÊle por alguns passos, nem tampouco se deve ficar para trás.

É petulância querer possuir tudo de uma só vez, a felicidade do matrimônio e a cruz e a Jerusalém celestial, na qual não mais há homem e mulher. "Tudo Êle faz bem a seu tempo" (Ecl. 3). Tudo tem "sua hora: chorar e rir... tempo de abraçar, de afastar-se de abraçar... tempo de rasgar, e tempo de coser... e Deus fará renovar-se o que se passou". Êste último certamente quer dizer que nada do que passou está perdido e que Deus conosco rebusca o nosso passado, que pertence à nossa vida e personalidade. Se, portanto, a saudade daquilo que passou nos sobrevier — e isto acontece em épocas que nós não poderemos prever — poderemos saber que são apenas algumas das muitas horas que Deus deixa preparadas para nós e então devemos — já não por conta própria mas com Deus — rebuscar o passado. Basta agora, pois vejo que te sobrecarreguei: afinal, não te posso dizer nada a respeito dêsse assunto que tu não saibas por experiência própria.

4º Domingo de Advento

...Últimamente não me sai da cabeça o verso: "Deixai passar, irmãos queridos, o que vos atormenta e vossa falta aumenta, vê-los-ei restituído". Que significa isso "vê-los-ei restituído"? Nada fica perdido, em Cristo tudo está guardado, protegido, naturalmente em figura transformada, transparente, claro, libertado da tortura da cobiça egoísta. Cristo restitui tôdas as coisas, assim como Deus as quis originalmente, sem a deturpação do pecado. A doutrina da restituição de tôdas as coisas que se originam em Efésios 1:10 — *re-capitulatio* (Ireneo) é uma idéia magnífica e mui confortadora. Cumpre-se o fato de que "Deus rebusca o que passou". E ninguém soube expressar isto com tanta singeleza e ingenuidade como Paul Gerhardt, quando faz o Menino-Deus dizer:" "Tudo eu devolvo". Talvez possa êste verso ajudar-te um pouco nas semanas que se aproximam. Além disso, foi a primeira vez que descobri para mim mesmo nesses dias passados o hino: "Aqui estou junto ao teu presepe..." Até aqui não dei muita importância. Certamente é necessário

se estar muito tempo só e ler o verso com meditação, para que êle comece a falar. Êle é em cada palavra excepcionalmente substancioso e bonito. Talvez um tanto místico e conventual, mas apenas tanto quanto se justifica. Há de fato ao lado do NÓS ainda um EU e Cristo, e o que isso significa não pode ser expressado melhor do que neste hino, bem como em alguns trechos da *Imitatio Christi*, que leio em alguma edição latina, de vez em quando. (Acho-a em latim bem mais bonita do que em alemão). Ocasionalmente penso também na melodia do *Oh bone Iesu de* SCHUETZ de origem agostiniana.

Não é êste compasso em certo modo, por assim dizer sua devoção estático-saudosa, mas ao mesmo tempo tão pura, algo como a "devolução" de todo o desejo terreno? "Devolução", aliás, não deve ser confundida com "Sublimação", é *sarx* (e pietista), "devolução" é espírito, e isto não no sentido da "espiritualização" (o que também seria *σάρξ sarx*) mas de *καινὴ κτίσις Kainae Kuisis* por meio do *πνεῦμα ἅγιον, pneuma agion*. Creio ser esta idéia também muito importante quando falarmos com as pessoas que nos consultam a respeito das relações com os mortos queridos. "Eu devolvo tudo" — isto é que nós não podemos nem devemos querer buscar para nós o que só Cristo nos pode e nos há de devolver. (Observação: Quando eu fôr enterrado, gostaria que se cantassem *Uma só coisa peço ao Senhor* e *Apressa-te, Senhor, a me salvar* e *Oh bone Jesu*).

Ao meio-dia do dia 24 está para vir aqui um bondoso cidadão já de alguma idade, aliás espontâneamente, para tocar hinos de Natal no seu instrumento de sôpro. Segundo as experiências dos sensatos aqui o efeito é apenas que os presos ficam num estado miserável de tristeza, de modo que o dia lhes pesa ainda mais. Alguns afirmam que o resultado é "desmoralizador" e eu acredito mesmo que seja. Em várias ocasiões, os detentos começam a assobiar e fazer barulho, talvez para não se deixarem dominar pela fraqueza e emoção. Julgo também que em vista da miséria, que predomina nesta casa, não há muita conveniência em uma comemoração do Natal de modo muito sentimental e de brincadeira. Certo seria uma boa palavra pessoal, uma prédica, esta sim, caberia bem aqui. Sem isso a música pode até constituir um perigo. Não precisas pensar que eu pessoalmente sinta mêdo, tanto assim não, mas tenho pena dos muitos indefesos soldados que sofrem em suas celas. Esta pressão que diàriamente pesa sôbre a pessoa aqui, jamais se há de perder de um todo. Em certo sentido isto deve ser assim. As idéias sôbre a reforma total de nossa justiça penal tem me ocupado muito e espero que ainda cheguem a produzir algum fruto.

Se receberes a carta ainda em tempo, procura providenciar que eu receba para as festas algum livro bom. Alguma coisa venho pedindo já há algum tempo, mas parece que não a conseguiram. Pode ser algo que excite. Caso aches, sem qualquer dificuldade, a *Doutrina de Predestinação* de Barth (em brochura) ou a *Doutrina de Deus* (Dogmática I.1 e II.2). O orador de propaganda com quem diàriamente passeio se está tornando uma bardana insuportável. Enquanto os homens na maioria aqui se esforçam para manter certa atitude, mesmo nas situações mais graves, êle teve um colapso total e faz uma figura realmente trágica. Eu me mostro tão amável quanto possível e falo com êle como se fala a uma criança. Às vêzes se torna até cômico, mas é simpático. Conforme fui informado, os detentos da cozinha e os que trabalham ao ar livre se comunicam à tarde sôbre o local onde eu me acho, para virem sob qualquer pretexto conversar comigo, o que lhes parece sempre interessante. Isso normalmente é proibido, mas gozei quando me contaram. Naturalmente não se deve falar a respeito disso para pessoa alguma. Esta carta por muito tempo será a última oportunidade que temos de nos comunicarmos sem terceiros a lerem as cartas...

22.12.43

A essa altura já podemos considerar como decidido que não poderei passar o Natal convosco. Só que ninguém ousa falar-me a respeito. Por que será? Esperam de mim tão pouca *contenance*...?

...Os inglêses cunharam para êste estado a palavra exata que se deriva de *tantalisieren*... Amanhã gostaria de te

dizer, de alguma maneira, que para mim a condução do meu caso constitui decisivamente uma questão de fé e tenho a sensação de que se tornou demasiadamente um problema de cálculo, de precaução. De fato não me interessa tanto o problema, quase infantil, de se poderei estar em casa no Natal ou não... Eu poderia sacrificar tudo isso se o pudesse fazer "na fé", sabendo que assim deveria ser. "Na fé" posso suportar tudo — ao menos assim o espero — até uma condenação, bem como as demais conseqüências tão temidas (Salmo 18:30); mas uma precaução sob temores abate. Não tenhas cuidado por mim, caso aconteça algo pior (temor de internação no KZ). Outros também já passaram por isso. Mas um vacilar para cá e para lá, sem fé, um infindo refletir sem fôrça para agir, um não querer arriscar, nisto está o verdadeiro perigo. Eu devo ter certeza de estar nas mãos de Deus e não nas mãos dos homens. Então tudo se torna leve, mesmo a mais dura privação. Trata-se — e eu penso que posso dizê-lo assim — já não mais de uma "incompreensível paciência", como talvez se possa dizer no caso, mas de que tudo deve acontecer na fé... Em todo caso tu deves saber que até agora ainda não me arrependi um instante de minha volta em 1939.* Nem sequer me arrependi de tudo que houve depois. Tudo isto aconteceu com plena clareza e com a melhor consciência. Nada do que aconteceu na minha vida desejo cancelar, nem o que diz respeito à minha vida pessoal (...Sigurdshof, Prússia Oriental, Ettal, minha doença sob tua assistência, o tempo em Berlim) nem o que diz respeito ao interêsse geral. E se agora estou prêso (deves estar lembrado do que eu te predisse em março p.p.) conto isto como participação no destino da Alemanha, à qual me havia decidido. Sem qualquer censura penso no que passou e sem qualquer queixa suporto o presente. Só que não queria cair na incerteza por culpa de manipulações humanas. Nós só conseguimos viver na certeza e na fé — tu ali entre os soldados e eu aqui na cela. Neste instante está aberta a *Imitatio Christi* na qual leio: *Custodi diligenter cellam tuam, et custodiet te* (vigia fielmente sôbre tua cela e Êle cuidará de ti) — Deus nos conserve na fé.

* Pouco antes de irromper a guerra, quando DB se encontrava nos U.S.A. — N. do T.

São 21,30 horas. Passei algumas horas encantadoras e pacíficas e me lembrei com profunda gratidão do fato de que vós vos achais hoje reunidos...

Constitui para mim uma das maiores alegrias de Natal têrmos podido trocar as senhas também êste ano. Já me lembrara disto algumas vêzes, mas o achei meio difícil. Agora êste livro que justamente no mês passado me prestou tão valioso serviço há de me acompanhar por todo ano próximo vindouro e, tôdas as manhãs quando o abrirmos, havemos de nos lembrar um do outro, muito obrigado. Para o tempo de separação que agora nos espera, gostaria de dizer-vos alguma coisa. Quão pesada se nos torna tal separação, nem mais preciso mencionar. Como eu agora, já há três quartos de um ano separado de tôdas as pessoas que amo, tenho feito algumas experiências, quero relatá-las aqui.

Primeiro: não há nada que nos possa substituir a presença de um ente querido e nem devemos tentar substituí-lo. Cabe-nos simplesmente suportar e perseverar. Isto pode parecer duro, mas, ao mesmo tempo, é um grande consôlo; pois, como o vazio não pode ser preenchido, fica a possibilidade da comunhão de um com outro. Está errado quando se afirma que Deus preenche êste vazio; Êle jamais o preencherá; ao contrário, Êle o conserva vazio e nos ajuda para que conservemos nossa velha amizade — mesmo que seja sob dores.

Segundo: Quanto mais belas e mais ricas as recordações, tanto mais dura a separação. Mas a gratidão transforma o tormento em uma tranqüila felicidade. Então já não se suporta mais o belo que passou como espinho, mas como precioso donativo, dentro de si. Deve ser evitado o constante remexer nas reminiscências, querendo entregar-se a elas, como tampouco se pode olhar sempre para um presente valioso, senão apenas em horas especiais, para assim possuí-lo qual um tesouro escondido, de cuja presença se tem certeza. Então, do que passou, resultará uma duradoura alegria e uma grande energia.

Terceiro: Tempos de separação não são perdidos para o convívio nem estéreis tampouco, ao menos não o precisam ser,

pois, por êles — superando todos os problemas — pode formar-se uma comunhão inesperadamente forte.

Quarto: Eu sempre experimentei que os fatos podem ser dominados, e que só a preocupação e o mêdo prèviamente os transformam em algo tremendamente ameaçador. Do primeiro despertar até o adormecer devemos encomendar o outro totalmente a Deus e deixá-lo nas divinas mãos, e em nossas preocupações devemos dirigir intercessões a Deus pelos outros. "Com temores e tristezas... nada de Deus obteremos".

1º dia de Natal

...Todos os apreciáveis presentes acham-se novamente sôbre a beirada da cama. Tenho diante de mim os retratos, que me causam constante alegria. Assim aproveito até hoje da tua visita, quase sem interrupção... Foi mesmo uma *necessitas*. Existe uma fome espiritual, depois de uma entrevista, que tortura muito mais do que a fome física e material. Em poucas palavras e rápidos tópicos foram abordados conjuntos inteiros de problemas e conseguimos esclarecê-los. Esta capacidade de adaptação e sintonia mútuas que adquirimos após exercícios de longos anos, jamais devemos perder para o futuro. Constitui um ganho extraordinário e uma ajuda valiosa. Quanta coisa não tratamos naquela hora e meia, e quanto não soubemos um do outro. Eu te agradeço de todo o coração por teres conseguido promover êste nosso encontro.

...O povo daqui quis tornar-me o Natal tão belo quanto possível, mas eu me sinto mais satisfeito quando posso estar sòzinho comigo na cela. Esta reação causa certa estranheza a mim mesmo e me pergunto como farei para voltar depois ao convívio dos homens. Aliás, tu já conheces minhas retiradas ocasionais das grandes festas em casa, para o meu quartinho. Temo apenas que isto se agrave agora cada vez mais. Apesar de tôdas as privações comecei a amar deveras a solidão. Gosto de conversar com uma ou duas pessoas. Aglomerações, entretanto, de maior número de pessoas e, particularmente, tôda a loquacidade e todo o palavrório, eu detesto.

23.1.44

Desde o dia 9 de janeiro p.p.* penso em ti de modo diferente do anterior. ...Para mim êste domingo foi também um golpe, ainda que de maneira bem diversa da tua. Constitui uma sensação nova ter de assistir a uma pessoa, de cujo bem-estar e destino se participa, partir para um futuro totalmente incerto, sem que haja qualquer possibilidade de intervir. Esta consciência da própria impotência... tem, como eu acho, dois lados. Primeiro, me parece ser angustiante, mas, ao mesmo tempo, tem algo de libertador. Enquanto tentarmos ajudar a construir o futuro de uma outra pessoa, jamais nos livraremos do sério problema, sôbre se aquilo que fazemos, é, de fato, para o outro, também o que mais lhe convém. Em todo caso, é assim nas decisivas interferências na vida de um outro. Quando então, de repente, nos são tomadas quase tôdas as possibilidades de intervirmos pessoalmente, logo surge atrás do mêdo pela sorte do outro também a consciência de que sua vida fôra entregue a mãos mais fortes e em todo o sentido melhores. Encomendarmo-nos mùtuamente a estas mãos, será certamente a grande tarefa para as semanas a vir e, talvez mesmo para meses, tanto para ti como para mim... Mesmo que em tudo que precede os fatos ainda haja muitas falhas, e cálculo errado, e até culpa nos fatos em si, Deus está sempre presente. Caso consigamos atravessar estas próximas semanas e os meses que se avizinham, com vida, havemos de reconhecer mais tarde que para nós terá sido bom que tudo tenha vindo exatamente como aconteceu. A idéia que muita experiência dura poderia ter sido evitada se tivéssemos sido mais levianos e sem muita responsabilidade me parece ser muito insípida para que a pudéssemos levar a sério, por um momento que fôsse. Reexaminando teu passado tenho plena certeza de que não poderia ter sido diferente do que foi, como também julgo pela mesma razão absolutamente certo o que fazes no presente. Querer desistir de autênticas alegrias e plenitude de vida a fim de escapar às dores não é nem cristão nem humano...

Neste instante me chega a notícia do desembarque em Netuno. Será que tu te achas por ali? Com cada mudança

* Partida do amigo para o campo de luta. — N. do T.

dessas verifico que a serenidade não é bem parte da minha natureza, mas que eu sou obrigado a reconquistá-la, a cada momento. Aliás, serenidade e sangue-frio como dom de natureza não passam geralmente de uma expressão eufemística para indiferença e indolência, e assim não pode ser considerado algo muito respeitável. Num capítulo de Lessing li recentemente: "Sou orgulhoso demais para me imaginar infeliz — ranjo um pouco os dentes — e deixo o barco seguir conforme vento e ondas quiserem. Basta-me que não tenha vontade de virá-lo." Seria êste orgulho e êste ranger de dentes totalmente vedado aos cristãos? Não passamos também por tal sensação e isto em favor de uma serenidade que está fora de tempo? Não há também uma serenidade orgulhosa e que range os dentes? Tal seria coisa bem diferente de todo o sangue-frio obstinado, apático, teimoso, sem vida e irrefletido qual o sujeitar-se a algo inevitável? Creio que se presta melhor homenagem a Deus, quando se reconhece os valôres da vida que nos foi confiada, aproveitando-os e amando-os ao ponto de sentir bastante quando êstes valôres, pela dor, são reduzidos ou perdidos. Sim, devemos chorar sinceramente tal prejuízo, mesmo que isso seja denunciado e condenado como fraqueza e sensibilidade de nossa existência burguesa, como se pudéssemos ficar apáticos diante dos valôres da vida ou apáticos diante da dor. A palavra de Jó: "O Senhor deu, etc...." (cap. 1:21) inclui isto também, como ainda seu falar durante o qual êle range os dentes e a justificação do mesmo (cap. 42:7ss) contra tôda a submissão antes do tempo, e aparentemente mui piedosa, de seus amigos, muito bem podemos concluir...

...Aquilo que tu dizes com referência à amizade, a qual, diferentemente do matrimônio e do parentesco, não conta com direitos comumente aceitos e reconhecidos. Assim sendo, ela pousa sôbre o conteúdo que lhe é intrínseco. Acho isto muito bem observado. De fato não é fácil classificar sociològicamente a amizade. Creio que deve ser entendida como um subconceito da idéia de cultura e civilização, enquanto fraternidade, sob a idéia de Igreja, e camaradagem, sob a idéia do trabalho e da política, acham sua classificação. Matrimônio, trabalho, Estado e Igreja têm seu concreto mandato divino, mas não sei como se entende cultura e civilização. Não acredito que possam ser classificadas simplesmente debaixo

BIBLIOTECA DR. MARTINHO LUTERO 8207

da idéia do trabalho, mesmo que isto pareça ser o mais interessante por ser mais fácil. Não pertencem à zona da obediência, mas ao âmbito da liberdade, que envolve tôdas as 3 zonas dos mandatos. Aquêle que não sabe da existência dêste espaço da liberdade poderá ser um bom pai, um bom cidadão, um bom operário e, de certo modo, também um bom cristão, mas se poderá ser um homem em sua plenitude (e assim também um cristão autêntico) duvido muito. Nosso mundo "protestante" (não-luterano) — e prussiano, de tal maneira está sob o ditado dos 4 mandatos, que o espaço da liberdade ficou para trás. Será — ao menos hoje parece ser possível — que pelo conceito da Igreja, e só por êle, se recuperaria o espaço da liberdade (arte, civilização, amizade e interpretação)? Isso significaria que justamente a "existência estética" (Kierkegaard) não pode ser expulsa da Igreja, mas deveria ser nela refundamentada. É o que eu acredito e com isso recuperaríamos o contacto com a Idade Média. Quem é que hoje em dia ainda sabe despreocupadamente praticar música, cultivar amizades, representar e alegrar-se, para dar um exemplo? O homem ético decerto não, e só mesmo o cristão. Justamente porque a amizade pertence ao âmbito da liberdade ("do homem cristão"?) ela tem de se defender contra tôda suspeita por parte das existências "éticas", decerto sem a reivindicação de uma *necessitas* da lei de Deus, mas com a exigência da *necessitas* da liberdade. Acredito que dentro do âmbito dessa liberdade a amizade seja o bem mais raro e mais precioso — onde é que ainda exista em nosso mundo moderno — mundo êste que preferìvelmente é governado pelos três outros mandatos? A amizade não é comparável aos bens dos mandatos, já que é em comparação a êles *sui generis*, mas mesmo assim faz parte dêles como o ancinho na seara.

No que diz respeito à tua observação sôbre "a angústia de Cristo": Ela só se expressa na oração (como também nos Salmos) (aliás ainda me é inexplicável como os Evangelistas relatam sôbre esta oração que nenhum homem pode ter escutado. A informação de que Jesus revelou esta oração no *evangelium quadraginta dierum* é um subterfúgio. Podes dizer-me algo a respeito?).

Tua recordação de Sócrates em combinação com o tema "Formação e Morte" talvez seja muito fecundo. Tenho de

pensar mais a respeito. Tornou-se-me claro até agora que uma "formação" que falha no perigo, não é formação cultural. Formação tem de saber enfrentar perigo e morte — *"impavidum feriunt ruinae"* (Horácio) ("a um intrépido atingem as ruínas") — mesmo que não o possam "vencer". Que quer dizer vencer? Achar no juízo perdão e na angústia os amigos? Bem, sôbre isto ainda teremos que falar mais...

Qual será o destino de Roma? A idéia de que a cidade eterna possa vir a ser destruída me é como um pesadelo. Felizmente nós ainda a vimos em tempos de paz.

Eu continuo indo muito bem, trabalho e espero. No mais tenho em todo o sentido um inabalável otimismo e só desejo que tu o tenhas também. Até um feliz reencontro.

Caso cheques a rever o Laocoon, presta uma vez atenção à cabeça do pai, se não é possìvelmente um modêlo para posteriores imagens de Cristo. Sei que à última vez êste homem de dores muito me comoveu e por muito tempo nêle tive de pensar...

...Com meu companheiro nas caminhadas diárias tive de mudar de tom. Apesar de êle fazer tudo para se aproximar de mim, um dia dêstes deixou escapar uma observação a respeito do problema dos judeus, etc. o que me obrigou a tratá-lo com tanta repugnância e frieza como talvez ainda não tivesse tratado pessoa alguma até aqui. Também tomei tôdas as providências para que lhe fôssem negadas certas pequenas regalias. Pois que gema por alguns dias, isto me deixa totalmente frio — até me admira isto. Êle é de fato uma figura lastimável, mas não comparável ao "pobre Lázaro".

29 e 30 de janeiro de 1944

...Uma vez que eu mesmo mal posso suportar a impossibilidade de te escrever, aproveito esta tarde tranqüila de sábado, que se destaca tanto depois da barulhada das últimas duas noites que se chega a estranhar, para conversar um pouco contigo. Procuro imaginar como êstes primeiros dias de um contacto imediato com a guerra e provàvelmente também as primeiras impressões do *vis-à-vis* com os anglo-saxões, os quais até aqui só conhecemos dos tempos de paz, influíram sôbre ti?...

Quando agora penso em ti de manhã e à noite, preciso cuidar sèriamente a fim de não ficar prêso em meus pensamentos nas múltiplas preocupações e angústias que agora te sobrevêm, mas que eu saiba fazê-lo de fato com espírito de oração. Já que falamos nisso devo falar-te uma vez sôbre a oração na angústia. É coisa bem difícil, mas ao mesmo tempo a desconfiança com a qual a encaramos na nossa vida talvez não seja muito conveniente. No Salmo 50 lemos claramente: "Invoca-me na angústia e eu te salvarei, então hás de me louvar." Tôda a história de Israel consiste em constantes gritos por socorro. E eu mesmo devo confessar que justamente estas duas últimas noites novamente me colocaram de modo bem elementar perante êste problema. Quando as bombas estouram assim como tem sido, ao redor da casa, não sei fazer outra coisa a não ser pensar em Deus, no seu juízo, no "braço estendido" de sua ira (Is. 5:25; e 9:11-10:4) e ao mesmo tempo na minha pouca disposição. Sinto dentro de mim como se formulam votos e então me lembro de vós todos e digo: que atinja antes a mim do que a um dêles — e noto logo o quanto vos amo. Não quero dizer mais a respeito, isto só se pode fazer verbalmente, mas de fato, é assim: tem de vir primeiro a necessidade para nos sacudir e nos impelir para a oração. Eu sinto isto cada vez como algo que me envergonha e é mesmo. Talvez aconteça isto porque até aqui não tenho tido fôrças nesses momentos para dizer alguma palavra cristã aos outros. Quando ontem tornamos a ficar prostrados sôbre o chão e alguém audìvelmente clamava: "Meu Deus, meu Deus" — aliás, um camarada muito leviano — não consegui oferecer-lhe qualquer consôlo cristão nem dizer algo para encorajá-lo. Apenas sei que olhei para o relógio e disse: Isto só dura mais dez minutos. Isto não saiu após qualquer reflexão, mas sem que eu o quisesse dizer, e talvez justamente porque tomei consciência de não dever usar êsse momento para extorsões religiosas. (Por sinal, nem Jesus usou dos momentos no alto da Cruz para insistir com os malfeitores, apenas um se dirigiu a Êle.)

Lamentàvelmente sofri na noite de anteontem uma perda irreparável. O homem que, segundo a minha impressão, nesta casa foi o mais inteligente, e do ponto de vista humano, o mais simpático, teve na cidade seu fim com uma bomba que o atingiu em cheio. Mais tarde certamente te-lo-ia levado à

SEMINÁRIO CONCÓRDIA

vida. Onde está esta memória hoje? — Será que a perda desta "memória moral" — palavra horrível — não constitui exatamente a causa para a ruína de todos os compromissos do amor, do matrimônio, da amizade e da lealdade? Nada segura, nada perdura. Tudo é para pouco tempo só e de curto fôlego. Acontece que os bens da justiça, da verdade, da beleza, sim, tôdas as grandes realizações em geral necessitam de tempo, de persistência, de "memória", ou correm o perigo de degenerar. Aquêle que não estiver disposto a tomar a responsabilidade sôbre um passado e construir um futuro, é "esquecido", e não sei como se pode pegar, avisar ou trazer tal homem para o rumo certo. Isto, porque tôda palavra, mesmo que impressione no momento, recai no esquecimento. Que se pode fazer nesse caso? Eis um sério problema da clínica pastoral. — Muito acertada achei há dias tua expressão que diz: os homens se portam de modo tão ligeiro e "sem-vergonha como em casa". Hei de te roubar esta expressão e vou empregá-la e aproveitá-la...

Já fizeste também a observação de que pessoas incultas têm dificuldade para decidir objetivamente. Quase sempre influem circunstâncias ocasionais? Acho isto surpreendente. A separação entre pensar objetivo e pessoal tem de ser aprendida primeiramente. Por sinal, muitos nunca a aprendem.

2.2.44

Será mesmo que te achas ao norte de Roma? Desejo-te que ainda mais uma vez tenhas oportunidade de ver a cidade. Deve constituir uma tortura de Tântalo, estar às portas e não poder entrar. Serve como consôlo muito fraco já têrmos estado lá uma vez...

Nada ainda ficou acertado sôbre o tempo que devo passar a me divertir neste local. Não progredimos de 8 semanas para cá. Aproveito cada dia conforme tenho energias para me adiantar o mais possível em minhas tarefas de leitura e trabalho. O que virá depois nos é totalmente desconhecido. Lamentàvelmente não funciona bem o fornecimento de livros. Assim acontece certa confusão nos planos. Era minha intenção conhecer bem a fundo o século XIX na Alemanha. Para tanto ainda me falta principalmente um bom

conhecimento de Dilthey. Parece-me, todavia, difícil conseguir suas obras. Hoje sinto bastante estar tão mal preparado no campo das ciências naturais, mas não há mais remédio.

Meu companheiro daqueles primeiros dias, sôbre quem já te escrevi várias vêzes, está ficando cada vez mais miserável. Êle tem mais dois colegas aqui, dos quais um, chora o dia inteiro, e o outro — literalmente — durante os alarmas. Mesmo ontem à noite, só no aviso para alarma, fêz tudo nas calças. Quando êle me contou isto ontem, prestes a chorar também, tive de rir e o repreendi, e êle quis me instruir, dizendo que não se deve rir de outrem no sofrimento, nem se deve condená-lo. Isto foi demais para mim e eu então com tôda a ênfase lhe afirmei meu desprêzo por pessoas que diante de outros sabem ser duros e conseguem fazer discursos sôbre vida perigosa, etc. e êles mesmos, na primeira prova de resistência, fraquejam. Eu considerava uma situação como essa ridícula, e não teria jamais compaixão para com tais pessoas. Ademais, expulsaria tais representantes do sindicato, porque expõem tôda a grei ao ridículo, etc. Êle ficou muito admirado e deve ter de mim a impressão de um cristão muito duvidoso. O comportamento dêsses senhores já se tornou proverbial aqui e faz o seu efeito, que não lhes será muito agradável. Para mim, esta experiência é muito instrutiva, mesmo que seja das mais nojentas que vi até agora. Pois eu não desprezo fàcilmente uma pessoa quando cai em qualquer necessidade, e isto eu também lhe expressei com tôda a franqueza, de modo que deve ter sentido arrepios, mas tudo isto me é simplesmente abominável. Aqui encontramos alguns com apenas 17 ou 18 anos que ocupam posições muito mais perigosas e se comportam corretamente e êstes ... (quase usei de uma expressão da vida militar que te teria causado estranheza) gemem vilmente. Realmente um vomitivo. Bem, cada um se desmoraliza conforme puder.

Espero que não venhas a me confundir com os que proseiam com sua fôrça. Para isto não há muito motivo aqui. Há, entretanto, uma fraqueza pela qual o cristianismo não pode ser responsabilizado, e é exatamente para esta que pretendem pô-lo em campo, e assim, sujá-lo. Então temos de cuidar para que os contornos permaneçam limpos. — S. me

trouxe ontem o grande volume sôbre a Catedral de Magdeburgo. Fiquei entusiasmado com as esculturas, em particular com algumas das virgens pudentes. A felicidade que se estampa nesses semblantes quase que de camponesas, é encantador e comovente. Tu deves conhecê-las muito bem.*

12.2.44

Devido a uma gripe fiquei alguns dias de cama. Já estou bom de nôvo e levantei, isto é necessário porque daqui a uma semana devo ter meus sentidos em pleno funcionamento. Até lá quero ler e escrever o quanto me fôr possível. Quem poderá saber se depois será possível novamente...

Está começando a primavera por aí? Aqui estamos no início do inverno. Em minhas fantasias passo o maior tempo na natureza, isto é, nos gramados do mato perto de Friedrichsbrunn ou nas encostas, de onde se pode ver por cima de Treseburg, o Brocken. Então me sinto como que deitado de costas sôbre a grama, vejo as nuvens levadas pela leve brisa ao céu azul e escuto os ruídos do mato. É interessante o quanto as impressões da infância desta natureza influem de maneira formativa sôbre o homem todo. Assim sendo, contradiria à minha natureza a idéia de podermos ter tido uma casa no alto das montanhas ou à beira do mar. A serra de altitudes médias é a natureza que faz parte de minha vivência — Harz, Floresta da Turíngia, Serra do Weser — com elas me criei. Há naturalmente também um aspecto do Harz que lembra o burguês atrasado, há a Serra do Weser para mero escotismo — assim como existe um Engadin mundano e um que lembra Nietzsche, uma Renânia romântica, um Mar Báltico para berlinenses e uma pobreza de ranchos meio janotas de pescadores, assim também sua melancolia típica. Assim seja, talvez "minha" Serra Média algo legìtimamente "burguês" (no sentido do natural, sem exaltação, da auto-modéstia e auto-suficiência(?), sem qualquer laivo ideológico, do contentamento e do concreto, e acima de tudo do "não-se-dar-a-conhecer-de-fora"). Seria sedutor continuar a pesquisa sociológica da natureza. Aliás, graças a Stifter, esclareceu-se para mim a diferença entre ingenuidade e simplicidade. Stifter não é ingênuo, mas sim simples (assim como o "burguês" é "simples"). "Ingenuidade" (também na teologia) antes existe como idéia estética, — (será que Winckelmann teve razão quando definiu a arte da antigüidade como "nobre ingenuidade"? Certamente não com referência ao Laocoon. Acho muito boa a idéia "grandeza silenciosa") — "Singeleza" é um conceito ético. A pessoa pode tornar-se "simples", enquanto no que diz respeito ao "ingênuo", só se pode sê-lo. Para a "simplicidade" a pessoa pode ser educada e formada, — aliás é um dos principais objetivos da Educação e Formação, — ingenuidade é uma dádiva. Relação análoga vejo entre as idéias do "puro" e do "sóbrio". "Puro" se é de origem ou em função do alvo, isto é, pelo Batismo ou pela recepção do sacramento da Comunhão; eis que é como a "ingenuidade" uma idéia de algo integral. Nossa pureza, uma vez perdida — e a pureza de nós todos ficou perdida — pode ser recuperada na fé, jamais poderemos reconquistá-la por um processo de crescimento ou vida, só conseguiremos ser "sóbrios". Êste é um objetivo possível e necessário da educação e formação cultural.

Qual a impressão que tu tens da paisagem italiana? Afinal, há algo como uma pintura da paisagem italiana? Algo análogo a Thoma ou também a Claude Lorrain ou Ruysdael ou Turner? Ou será que aí a natureza foi absorvida totalmente pela arte de maneira a que nem mais se reconheça suas características? Eu, assim no momento, só consigo recordar alguns bons quadros sôbre cidades, mas não tenho idéia de passagens.

13.2.44

Observo aqui freqüentemente em mim mesmo e nos outros a diferença entre necessidade de comunicação, desejo de troca de impressões e anseio por confissão. A simples necessidade de comunicação pode ser interessante para mulheres; para homens considero-a antipática. Totalmente sem distinção trata-se qualquer assunto da própria intimidade, indiferente com o interêsse que o outro possa ou não ter na conversa, isto, pela simples razão de ter de tagarelar. Depois de

* A carta do dia 4-2-44 aparecerá no fim do livro. — N. do T.

dominada esta necessidade física, resta apenas o contentamento de não se ter conversado sôbre o que deveria ter ficado em segrêdo. Aqui muitas vêzes passo vergonha com aquêles que se humilham em sua necessidade de comunicação, dirigindo-se a pessoas que, ou não são dignas de participar do assunto, ou nem escutam o que lhes é contado. Interessante é que pessoas com esta fraqueza não sentem nem sequer a preocupação de dizer a verdade, mas elas querem simplesmente falar sôbre si, quer seja verdade ou mentira. Diferente é a vontade de uma boa conversa, isto é, de um encontro espiritual. Aqui, entretanto, só uma pequena minoria é capaz de manter uma conversa para além do meramente pessoal. E ainda outra coisa é o desejo de uma confissão. Acredito que isto aqui não seja freqüente porque, de fato, não se trata, no nosso caso, nem subjetiva nem objetivamente de "pecado". Talvez chamasse tua atenção nas minhas orações que te enviei, o fato de não estar no centro das preces o pedido por perdão. Como sacerdote e pastor de almas consideraria errado aqui agir "metodìsticamente". Sôbre isto devemos falar ainda.

14.2.44

...Parece-me que dentro de oito dias há de vir para meu caso uma decisão. Espero que assim seja. Caso haja indicações de que me pretendem mandar para a região de Martin*, no que eu não acredito, podes ficar tranqüilo a êste respeito. Eu realmente não me preocupo com o que me possa acontecer. Tampouco deves te preocupar, é o que te peço.

21.2.44

...No que diz respeito à minha pessoa, infelizmente devo informar que, conforme tudo indica, antes da Páscoa não poderei sair daqui.

...Se a exagerada escrupulosidade — que já te causou tanta espécie, lembro-me das nossas viagens — porventura

* Niemoeller — KZ de Dachau — N. do T.

representa um lado negativo da existência burguesa, isto é, exatamente aquêle bocado de falta de fé que permanece oculto em dias seguros, mas surge em tempos de insegurança e então na forma do "mêdo" — aqui não me refiro à "covardia" e que tem sentido duplo ("mêdo" pode manifestar-se tanto em temeridade como em covardia) — um mêdo de agir naturalmente e das decisões necessárias para as quais devemos ter senso de responsabilidade. Muitas vêzes tenho pensado sôbre os limites entre a resistência necessária contra o "destino" e a não menos necessária submissão. D. Quixote representa o símbolo da continuação de resistência até o absurdo — assim como Miguel Kohlhaas, que pela reclamação de seu direito se transforma em culpado... A resistência perde em ambos, em última análise, seu sentido real e se refugia no teórico-fantástico. O Sancho Panza é o representante do tipo que se satisfaz com o que lhe fôr concedido de confôrto e vantagem. Eu acho que devemos empreender mesmo o grandioso e o que nos é próprio e ainda executar o que é natural e do ponto de vista geral, necessário. Temos de enfrentar o "destino" — o "neutro" dêste têrmo é importante — com a mesma atitude decidida com que nos sujeitamos quando fôr oportuno. Só se pode falar em "liderança" quando colocada em posição acima dêste duplo processo. Deus então já não mais vem ao nosso encontro como Tu, mas também "disfarçado" em "isto" e na minha pergunta a questão é como acharemos neste "isto" (neutro) — o "DESTINO", ou, em outras palavras, como do "destino" realmente resultará a "liderança". A divisa entre a resistência e a submissão, em princípio, não pode ser determinada; ambas devem existir e ambas devem ser agarradas com firmeza. A fé requer esta ação flexível e viva. Só assim poderemos resistir na respectiva situação presente e torná-la fecunda.

23.2.44

Caso tenhas oportunidade de ir a Roma na Semana Santa, meu conselho seria que assistisses na Quinta-Feira de Endoenças ao Culto da tarde (entre 14 e 18 horas) em S. Pedro. Isto porque a Igreja Romana começa as comemorações sempre

na véspera, ao meio-dia, de maneira que êste seria o culto da Sexta-feira da Paixão. Conforme me recordo (mas não tenho bem certeza), há também na quarta-feira um ofício solene. Na Quinta-feira de Endoenças realiza-se o solene apagar das 12 velas junto ao altar — simbolizando a fuga dos discípulos — até que naquela igreja enorme apenas fique acesa uma só vela no centro — CRISTO. Ainda se executa a limpeza do altar, e no sábado, pelas sete horas da manhã, há a bênção da água (se não me falha a memória em combinação com a ordenação dos jovens sacerdotes), até que ao meio-dia se cante a grande aleluia da Páscoa. Já o órgão recomeça a tocar, as campainhas da missa soam, os quadros são descobertos. Eis a comemoração verdadeira da Páscoa. Em algum lugar em Roma também assisti a um ofício pascoal ortodoxo, o qual muito me impressionou naquela ocasião — fazem 20 anos agora. O ofício de sábado, aliás, ocorre no Latrão (primeiramente no batistério), e é uma solenidade muito afamada. Estive lá aquela vez. Se tu passares pela hora do pôr do sol pelo Pincio junto à Igreja Trinità del Monte, procura descobrir se as freiras naquela hora estão cantando. Ouvi isto uma vez e fiquei profundamente impressionado. Acredito até que é mencionado no Baedecker.*

Até que ponto entrarás em contato com a ação bélica? Penso que sofres principalmente sob os ataques aéreos, assim como nós aqui. Fica-se pensativo com a intensificação da guerra aérea dêsses últimos dez dias, e isto principalmente de dia. Será que os inglêses começaram a provocar mesmo a luta no ar, a fim de preparar a invasão e para obrigar nossa defesa a se concentrar sôbre a própria Alemanha?

Quanto mais formos retirados de nosso ambiente normal de profissão e vida pessoal, tanto mais sentiremos que a nossa vida — bem diferente da de nossos pais — tem caráter fragmentário.

A descrição dos grandes vultos da ciência e cultura na *História da Academia* de Harnack torna-me especialmente claro o que eu disse acima e eu fico um tanto melancólico. Onde é que hoje ainda há uma "Obra para tôda a vida" de

* *Guia de Turismo* — N. do T.

característica espiritual? Onde temos o concentrar-se, o elaborar e o desenvolver necessários para que tal obra seja executada? Onde encontramos ainda aquela doce inutilidade e ao mesmo tempo o grande planejamento que faz parte de uma vida nesses moldes? Creio que mesmo entre técnicos e estudiosos das ciências naturais, os quais ainda gozam de certa liberdade para trabalhar, já não há mais nada disso. Se com o fim do século XVIII acabou o tipo do "erudito universal" e então, no século XIX, o estudo extensivo foi substituído pelo intensivo e assim, ao fim do século passado, resulta o "especialista", hoje, quase só temos "técnicos" — mesmo na arte (na música ainda de algum formato, enquanto na pintura e na poesia são de capacidade média). Nossa existência intelectual e espiritual, entretanto, permanece um torso. Importa, pois, que encaremos o fragmento de nossa vida em relação ao todo que foi idealizado e elaborado, examinando de que material é feito. Fragmentos há que só merecem ser atirados no lixo (mesmo uma "capa" decente ainda seria boa demais para êles) e aquêles outros que por séculos conservam sua importância, porque seu aperfeiçoamento só poderia ser obra de Deus. Estes fragmentos nem podem ser mais que fragmentos — eu penso por exemplo na arte da fuga (musical). Ainda que nossa vida seja só um reflexo de um tal fragmento, no qual ao menos por breve tempo se reúnam os temas cada vez mais fortes do grande contraponto, conseguindo-se que sejam preservados do início até o fim, de modo que à hora da interrupção só possa ser entoado o coral: "Perante o teu trono me ponho aqui —", então já nem mais nos queremos queixar da vida fragmentária, mas teremos razão de nos mostrar bem satisfeitos. Jeremias cap. 45 já não mais me sai da lembrança. Será que tu te lembras ainda daquela noite de sábado em Finkenwalde, quando interpretei o capítulo? Eis que aqui também se fala em um — necessário — fragmento de vida — "mas a tua alma quero dar-te como prêsa."

O fato de que achaste mais um camarada que te proporciona ocasião para boa conversa, além dos companheiros comuns, muito me alegra. Mas muito mais gostaria de estar no seu lugar. Será que ainda voltam os tempos, talvez na próxima Páscoa, em que poderemos festejar juntos? Bem vês que não deixo escapar a esperança. Nem deves tu perdê-la.

1.3.44

...Que dia nos espera hoje... para trocarmos as experiências e as impressões de um longo ano. Para mim, em todo caso, esta expectativa é parte das minhas grandes esperanças que alimento para os próximos dias. Deve ser o mesmo contigo, penso eu, que nem mais podes imaginar como um dia as muralhas de obstáculos que nos separam da realização de nossos sonhos serão rompidas — mas "aquilo que desaparece, tornar-se-á tanto mais doce...", e devo dizer que vou ao encontro do nôvo mês com grandes esperanças e penso que tu fazes o mesmo. Tomo mais um embalo para aproveitar o último tempo tão intensivamente quanto possível. Talvez tu também consigas colhêr aí impressões que se farão importantes para tôda a tua vida. A ameaça diária sôbre nossa vida, como nós a experimentamos atualmente, incentiva-nos de uma maneira única para o aproveitamento do momento, para "remir o tempo". Às vêzes penso que hei de viver até onde tiver um elevado objetivo diante de mim.

9.3.44

Hoje, mais uma vez... tive notícias tuas. Em todo caso sei que vais sofrìvelmente, e, mesmo que não seja muito, uma vez que esperamos e exigimos mais da vida do que ser apenas "suportável", sempre tenho motivo para me tranqüilizar. O nosso estado atual, de tôda maneira, só pode ser considerado *status intermedius*. Oh, que alguém nos soubesse dar uma idéia de por quanto tempo êste "estado de purgatório" ainda deve durar. A mim me disseram que talvez em maio se resolva a minha situação. É uma vergonhosa malandragem, não é? Sepp (havia sido libertado por engano) voltou para casa e suportou seu caso com brio e teimoso semblante.

Ainda não pude responder tuas idéias sôbre Miguelângelo — Burckhardt — *hilaritas*. De certa forma me convenci, particularmente em relação às teses de Burckhardt. Por outro lado, não se pode entender a *hilaritas* simplesmente como a hilaridade clássica (Rafael, Mozart, mas, também — para mencionar alguns nomes — Walther v.d. Vogelweide,

O Cavaleiro de Bamberg, Lutero, Lessing, Rubens, Hugo Wolf, Karl Barth têm algo desta *hilaritas*. Eu gostaria mesmo de interpretá-la como confiança na própria obra, como audácia e desafio ao mundo e contra todo julgamento mesquinho, como firme certeza, de que se está prestando um bom serviço ao mundo, mesmo que não lhe agrade e ainda como jubilosa autoconfiança. Admito que Miguelângelo, ou ainda Rembrandt — e com certa distância — Kierkegaard e Nietzsche, se achem em outro plano que os anteriormente referidos. Nas suas obras há algo menos tético, menos evidente e menos acabado. Ainda notamos em seu trabalho algo menos superado, menor distância dêles mesmos e menos humor. Apesar disso tudo, atribuiria a alguns dêles a idéia da *hilaritas* no sentido empregado acima, como atributo necessário de sua grandeza. Aqui se encontra o limite de Burckhardt — aliás provàvelmente bem conscientemente.

Ocupei-me ùltimamente com a "secularidade" do século XIII (Walther, Nibelungen, Parsifal, impressionante a tolerância contra os maometanos na figura do meio-irmão de Parsifal Feirefiz. As catedrais de Naumburg e Magdeburg). Tal secularidade não está condicionada pela Renascença, mas tem sua origem provàvelmente na do imperialismo em conflito com o papado. Ainda não é uma secularidade "emancipada", mas perfeitamente "cristã", ainda que de orientação anticlerical. Onde será que esta "secularidade" essencialmente diferente da Renascença foi interrompida? Eu acredito que em Lessing — já em distinção ao racionalismo ocidental — ainda se descobre um pouco delas e mesmo em Goethe, e, mais tarde, em Stifter e Moerike (para não falar em Claudius e Gotthelf). Ela desaparece, entretanto, com Schiller e os idealistas. Seria importante elaborar aqui uma boa árvore genealógica. Surge então também a questão da significação que cabe ainda à antigüidade. Será que ela ainda constitui para nós legítimo problema e uma fonte de energias, ou não? A moderna consideração sob o ponto de vista do *homem-polis* também já está fora de época. A consideração classista sob o ponto de vista estético só ainda para poucos possui significado e me parece ter ar de museu. As idéias fundamentais do humanismo — humanidade, tolerância, clemência, moderação — já existem em Wolfram v. Eschenbach e na estátua de Cavalheiro de Bamberg, etc. de um modo tão belo e nos são bem mais acessíveis

e obrigatórias do que na própria Antigüidade. Até que ponto a "formação cultural" ainda está relacionada com a antigüidade? Valerá mesmo a concepção que vem desde Ranke e vai até Delbrueck sôbre a História como um *continuum* que consiste em "Antigüidade", "Idade Média" e "Idade Moderna"? Não teria Spengler razão com a tese dos ciclos culturais fechados — mesmo que julgue os processos históricos demasiadamente sob o ponto de vista biológico? A opinião de um *continuum* histórico se baseia originalmente em Hegel, que vê culminar o transcurso inteiro da História na "Idade Moderna", isto é, no seu sistema filosófico. Assim ela é idealista (apesar da sentença de Ranke de que cada momento histórico se processa "imediatamente em direção a Deus". Desta sentença poderia ter surgido uma correção da concepção total do *continuum* da evolução, mas isto não aconteceu). A morfologia de Spengler é biológica e nisto estão seus limites (que quer dizer o "envelhecer" e "a decadência" de uma cultura?). Para a idéia de formação isto significa que será difícil considerarmos idealisticamente a Antigüidade simplesmente como fundamento, nem poderemos eliminá-la "biológica-morfològicamente" de nosso ciclo cultural. Até que se chegue a uma conclusão satisfatória será bom não julgarmos a relação com o passado por uma idéia geral da História, mas sempre com vistas aos conteúdos e objetos. Isto ainda particularmente em relação à Antigüidade... Pessoalmente devo confessar que minha relação com a Renascença e com o Classicismo foi sempre meio fria e ambos me são um tanto estranhos. Já não consigo ambientar-me com êles. Eu me pergunto se hoje em dia não seria muito mais importante como elemento formativo o conhecimento de outras terras e a comunicação com elas do que a Antigüidade? Há naturalmente em ambos os casos um certo diletantismo, mas, quem sabe se não nos é imposta como tarefa precípua, promovermos encontros com outros povos e terras além do meramente político, comercial e esnobístico, para estabelecer uma verdadeira experiência formativa. Com isso uma energia até aqui inexplorada seria tornada fecunda para a nossa formação cultural, bem como iríamos ao encontro de uma velha tradição européia.

Neste instante pelo rádio são anunciadas esquadrilhas de aviões de invasão em grande número. Os últimos dois ataques diurnos contra Berlim puderam ser observados daqui,

em parte, muito bem. Viram-se, contra o céu sem nuvem alguma, as formações maiores, com as listras atrás, voarem apesar dos contínuos tiros das baterias antiaéreas. O alarma durou ontem 2 horas e meia, assim mais tempo do que à noite. Hoje o céu está coberto ...Nesse momento soa sirena, por isso tenho de interromper esta para voltar a escrever depois...

Tornaram a se passar duas horas, e o rádio confirma que houve "lançamento de bombas em todos os bairros da cidade". — Nos últimos meses tenho tentado observar, o quanto os homens acreditam em algo "sobrenatural". Acho ainda muito espalhadas três idéias conforme seguem, que se expressam em costumes ditados pelas superstições: 1. "Torce o polegar por mim" ouve-se dizer inúmeras vêzes ao dia. Isto significa que se atribui alguma fôrça à lembrança de alguém que compartilha conosco de momento difícil. Ninguém quer sentir-se só em horas decisivas, mas todos desejam saber-se acompanhados por outros, ainda que invisíveis... 2. "Que o diabo seja surdo" e "tocar na lenha" são o apêlo de tôdas as noites quando se aborda o problema de "se êles virão ainda esta noite ou não". Eis uma lembrança da ira de Deus sôbre a *hibris* humana, portanto um motivo metafísico, e não apenas um motivo moral para a humildade. 3. "Ninguém escapa ao seu destino" e, como conseqüência, que cada um deve permanecer onde foi colocado. Se tentarmos uma interpretação cristã dêsses três pontos poderíamos achar a lembrança da intercessão e da comunidade, da ira e graça de Deus e da orientação divina. A êste último ponto ainda pertence a frase muito empregada: "Quem sabe para que é bom?". Noto que falta totalmente reminiscência escatológica. Será que observaste algo diferente? Pela segunda vez passo aqui a quadra da Paixão. Procuro resistir intimamente quando nas cartas leio... referências que falam em meu "sofrimento". Julgo isto uma profanação. Não deve dramatizar estas coisas. Parece-me muito duvidoso saber se sofro mais do que tu ou a maioria dos homens, hoje em dia. É verdade que muita coisa aqui é abominável, mas onde não é assim atualmente? Pode ser que antes levássemos muitas coisas demasiadamente a sério fazendo-as solenes. Fico admirado muitas vêzes de como os católicos suportam silenciosamente tudo isso. Seria mesmo fôrça mais bem desenvolvida? Talvez tenham aprendido melhor da História o que são sofrimento e martírio e por isso

silenciam em face de incômodos insignificantes e complexos sem maior alcance. Creio, por exemplo, que para o "sofrimento" também é necessário um sofrimento físico, dores reais. Damos muita ênfase ao sofrimento espiritual. Exatamente dêste, porém, Cristo nos deve ter livrado e não acho mais nada disso no nôvo Testamento nem nos atos de martírio cristão. Evidentemente há uma grande diferença se a "Igreja sofre", ou se acontece algo a um ou outro de seus ministros. Creio que neste ponto seria necessário proceder-se a uma grande correção. De fato, passo vergonha muitas vêzes com o muito espalhafato que se faz acêrca de nossos padecimentos. Não, sofrimento deve ser algo muito diferente, pois deve ter dimensões muito maiores do que experimentamos até agora.

Bem, para hoje basta. Quando nos falaremos novamente? Votos de saúde para ti, e aproveita tua estada na terra linda, transmite *hilaritas* ao teu redor e conserva-a para o teu próprio uso...

19.3.44

As notícias sôbre os pesados combates nas proximidades do local onde estás me fazem pensar em ti incessantemente, e cada palavra que leio na Bíblia e cada verso de hino que recordo, faço-o com o pensamento em ti. Tua saudade... deve ser especialmente forte nesses dias perigosos, e cada carta só contribuirá para agravá-la. Mas, dize-me, não é exatamente o que caracteriza o homem, em contraste com o imaturo, que o pêso de sua vida se encontre sempre ali onde êle se encontra no momento e que a saudade por uma realização de seus íntimos desejos nem por isso o possa desviar de ser integralmente êle no lugar onde sabe suas obrigações atuais? O adolescente nunca está bem no lugar onde foi pôsto: isto faz parte de sua natureza, a não ser que seja um estúpido. O homem, porém, deve sempre ser um todo que nada rouba ao presente. Sua saudade, que deve permanecer escondida aos demais, sempre já é uma saudade superada. E, quanto mais êle tiver que se esforçar para vencê-la, para viver o momento presente, tanto mais misterioso e digno de confiança se torna afinal,

no fundo de seu ser, para os companheiros, principalmente para os mais jovens, que ainda se encontram naquele caminho que êle já concluiu. Desejos que nos prendem fàcilmente nos roubam algo daquilo que devemos e podemos ser. Desejos, entretanto, que conseguimos superar e dominar por causa da tarefa do momento, por outro lado, nos tornam infinitamente mais ricos. Carência de desejos equivale a uma grande pobreza. No ambiente em que me encontro atualmente quase só vejo pessoas que se agarram aos seus desejos e por isso não existem para outras pessoas. Não ouvem mais nada e são incapazes do amor ao semelhante. Penso que também aqui se deve saber viver como se não houvesse desejos e nem futuros, sendo necessário que cada um seja exatamente conforme êle é. É curioso como então as outras pessoas se agarram a nós, orientando-se e solicitando nossa assistência. Tudo isto te escrevo porque acho que tu também nestes dias terás uma grande tarefa a cumprir. Mais tarde sentir-te-ás satisfeito quando a tiveres cumprido, dentro das possibilidades, naturalmente. Sempre quando se sabe uma pessoa em perigo, seria desejável saber-se como êle é de fato. Há vida abundante apesar de muitos desejos não realizados; creio que foi isto que quis dizer. Perdoa-me que sempre volte com tais "reflexões", mas aqui passo a maior parte do meu tempo em meditação e tu hás de entendê-lo bem. Ademais, devo acrescentar ao que disse antes que creio mais do que anteriormente na aproximação do cumprimento de nossos desejos, de modo que não há razão para nos entregarmos à resignação.

...Estou passando novamente umas semanas em que leio pouco a Bíblia. Nunca sei bem cómo devo interpretar tal estado meu. Não me sinto como um culpado e ao mesmo tempo já sei que dias virão nos quais me lançarei como um faminto em cima da Sagrada Escritura. Será que isto poderia ser entendido como um processo espiritual "natural"? Quase estou inclinado a encará-lo assim. Lembras-te que em nosso tempo de *vita communis* isto também acontecia. É verdade que há o perigo de um relaxamento, mas não se deve olhar isto com tanto mêdo assim, mas devemos confiar em que o magneto há de exercer no seu devido tempo a atração normal. Não pensas também como eu?... Terá passado, daqui a uns dias mais, um ano em que vivemos as últimas experiências e empreendimentos juntos... Estou ansioso por saber o

que nos vai trazer o futuro. Será que nós ainda teremos um futuro em comum? Talvez em nossa atividade profissional, o que me traria uma grande satisfação. Ou será que temos de nos satisfazer apenas com o que passou?...

24.3.44

...Provàvelmente te preocupas muito com o problema do batismo de teu pequeno nestes dias, e é por esta razão principalmente que te escrevo, porque bem posso imaginar que te preocupa uma certa "inconseqüência". Em tempos passados algumas vêzes admoestamos os pais que cedo traziam as crianças à pia batismal, por causa do sacramento, mesmo que os pais não pudessem estar presentes. Os motivos para isso são claros. Mesmo assim não posso deixar de concordar contigo e com tua espera. Por quê? Hoje como sempre considero bom e desejável, e particularmente certo como exemplo para a comunidade — e ainda especialmente para o pastor da comunidade — que providencie para o pronto batismo de seu filho, tendo por condição que êle de fato assim procede na fé da validade do sacramento. Mesmo assim há uma razão relativa para que o pai queira participar neste ato com sua oração, pessoalmente, e, quando me examino a mim mesmo, devo confessar que minha atitude é determinada pela idéia de que Deus também ama as crianças que ainda não foram batizadas, apesar de já estar acertado o seu batismo. Não há no N. T. uma lei para o batismo de crianças. Tal batismo é uma dádiva da graça para a Igreja, a qual deve ser recebida e aproveitada com firme fé e, portanto, pode tornar-se um testemunho de fé muito importante para a comunidade. Acontece que não seria bíblico que nós nos víssemos forçados ao ato, sem que a fé nos impelisse a tanto. Apenas como demonstração, o batismo de crianças perde seu direito. É certo que também as orações por uma criança e o pedido dirigido a Deus para que êle apresse o dia em que juntos possamos trazer a criança à pia batismal, não serão inúteis perante Deus. Enquanto pudermos alimentar a esperança justa de que o dia não mais está longe, não acredito que para Deus o dia terá qualquer importância. Por-

tanto, na confiança na amável providência de Deus, podemos esperar pacientemente, para que mais tarde possamos realizar com fé mais forte o que hoje sentiríamos como enorme responsabilidade e pêso... Assim sendo, esperaria, sem escrúpulos — mais um pouco. Daqui a mais uns dias enxergaremos melhor. Eu creio que muito mais importante do que sua administração legal será o efeito da fé na qual o batismo fôr executado mesmo sôbre o próprio batismo.

...Melhor do que eu, tu hás de conhecer o pedaço de terra que tanto amo. Quanto não daria por uma oportunidade de estar ao teu lado no auto para visitar a Cecilia Metella ou a Vila Hadriani. A *pietà* sempre foi dificilmente acessível a mim. Tens de me explicar algum dia porque ela tanto te impressiona.

25.3.44

A noite de ontem foi novamente muito agitada. A vista do telhado sôbre a cidade foi tremenda. Ainda estou sem qualquer notícia dos irmãos — os pais, felizmente, ontem viajaram para P. — mas no oeste não aconteceu muita coisa. Acho assustador o fato de sermos sempre tentados, com cada alarma, a desejar para outras cidades o que vem sôbre nós, de acôrdo com o moto: "Santo Floriano, poupa a minha casa, lança sôbre outras esta brasa." Isso acontece sem que o queiramos. Pensamos: "quem sabe êles ficam em Magdeburgo ou em Stettin, etc.", quantas vêzes não se escuta tal suspiro de aflição. Nesses momentos nos tornamos bem conscientes da *natura corrupta* e do *peccatum originale*, no que me parecem realmente salutares. No mais recrudesceu nesses últimos dias a atividade dos aviões inimigos e eu me pergunto se não se trata de uma manobra para encobrir a tentativa de uma invasão que ainda não se realizou. Só em maio poderei fazer novos planos para o futuro. Aos poucos fico tentado a duvidar de tôdas as prognoses de tempo e já me torno indiferente a respeito. Quem sabe se depois não dirão "em julho"? Em comparação com o que ocorre a todos, meu futuro pessoal se me tornou completamente insignificante e acho que ambas as coisas se acham intimamente entrelaçadas. Assim, espero

que nós cheguemos a nos aconselhar mùtuamente a respeito de nossos planos para o futuro...

Eu continuo indo bem aqui. Aos poucos somos contados com o inventário e assim se tem menos descanso do que é desejável...

Tu deves ter razão quando dizes que o sul quase não conhece a pintura de paisagens — com a exceção do sul da França? e de Gauguin? ou não terão sido originários do sul? Nem sei dizer. Como é o caso de Claude Lorrain? Viva está esta pintura, entretanto, na Alemanha e na Inglaterra. O habitante do sul possui a bela paisagem, nós apenas sentimos saudade dela, a amamos melancòlicamente como algo muito raro. Aliás, sem que haja qualquer combinação com o assunto, a formulação de Moerike: "Aquilo que é belo, bendito parece ser em si mesmo" tem algo em comum com J. Burckhardt, não achas? Nós fàcilmente pensamos em alternativas de Nietzsche, como se houvesse êste "apolíneo" de beleza em oposição apenas ao dionisíaco ou como dizemos hoje, demoníaco. De fato não é assim. Tomemos, por exemplo Brueghel ou Velasquez ou mesmo H. Thoma, Leopoldo v. Kalckreuth ou ainda os impressionistas franceses. Aí temos uma beleza que não é clássica nem demoniaca, mas simplesmente terrena e, assim, tem seu próprio direito. Eu pessoalmente tenho de dizer que meu coração se encanta exatamente com esta beleza. A êste tipo também pertencem as virgens de Magdeburgo e as figuras de Naumburg. Não seria a interpretação "à moda de Fausto" com respeito à gótica um grave êrro? De onde poderia vir, então, a contradição entre plástica e arquitetura?...

Fim para hoje. Senão jamais acabarás a leitura. Sinto-me tão feliz na recordação de que naquela ocasião ainda chegaste a ensaiar a cantata "Louva ao Senhor...". Isto foi muito bom para todos.

27.3.44

Devo mandar-te desde já meus votos especiais para a Páscoa? Não tenho idéia de quanto tempo as cartas levam

para chegar às tuas mãos... Quando nestes dias folheio o *Nôvo Hinário*, torna-se-me bem claro que devo a alegria da Páscoa, no canto, ùnicamente a ti. Há um ano já não mais ouço cantar um hino. Mas é interessante como a música que só ouvimos com o ouvido interior, desde que consigamos concentrar-nos bem, quase se torna ainda mais bela do que aquela que ouvimos fìsicamente. Parece que ela possui uma pureza maior, ela fica isenta de tôdas as exterioridades, sim, ela parece ganhar um "nôvo corpo". Há apenas poucas peças que conheço bastante para que as possa escutar assim interiormente, mas exatamente nos hinos de Páscoa a coisa funciona muito bem. A música de Beethoven torna-se-me existencialmente mais compreensível, já que êle ficou surdo, e, em particular, se trata da grande composição de variações do Opus 111:

Aliás, nos últimos meses escuto também às vêzes o concêrto dominical das 18 às 19 horas, mesmo que seja por um rádio horrível. —...

Páscoa? Nosso olhar cai mais sôbre o morrer do que sôbre a morte. É-nos mais importante neste momento como podemos arranjar-nos com o morrer do que como poderemos vencer a morte. Sócrates dominou o morrer. Cristo venceu a morte como ἐχθρός (1. Cor 15, 26). Conseguir arranjar-se com o morrer ainda não significa arranjar-se também com a morte. A dominação do morrer está ao alcance das possibilidades humanas, a vitória sôbre a morte, todavia, chama-se ressurreição. Um nôvo vento de ação purificadora para o mundo presente não pode soprar da simples *ars moriendi*, mas só da ressurreição de Cristo. Aqui está a resposta ao δος μοι ποῦ στῶ καὶ κινήσω τὴν γῆν. Se um grupinho de homens aqui acreditasse nisto sinceramente e fizesse com que tal fé influísse no seu agir terreno, muita coisa seria bem diferente. Viver, tendo a ressurreição como ponto de partida, — isto é Páscoa. Não achas também que a maioria dos homens não sabe da origem de sua existência? A *perturbatio animorum* se propaga extraordinàriamente. É

uma expectativa inconsciente pela palavra que tudo solucione e liberte. Mas ainda não chegou a hora de poder ser ouvida. Ela virá e esta Páscoa talvez seja uma das últimas grandes oportunidades para que nos preparemos para a enorme tarefa futura. Eu te almejo que apesar de tôdas as privações tenhas alegria nessa idéia. Adeus, devo encerrar por hoje...

Domingo de Ramos, 2.4.44

Mesmo que a Páscoa passe sem que possamos comemorar juntos esta festa em casa, não consigo adiar nosso encontro para mais além de Pentecostes. Qual é a tua opinião? Aí deve fazer uma linda primavera agora...

Imagina que eu, por um motivo inesperado, comecei repentinamente a estudar grafologia e sinto grande interêsse. Estou justamente às voltas com o Klages. Só não desejo pegar a letra dos parentes. Também há aqui bom número de outros interessados. Mesmo assim estou convencido da autenticidade da coisa. Tu deves lembrar-te ainda de que eu, quando ainda estudante, tive tanto sucesso no assunto que isto se me tornou até desagradável, de modo que — já fazem agora vinte anos, — abandonei o negócio. Agora, entretanto, já que tenho superado os perigos da psicologia, sinto-me novamente interessado e gostaria muito de conversar contigo a respeito. Caso se me torne novamente inquietante, deixá-lo-ei de imediato. Bem poderia imaginar que tu também terias grandes êxitos com esta arte. Duas coisas devem estar presentes para que se possa exercer a grafologia, e penso que tu tenhas delas até em porção maior que eu: Intuição e uma capacidade de observação muito exata. Caso estejas interessado escrever-te-ei algo mais sôbre o assunto.

Na biografia grossa de Klopstock, escrita por Karl Kindt, em 1941, aliás de 800 páginas, achei extratos muito impressionantes do drama: *A morte de Adão*, no qual Klopstock descreve a morte do primeiro homem. Já achei bem interessante a ode e a execução é imponente. Eu já havia pen-

sado em tempos idos em reabilitar Klopstock algum dia. Por isso o livro me interessa bastante.

Tenho aqui um mapa bem exato dos arredores de Roma e seguidas vêzes o examino, principalmente, quando penso em ti e então imagino como tu naquelas estradas, desde muito, diriges com segura orientação, ouvindo de longe os ruídos da guerra e com o olhar sôbre o vasto mar...

11.4.44

Era meu desejo escrever-te nos feriados, mas devido às muitas visitas que vieram, tôdas com as melhores intenções, não tive quase calma e tempo como tanto teria preferido... Também já me acostumei de tal maneira à quietude de estar só que depois de pouco tempo de muito movimento sinto saudade e desejo de estar a sós comigo. Nem sequer posso imaginar que poderia ainda um dia como antes, ou como tu, passar em companhia de muitas pessoas... É verdade que anseio por uma conversação boa, mas simples falatório, sem um sentido verdadeiro, me cansa terrìvelmente. Como terás passado a Páscoa? Estiveste em Roma? Como venceste a saudade de casa? Poderia admitir que para ti ainda fôsse muito pior do que para mim, porque, afinal, não é apenas distração e digressão que podem resolver o problema. Creio que seja preciso o chamamento das últimas verdades para que se chegasse a uma solução consigo mesmo, e para tanto será necessário muito tempo de reflexão. Acho que os primeiros dias mais quentes da primavera me incomodam um bocado. Contigo deve dar-se o mesmo. Quando a natureza volta ao seu normal mas a nossa vida individual e as comunidades históricas nas quais vivemos continuam em tensão insolúvel, torna-se-nos o conflito especialmente grave. Em certo sentido, porém, isto não passa de saudade, e talvez seja muito bom que a sintamos novamente com tôda a intensidade. De mim, em todo caso, devo dizer que há muitos e muitos anos vivia, ainda que não sem objetivos e tarefas ou esperanças, nos quais me envolvesse totalmente, sem uma saudade pessoal e sensível. Quem sabe ficamos velhos prematuramente. Tudo se tornou "objetivo" demais para que se sentissem maiores de-

sejos. Metas e tarefas têm hoje quase todos os homens, e tudo é assustadoramente objetivo e condicionado, mas quem hoje ainda se dá o luxo de um sentimento pessoal, de uma saudade verdadeira? Quem se esforça e despende sua energia a reconhecer dentro de si a saudade e aperfeiçoá-la para que dê frutos? Alguns êxitos da temporada de música popular, com uma forçada ingenuidade e, no mais, vazios em sua primitividade, constituem o pobre resto e o máximo daquilo que se suporta de íntimas estafas — eis uma terrível desolação e miséria. Diante disso devemos sentir-nos bem contentes quando há algo que nos pega ainda com um pouco mais de fôrça, mesmo que nos imponha dores, pois é como uma riqueza. Tensões altas resultam em fortes faíscas (ou isto não está certo do ponto de vista da física? Caso não esteja, traduze-o para a linguagem certa).

Amo especialmente a quadra entre Páscoa e Ascensão desde muito. Também neste caso trata-se de uma grande tensão. Como poderão os homens suportar tensões meramente terrenas uma vez que nada sabem das tensões que existem entre céu e terra? Levaste o *Nôvo Hinário?* Bem me lembro de como aprendemos contigo os hinos de Ascensão, entre os quais há um de que gosto especialmente: "Para êste dia havemos de considerar..." Aliás, lembras-te de que nos próximos dias começa o décimo ano que nós nos conhecemos? Já representa um período considerável. E creio que não vivemos o último ano menos intensivamente juntos do que os anteriores de nossa *vita communis.*

...Tenho um pressentimento de que nós dois — quero dizer tu e eu — só na mesma época voltaremos para casa. Disseram-me que não me iludisse com uma prematura mudança de minha situação atual, e isto depois de me terem feito, de duas em duas semanas, sempre novas promessas. Não consigo achar isto nem direito nem prudente e faço minhas cogitações a respeito, acêrca das quais muito gostaria de conversar contigo — mas, pràticamente, não me resta outra alternativa senão resignar-me, já que não posso impor a minha opinião. No mais, espero Pentecostes.

Ontem ouvi alguém aqui dizer que os últimos anos foram para êle anos perdidos. Sinto-me aliviado por não ter tido esta sensação ainda em momento algum. Tampouco me arre-

pendi de minha decisão no verão de 1939; ao contrário, estou seguro na idéia de que minha vida — mesmo que isto soe estranho — decorreu em linha reta e sem quebra alguma, pelo menos no que diz respeito à direção que minha vida sofreu de fora. Foi um constante enriquecimento de minha experiência, pelo que sou imensamente grato. Se o meu estado atual fôsse o encerramento de minha vida, teria já um sentido que eu poderia compreender perfeitamente. Por outro lado, tudo também poderia valer por uma radical preparação para um nôvo comêço, o qual... pela paz seria chamado uma nova tarefa... Agora quero encerrar por ora. Ainda tenho de fazer uma análise grafológica. Com isto passo as horas nas quais não consigo trabalhar direito. A carta ficou em algumas partes sem conexão exata porque foi escrita com freqüentes interrupções...

22.4.44

...Se tu escreves que êste tempo certamente muita importância representou para meu trabalho objetivo, e que tu estás curioso pelo que mais tarde te hei de contar e pelo que eu terei escrito até então, não te deves iludir muito a meu respeito. Certamente aprendi muita coisa, mas não mudei muito, ao menos segundo minha própria opinião. Pessoas há que mudam, e outras que não conseguem mudar. Eu nunca mudei muito, segundo creio, a não ser no tempo em que passei no estrangeiro sob aquelas impressões novas. Também sofri modificação acentuada sob a primeira impressão consciente da personalidade de papai. Então deu-se uma renúncia do fraseológico para o real. Ademais, creio que tu também pouco mudas. Desenvolver-se, em todo caso, é outra coisa. Uma quebra em nossa vida não experimentamos, nem um nem outro. Certamente rompemos de própria iniciativa e conscientemente com muita coisa, o que também é algo bem diferente. Um rompimento em sentido passivo nem o tempo que ora vivemos há de trazer. Anteriormente, às vêzes, desejava um rompimento assim. Hoje penso diferentemente a respeito. A continuidade com o próprio passado é sem dúvida uma dádiva muito grande. Nas cartas de Paulo I Tim. 1:13 está ao lado de II Tim. 1:3a. Muitas vêzes me causa admiração

quão pouco eu, em contraste com todos os demais aqui, mexo nos erros do passado, etc. Isto com a idéia de que, se fizesse isto ou aquilo de modo diferente, tudo hoje seria também de outra feição. Isto não me preocupa nem um pouco. Tudo me parece tão lógico, necessário, retilíneo e determinado por uma orientação superior. Acontece o mesmo contigo?

Nos últimos tempos, muitas vêzes, me fiz a pergunta como se explica o que se chama comumente embotamento contra impressões graves no decorrer de um período longo de tempo. Quando me lembro das semanas há um ano atrás, isto me chama ainda atenção especialmente. Vejo estas coisas muito diversamente. A resposta de que é uma autoproteção da natureza não me satisfaz. Creio antes que se trata de um reconhecimento próprio de modo bem claro e simples das limitações e possibilidades nossas, e assim se trata de uma possibilitação do verdadeiro amor ao próximo.

Enquanto a fantasia estiver estimulada e excitada, o amor ao próximo será algo muito vago e generalizado. Eu posso hoje olhar para os homens com mais calma e reconhecer sua angústia e necessidade, o que me capacita a servir-lhes melhor, também. Em lugar de indiferença, gostaria de falar em serenização, mas em todo caso sempre permanece a tarefa de transformar uma na outra. Creio, entretanto, que não precisamos de nos repreender a nós mesmos, em tais situações, que nossas sensações no decorrer do tempo não mais se apresentam tão apaixonadas e intensas. Por outro lado, todavia, devemos estar bem apercebidos do perigo, de modo que jamais venhamos a perder de vista o todo e que cuidemos de manter, mesmo sob a serenidade, as sensações mais fortes em plena vitalidade. Podes aproveitar estas experiências para ti também?

Qual será a causa que certos dias sem um motivo explicável nos parecem ser mais pesados do que outros? Serão dores de crescimento? Serão tentações? Sempre que passam o mundo toma um aspecto bem diferente. Há poucos dias escutei a cena dos anjos de *Palestrina* no rádio e então me lembrei de Munich. Já naquela ocasião foi a única coisa que me agradou especialmente. Há aqui entre nós um grande "admirador de Palestrina", que absolutamente não pode compreender que não se consiga apreciar a composição. Quando soube que a cena dos anjos me agradou, êle ficou entusiasmado.

Depois de demorada Improdutividade, sinto-me com a aproximação da primavera novamente mais disposto para o trabalho. Na outra carta te falarei a respeito. No entretempo conserva a saúde e continua animado. Apesar de tudo, fico na expectativa de um breve reencontro.

30.4.44

Tornou a passar um mês — será que para ti o tempo também corre com a mesma velocidade que acontece comigo aqui? Eu fico admirado com isso — e quando chegará o mês em que... nós dois nos havemos de encontrar de nôvo? Bem gostaria de te escrever muito mais freqüentemente, sob a sensação de que cada dia grandes acontecimentos põem o mundo em movimento, de modo que nossas relações pessoais podem sofrer grandes modificações. É que nós não sabemos quanto tempo ainda nos poderemos corresponder e, afinal, nós queremos compartilhar um das experiências do outro quão seguido e por quanto tempo isto nos fôr permitido. Eu tenho a firme convicção de que até esta carta chegar às tuas mãos devem dar-se grandes decisões em tôdas as frentes. Nessas semanas teremos de estar muito firmes interiormente e só desejo que tu o consigas. Temos de concentrar nossos pensamentos para que não nos assustemos com coisa alguma. Em vista do que há de vir, estou até inclinado a citar o bíblico δεῖ..., e sinto algo da "curiosidade" dos anjos, mencionada em I Pedro 1:12, assim como Deus dá início agora a solucionar o insolúvel. Acredito que chegou a hora em que Deus sai a campo para realizar alguma coisa que nós, apesar de tôda a nossa participação externa e interna, só podemos aceitar e compreender com grande estupefação e reverência. De alguma forma há de se tornar visível — para aquêle que ainda souber enxergar — que o Salmo 58:12b e Salmo 9:20ss são verdadeiros. Também teremos de nos repetir a nós mesmos diàriamente o Jeremias 45:5. Para ti ainda é mais difícil do que para mim passarmos por isso separados. Por esta razão hei de me lembrar especialmente de ti e já o faço agora.

Como seria bom para nós dois se pudéssemos experimentar lado a lado êstes dias para nos ajudarmos um ao outro.

Mas por alguma razão deve ser "melhor" que assim não seja, mas que cada um tenha de passá-lo sòzinho. Sofro muito com o fato de não poder ajudar-te em nada — apenas pensando em ti, realmente, cada manhã e cada noite, quando leio a Bíblia, e ainda me lembro de ti durante o dia. Não precisas ter cuidados por mim, vou relativamente bem e tu até te admirarias se viesses visitar-me. Os companheiros aqui sempre afirmam — o que aliás muito me lisonjeia, como vês — que de mim "irradia tamanha tranqüilidade" e que sempre me mostro "tão alegre" que tenho de me convencer de que as minhas experiências pessoais tão contrastantes devem resultar de alguma ilusão (o que de fato não consigo acreditar). Tu estranharias e, quem sabe, sentirias cuidado e preocupação apenas por minhas idéias teológicas e suas conseqüências, sendo que nesta parte tu me fazes muita falta. É que não sei como poderia falar a respeito de tudo isso, o que para mim significaria esclarecimento. Um problema que não chega a uma solução dentro de mim é a questão do que é o cristianismo ou também quem é Cristo hoje para nós, verdadeiramente. O tempo em que se podia dizer tudo ao homem com simples palavras — quer sejam teológicas ou piedosas — já passou. Assim também já passou o tempo da interioridade e da consciência, o que podemos resumir nas palavras, passou o tempo mesmo da religião. Nós marchamos para uma época sem religião alguma.

Os homens, assim como hoje são, não conseguem ser religiosos. Mesmo aquêles que ainda honestamente se consideram "religiosos", já não mais a praticam. Evidentemente êles têm uma idéia completamente diferente sôbre o que chamam de "religioso". Tôda a nossa proclamação do Evangelho e nossa teologia de 1900 anos de Cristianismo baseiam-se sôbre um *"a priori* religioso" do homem. "Cristianismo" sempre foi uma forma (talvez a autêntica forma) da "religião". Caso, entretanto, um dia se venha a descobrir que êste *"a priori"* nem sequer existe, mas apenas foi uma forma de expressão do homem, històricamente condicionada e temporária, os homens voltarão a ser radicalmente a-religiosos — e eu acredito que isto já está acontecendo (qual a razão, por exemplo, de esta guerra, diferentemente de tôdas as anteriores, já não mais provocar qualquer reação "religiosa"?). Que significará isto então para o cristianismo? Ao nosso "cristianismo", como se apresentou até agora, estão sendo roubadas as bases e há só mais alguns "últimos cavalheiros" ou alguns intelectualmente desonestos, aos quais poderemos chegar de maneira "religiosa". Serão êles os poucos escolhidos? Deveremos lançar-nos exatamente sôbre êste grupo duvidoso de pessoas, com todo o nosso zêlo, intrigados e indignados, para que aceitem nossa mercadoria? Devemos assaltar uns poucos infelizes nesta hora de fraqueza e violentá-los, por assim dizer, religiosamente? Caso não queiramos agir assim e, se afinal, considerarmos mesmo a forma profana do cristianismo como um passo preparatório para a total a-religiosidade, que situação resultará então para nós, para a Igreja? Como pode Cristo tornar-se também Senhor dos sem religião? Há mesmo cristãos sem religião? Caso a religião seja apenas uma roupagem do cristianismo — e também esta roupagem no decorrer dos tempos teve aparência bem diversa — que será então um cristianismo sem religião? Barth, que foi o único que começou a pensar nesta direção, não executou e levou as idéias até as últimas conseqüências, mas se perdeu num positivismo da revelação, que não passa de mera restauração, em última análise. Para o trabalhádor ou homem sem religião não se ganhou nada decisivo assim. As questões que exigem resposta seriam: que significarão uma igreja, uma comunidade, um sermão, uma liturgia, uma vida cristã num mundo sem religião? Como falaremos de Deus — sem religião, isto é, sem o pressuposto condicionado pelo tempo da metafísica da interioridade, etc., etc.? Como falaremos (ou talvez nem mais se possa "falar" como até então) de maneira "profana" sôbre "Deus", como seremos cristãos "profanos — a-religiosos", como somos *eclésia,* selecionados, sem que nos possamos entender como preferidos, mas, ao contrário, como inteiramente pertencentes ao mundo? Cristo, assim já não é mais objeto da religião, mas algo bem diferente, pois, verdadeiramente Senhor do mundo. Mas o que quer isto dizer? Que significam, na falta de religião, culto e oração? Não adquire aqui a disciplina arcana, a distinção (como tu já a conheces de mim), entre penúltimo e último nova importância?

Devo interromper aqui hoje, porque a carta ainda pode seguir neste dia. Daqui a mais dois dias te escrevo mais a respeito. Espero que consigas entender mais ou menos como penso, ou será que te aborrece o assunto? Meus votos de

saúde, por enquanto. Não é lá muito fácil escrever sem que haja qualquer eco. Deves desculpar se assim se torna apenas monólogo.

Posso escrever mais. — A questão paulina sôbre se a circuncisão é condição da justificação, poderia ser traduzida, na minha opinião, hoje, para a pergunta se religião constituiria condição da salvação. A liberdade da circuncisão é também a liberdade da religião. Seguidamente me pergunto a mim mesmo porque um "instinto cristão" me atrai muitas vêzes mais para os sem religião do que para os religiosos, e de modo algum no sentido do trabalho missionário, mas num sentimento quase que "fraterno". Enquanto sinto freqüentemente diante dos religiosos constrangimento de pronunciar o nome de Deus — porque nessa ocasião me parece soar como algo hipócrita e eu me sinto como um desonesto (ainda pior quando os outros começam a falar em terminologia religiosa; como me sinto mal) — posso com tôda a tranqüilidade falar de Deus, de vez em quando, na companhia dos que vivem sem religião. Os religiosos falam de Deus quando o conhecimento humano (às vêzes também só por preguiça mental) tiver chegado ao fim ou quando as fôrças humanas estiverem por fracassar. Geralmente é o *deus ex machina* que êles mandam apresentar-se, ou para dar uma aparência de solução de problemas insolúveis, ou como fôrça no fracasso humano, sempre, pois, na exploração da fraqueza humana, por assim dizer, nos limites humanos. Isto dura sòmente até que os homens, mediante os próprios recursos, desloquem os limites mais para a frente e desta forma Deus como *deus ex machina* se torne dispensável. Tornou-se-me muito duvidosa a conversa acêrca dos limites humanos. (Serão mesmo a morte, já que os homens não mais a temem, e o pecado, que os homens já não mais entendem, limites reais hoje? Parece-me sempre que assim apenas tentamos economizar ansiosamente espaço para Deus. Mas eu não queria falar de Deus nos limites, na fronteira, mas no centro; não nas fraquezas, mas na fôrça, não, portanto, em combinação com a morte e culpa, mas ao lado da vida e do bem do homem. Junto à fronteira parece-me ser mais indicado calarmos e deixarmos o insolúvel sem solução. A fé na ressurreição não é a "solução" do problema da morte. O "além" de Deus não é o além de nossa possibilidade de reconhecimento. A transcendência teórica do conhecimento nada

tem a ver com a transcendência de Deus. Deus permanece do lado do além quando se encontra no centro de nossa vida. O lugar da Igreja não é onde as possibilidades falham, nos limites, mas sim no centro do povoado. Assim é que nos fala o V.T. e neste sentido ainda lemos muito pouco o N.T. com vistas ao Velho Testamento. Muito reflito ùltimamente sôbre como se apresenta êste cristianismo sem religião, que forma há de tomar, e, em breve, escrever-te-ei mais a respeito. Talvez nos caiba, justamente porque nos encontramos bem entre o leste e o oeste, uma tarefa muito importante. Agora terei de encerrar. Como seria bom se ouvisse qualquer palavra tua em tôrno de tudo isso. Seria para mim de capital importância, mais do que tu podes imaginar.

Aliás, lê, quando houver oportunidade, Provérbios 22:11 e 12.

Aqui está a tranca contra qualquer fuga camuflada sob o manto da piedade.

5.5.44

Ainda que eu espere que minha carta te seja remetida para o lugar onde passas as férias, pois deve estar no tempo, já não mais será atual, porque hoje tudo é tão inseguro — e infelizmente, segundo as longas experiências é mais provável que as coisas dificilmente venham a mudar em breve — vou tentar escrever-te... Pessoalmente vou muito bem, do ponto de vista objetivo, mas a questão do tempo está em aberto. Como tudo que é bom vem à noite, espero e confio sempre...

Mais algumas palavras sôbre a "falta de religião". Certamente te lembras daquele artigo de Bultmann sôbre a "entomitologização" do N.T.? Minha opinião hoje a respeito do seu trabalho não é que êle fôsse "longe demais", mas ao contrário, para mim êle não foi bastante longe. Não só as idéias "mitológicas" como milagre, ascensão, etc. (que em princípio não podem ser separadas da idéia de Deus, fé, etc.) mas até as idéias "religiosas" pròpriamente ditas são problemáticas. Jamais poderíamos separar Deus e milagre (como Bultmann afirma), ambos, porém, devem ser interpretados de modo "não-religioso", e assim também devem ser anuncia-

SEMINARIO CONCORDIA

dos. O ponto de partida de Bultmann, apesar de tudo, é fundamentalmente liberal (isto é, resumindo o Evangelho), enquanto eu quero pensar teològicamente. Que quer dizer, então, "interpretar religiosamente"?

Isto quer dizer, segundo minha opinião, de um lado falar metafisicamente, e do outro, de modo individualista. Ambas as maneiras não atingem nem a mensagem bíblica nem o homem moderno. Não é que o problema individualista pela salvação pessoal da alma quase que totalmente desapareceu? Não devemos hoje ter a impressão de que há problemas bem mais importantes do que êste — (talvez não como assunto, mas sim como problema)? Sei muito bem que soa monstruoso afirmar tal coisa. Mas não é também, no fundo, bíblico? Há mesmo no V.T. o problema pela salvação da alma? Não são justamente a justiça e o Reino de Deus na terra o centro de tudo? E não é igualmente nos Romanos 3:24ss a meta do pensamento que Deus é exclusivamente justo, sem qualquer doutrina de salvação? A importância está, não no além, mas neste mundo, como foi criado, conservado, estabelecido sob leis, reconciliado e restaurado. O que há para além dêste mundo existe no Evangelho em função dêste mundo. Não o interpreto no sentido antropocêntrico da teologia liberal, mística, pietista e ética, mas no sentido bíblico da Criação e Encarnação, Crucifixão e Ressurreição de Jesus Cristo.

Barth, como primeiro teólogo, — e isto permanecerá como seu grande mérito — começou a crítica da religião, mas pôs em lugar da crítica sua doutrina positiva da revelação, onde então se diz: "come, passarinho, ou morre". Tanto faz tratar-se do nascimento virginal, da Trindade ou qual seja a doutrina, qualquer uma é equivalente e parte necessária do todo, que portanto deve ser engolido como um todo, ou não existe. Isto não é bíblico. Há degraus do conhecimento e degraus de importância, isto é: tem de ser restabelecida uma disciplina arcana, pela qual são protegidos os mistérios da fé cristã contra a profanação. O positivismo da revelação torna a coisa fácil demais, por erigir, enfim, uma lei da fé, e assim, aquilo que deveria significar para nós uma dádiva de Deus — pela encarnação de Cristo — é despedaçado. Em lugar da religião está agora a Igreja — isto não é bíblico — mas o mundo, por assim dizer, fica entregue a si mesmo, o que é um grave êrro.

Medito muito, atualmente, sôbre a possibilidade de interpretar as idéias de penitência, fé, justificação, renascimento, santificação — no sentido do V.T. e no de João 1:14 — "profanamente". Hei de te escrever mais a respeito.

Desculpe, escrevi até aqui em letra alemã, como faço quando escrevo para mim. Talvez fôsse tudo que escrevi destinado mais a mim, a fim de esclarecê-lo melhor, do que mesmo para ti. Não desejo inquietar-te com problemas, já que provàvelmente não tens tempo para te ocupar com êles. Talvez êles te torturem, mas eu não posso deixar de te fazer participar das minhas idéias, simplesmente porque ainda não se tornaram claras para mim mesmo. Caso não o aches direito neste momento, dize-o, por favor. — Amanhã é o Domingo Cantate, então hei de me lembrar com recordações especialmente bonitas de ti... Passa bem. Tem paciência, como nós também temos, e conserva a tua saúde.

6.5.44

...Sôbre o "egoísmo" dos cristãos ("amor próprio altruísta"), etc. mais tarde. Creio que neste ponto somos da mesma opinião. Altruísmo demasiado é deprimente e exigente. "Egoísmo" é capaz de ser menos egoísta e menos exigente.

CANTATE

Faz pouco que ouvi bonita música matinal: Reger, Hugo Distler, eis que foi um bom início de Domingo. Esquisita sensação é quando no meio de uma música assim são anunciadas "esquadrilhas de combate em aproximação para ataque aéreo..." A ligação de uma coisa com a outra não é compreensível de pronto.

À noite refleti sôbre a função das sogras... Estou certo de que sogras não têm nenhuma função educadora — de onde teriam mesmo o direito? Seu privilégio é ter filhas adultas, receber um genro, cada uma, o que deve ser considerado um enriquecimento para suas famílias, sem dar motivo para cen-

sura. A sogra pode alegrar-se com as crianças, ela pode ficar à disposição, sempre onde lhe fôr solicitado para dar ajuda e conselho, mas ficou livre de responsabilidade e de qualquer tarefa educativa no matrimônio, e isto é mesmo um privilégio. Acredito que, desde que a sogra verifique que sua filha é amada, deveria satisfazer-se com a oportunidade de se alegrar, deixando todos os demais interêsses, principalmente o de envidar tentativas de mudar o caráter. Há poucas pessoas que saibam valorizar bem a reserva de uma pessoa...

Neste instante soa a sirena, depois continuo... — Eis que foi mais uma vez um ataque maciço...

Na atitude de reserva importa ùnicamente o que o indivíduo vem mantendo em segrêdo e, por outro lado, que haja pessoas às quais se possa confiar todo o íntimo... Creio que seria muito forte falar dos ciúmes das sogras. Ao contrário, eu diria que se trata de dois amôres, o da mãe e o da mulher, e disso resultam sempre muitos mal-entendidos. Ademais, é muito mais fácil para os genros do que para as noras dar-se com suas sogras. Neste caso é o episódio de Noemi-Rute um modêlo bíblico único...

Nos últimos dias desci novamente várias vêzes à cidade,* aliás com resultado muito satisfatório. Como, entretanto, não está havendo solução para o tempo de minha prisão, estou perdendo todo o interêsse no meu caso. Por semanas esqueço-o totalmente. — Fim. Deus te guarde e a todos nós.

9.5.44

A expectativa da próxima licença é também para mim uma notícia jubilosa. Caso se realize, que em breves dias possas... batizar teu filho, gostaria muito que o pensamento na minha ausência não lance sombra alguma sôbre tua alegria, nem ainda te deixe deprimido. Tentarei escrever-te algumas palavras para o batismo e sabes bem que estarei contigo em todos os meus pensamentos. Já venci a tristeza que me causou o fato de não poder passar nem êste dia contigo, por mais doloroso que isto me seja.

* Interrogatório — N. do T.

Creio, afinal, que não me ocorre nada que não tenha seu sentido e que assim deve ser bom para todos nós, mesmo que atravesse os nossos desejos. Vejo em minha existência atual uma tarefa e só desejo poder cumpri-la. Em vista do magno objetivo tôdas as privações e todos os desejos frustrados são insignificantes. Nada mais indigno e errado do que querer num momento tão raro de felicidade como hás de viver, produzir um estado de calamidade por causa de uma falta de sorte passageira que acontece a mim. Seria totalmente contra meus íntimos sentimentos e tirar-me-ia a confiança com a qual encaro minha situação atual. Jamais devemos deixar longe de vista as coisas de maior alcance, mesmo que nos sintamos gratos por tôdas as alegrias mui pessoais que por causa de algo mais importante perdemos. Dêstes valôres superiores deve raiar sôbre tua felicidade uma luz especial, que fará esquecer tôdas as trevas possíveis. Eu consideraria uma idéia insuportável que tu deixasses turvar tua alegria conquistada após semanas duras pela minha experiência presente, por pouco que fôsse. Isto então seria uma verdadeira calamidade, o resto não. O quanto estiver ao meu alcance gostaria de te ajudar a conservar o brilho dêstes dias de primavera... tão radioso como fôr possível. Por favor, não te preocupes, em momento algum, com a idéia de que assim te omites comigo. Bem ao contrário. E não penses agora que eu me force a formular estas palavras para teu bem, elas são justamente meu pedido muito afetuoso a ti, cujo cumprimento me tornaria satisfeito e feliz. Caso conseguíssemos rever-nos nesses dias, que coisa boa não seria. Mas nem por isso te preocupes com cuidados e pensamentos. O dia 23 de dezembro ainda continua bem vivo em minha recordação, por isso não percas tempo em entregar qualquer coisa aqui para mim. Bem sei que gostarias de fazê-lo, mas creio que com isso sentir-me-ia deprimido. Se papai puder conseguir uma oportunidade para me visitares, como êle já o conseguiu uma vez, naturalmente ficaria imensamente grato. No mais, sei que amanhã, ao leres as senhas, hás de te lembrar de mim, assim como eu me lembrarei de todos vós. Já sinto uma grande alegria com o fato de que possais ler, de manhã e à noite, um trecho da Bíblia juntos. Será bem importante para êstes dias bem como para o futuro. Tampouco permitas que os pensamentos na brevidade de vosso encontro e na despedida próxima estra-

guem os poucos dias que haveis da passar juntos. É melhor que recebas bastante visitas, em vez de andares de porta em porta, e procuras gozar cada momento tranqüilo do dia como uma dádiva generosa. É minha opinião pessoal que as próximas semanas hão de trazer tão importantes como surpreendentes acontecimentos, que não se pode saber, ao início de vossas férias, o que será no fim. Quanto êstes acontecimentos hão de determinar também o nosso destino, desejo que não sejas perturbados na tranqüilidade dos dias que deveis passar juntos. É tão bom que possais estar juntos, exatamente agora, para tomardes tôdas as decisões de comum acôrdo.

Quanto não daria por ter podido batizar teu menino. Mas isto é secundário. Antes de tudo mais desejo que êste dia do Batismo contribua para que saibas a vida de teu pequeno, bem como a tua própria, sob a proteção que te faça caminhar com confiança em direção ao futuro. Escolherás tu mesmo o texto para o batizado? Caso ainda estejas em busca dêle, examina II Tim. 2:1, ou Provérbios 23:26 ou 4:18 (êste último achei há poucos dias e me agradou bastante).

Bem, não quero logo ao início de vosso encontro levar o incômodo de uma longa carta. Na verdade só te quis cumprimentar e dizer-te ao mesmo tempo como me sinto feliz contigo. Faze bastante música bonita.

16.5.44

Como ouvi dizer recentemente, anunciaste tua visita para a manhã de hoje. Nem podes acreditar como fiquei feliz e aliviado com a notícia de que justamente agora possas estar aqui. Neste momento até eu seria capaz de falar em "providência" e "atendimento de oração" e assim talvez tu também... Para o batizado ainda hei de escrever. Que tal o Salmo 90:14 como texto? Já pensei também em Isaías 8:18. Êste só me parecia ser demasiadamente comum.

18.5.44

Queria tanto escrever alguma coisa para o dia do batizado... Eu só o mandei, para demonstrar o quanto pensei

em ti... Desejo-te que, neste dia do batizado, penses sempre com satisfação especial, e que êle consiga dar ao nosso breve encontro — espero que não demore muito mais a ser ininterrupto — o conteúdo essencial, que tenha efeito também para os dias de separação. Há recordações torturantes e recordações confortadoras. Às confortadoras recordações deve pertencer êste dia... Lembra-te sem tristeza de mim. Para Martin (Niemoeller) já será o sétimo ano. Eis que é coisa bem diferente... Neste instante ouço falar na possibilidade — na qual já não mais acreditei, de te ver aqui amanhã. Que coisa boa. Então passo o dia de hoje a me preparar para a hora. Quem o conseguiu? Sou-lhe imensamente grato.

19.5.44

Dificilmente poderei descrever o quanto me alegrou tua visita e ainda a resolução ousada de simplesmente entrarem os dois. Que coisa maravilhosa. Tudo que me contaste sôbre as tuas experiências das últimas semanas e dos últimos dias ocupa-me muito até agora. Hoje tenho certa pressa, de modo que não poderei abordar os assuntos. Desejo-te sobretudo que consigas recuperar aqui a tranqüilidade exterior e interior, como a necessitas depois de tempos tão agitados. Lamentei deveras que tivesses de passar um alarma aqui e respirei grato e aliviado quando veio o teu telefonema (da parte do comandante). A pergunta pelo "sentido", de fato, torna-se às vêzes muito agravante; mas não achas também que é importante mesmo sabermos ao menos porque tudo isso é necessário e que devemos suportá-lo, mesmo que seja problemático o "para quê"? Isto para mim aqui é bem mais claro.

20.5.44

...Há, entretanto, o perigo no forte... amor que se perde na preocupação com êle — gostaria de dizer: a polifonia da vida. Quero dizer o que segue: Deus e Sua eternidade

querem ser amados de todo o coração, não que com isso seja prejudicado ou enfraquecido o amor terreno, mas, em certo sentido, como *cantus firmus,* para o qual tôdas as demais vozes ressoam como contrapontos. Um dêstes contrapontos como tema que mantém sua total independência, mas mesmo assim se acha relacionado com o *cantus firmus,* é o amor terreno e também está na Bíblia o Cântico dos Cânticos. Não é mesmo imaginável amor mais apaixonado, mais sensual, mais ardente do que êste do qual se fala nos Cantares de Salomão (7:6). Seria bom que fôsse incluído na Bíblia, contra todos aquêles que vêem o que é cristão na moderação das paixões (onde há mesmo no V.T. tal moderação?). Tôda vez que o *cantus firmus* estiver claro e evidente, o contraponto poderá desenvolver-se com tanta intensidade quanto possível. Ambos são "inseparados e mesmo assim distintos", para falar com as palavras do Credo de Calcedônia, assim como em Cristo sua natureza divina e humana. Não será por isso a polifonia da música para nós tão importante e tão próxima porque constitui a imagem musical do fato cristológico e, assim também, de nossa *vita christiana?* Ontem, depois de tua visita, me veio esta idéia. Compreendes o que quero dizer? Queria pedir-te que deixes o *cantus firmus* ressoar com tôda a clareza, pois só então êle dará um som cheio e o contraponto assim saber-se-á sustentado. Não pode desviar-se, nem soltar-se, e mesmo assim fica êle próprio, um todo, inteiramente para si. Quando se está nesta polifonia, a vida se torna inteiriça e ao mesmo tempo se sabe que nada de desastroso pode acontecer, enquanto o *cantus firmus* fôr mantido. Pode ser que nesses dias de vida comum, mas também em possíveis dias futuros de separação, muita coisa se torne mais fácil para ser suportada. Por favor... não temas nem odeies a separação, se voltar a vir com todos os seus perigos, mas confia no *cantus firmus.* — Não sei agora se o disse direito, pois nós o dizemos raramente...

21.5.44

Recém escrevi a data da carta, para compartilhar as horas da preparação para o batismo convosco em pensamento.

No mesmo momento soou a sirena. Agora estou sentado na enfermaria e espero que ao menos vos seja poupado um ataque hoje. Que tempos! Que batizado e que recordações para os anos vindouros. Importa que se canalizem tôdas estas impressões para o local espiritual certo. Assim só nos tornam mais teimosos, mais duros, mais claros e isto é bom. Sentimentalismos não podem surgir num dia de batizado como êste. Se Deus em meio das ameaças de um alarma antiaéreo envia o chamado para o Seu Reino num batizado, então fica estranhamente claro o que êste Reino é e quer. Eis um Reino mais forte que guerra e perigo, um Reino do poder e da fôrça, que para uns significa eterno susto e juízo, para outros eterna alegria e justiça. Não um Reino do coração, mas Reino sôbre a terra e todo o mundo. Não um Reino passageiro, mas, ao contrário, eterno, um Reino que abre caminho para si e convoca o homem, que deve preparar-lhe vereda, um Reino pelo qual vale a pena sacrificar a vida.

Agora mesmo começam a cair bombas, mas não parece ser muito sério hoje. Quanto não daria para te ouvir pregar daqui a mais umas horas... Hoje de manhã ouvi como um bom começo do dia um prelúdio de coral sôbre: "o que Deus faz, sempre é bem feito". Escutei-o em pensamento dirigido para ti. Há muito tempo não ouvia órgão e seu som me pareceu um castelo no qual se encontra refúgio. Certamente hás de discursar também à mesa da festa e sei que pensarás em mim. Gostaria de saber o que dirás. Justamente porque não dizemos mui freqüentemente tais palavras um ao outro, temos fome delas de vez em quando. Compreendes isto? Talvez êste sentimento se faça notar mais aqui no isolamento do que normalmente. Em outros tempos isto era natural. Ainda o é agora — apesar de tudo... A figura da polifonia ainda me acompanha. Quando hoje sentia aquela dor porque não pude estar convosco, tive de me lembrar de que também dor e alegria pertencem à polifonia da vida integral e que podem existir independentemente, lado a lado. Foi dado o aviso do que o perigo passou. Fico contente por vossa causa.

Sôbre a minha escrivaninha há dois maravilhosos ramos de sabugo, que me trouxe um homem bem simpático. Tirei as fotos que tu me deixaste e olho para o meu batizando... Acho-o um encanto e, se êle receber quaisquer vantagens físicas de mim, almejo-lhe que como eu, passe livre de dores de

dente e de cabeça, tenha os músculos da perna como eu e o paladar sensível igual ao meu (o que constitui um dom um tanto duvidoso). O resto êle fará melhor buscando de outrem... No mais, tomou com meu nome o que há de mais valioso em minha pessoa. Sempre me senti muito satisfeito com meu nome e quando era rapaz, tive muito orgulho dêle. Podes acreditar que serei sempre um bom padrinho para êle, dentro do possível, para ajudá-lo. Penso que não poderia ter sido escolhido padrinho mais acertado...

Se no pensamento na guerra só enxergas a morte, subestimas certamente a multiplicidade dos caminhos de Deus. A hora da morte para o homem é determinada e ela o apanhará em qualquer lugar, para onde quer que êle se transfira. E para tanto sempre devemos estar preparados. Mas "é Êle que maneiras mil conhece, a fim de nos salvar da morte; ao pobre de comer fornece e o fraco n'Êle há de ficar forte". Isto não devemos esquecer. Nôvo alarma. Ainda hei de escrever uma carta a Niebuhr em teu favor. Seria bom combinarmos algum local de encontro. Penso que por intermédio de N. e tio George (bispo de Cicester) poderemos ficar em comunicação constante.

Reflexões Para o Dia de Batismo de D.W.R.

Maio de 1944

CONTIGO SE inicia uma nova geração em nossa família. Ês o mais velho a preceder gerações ainda por vir e, assim será para ti lucro incomparável teres podido andar um bom trecho de tua existência em companhia da terceira e quarta gerações que te antecederam. Teu bisavô te poderá falar ainda, por sua experiência própria, sôbre personalidades que nasceram no século XVIII, e tu, algum dia, muito depois do

ano 2 000 servirás aos teus descendentes de elo vivo às tradições de mais de 250 anos — isto naturalmente *sub conditione* segundo Tiago: "se Deus quiser que vivamos". Assim o teu nascimento nos oferece particular ensejo de refletirmos sôbre a mudança dos tempos e tentarmos reconhecer o perfil do futuro.

Os três nomes que tu ostentas apontam para as três casas e famílias com as quais tua vida está ligada indissolùvelmente, e assim deve ficar. O lar do teu avô paterno foi o de um pároco rural. Os valôres duradouros que caracterizavam o lar pastoral rural, ei-los enumerados: simplicidade e saúde, vida em ordem e, do ponto de vista intelectual e espiritual, rica; alegria nas coisas mais insignificantes da existência, convivência natural com o povo e identificação com seu trabalho; capacidade de organizar tudo de modo prático e com modéstia, resultados da satisfação autêntica e pura. Tais valôres hão de te garantir para tôdas as situações da vida uma base firme no convívio com os outros, para realizações legítimas e para gozar felicidade interior.

A cultura urbana de tradição burguesa, tão bem representada pelo lar em que se criou tua mãe, há de influir decisivamente, antes mesmo que o sintas, sôbre a tua maneira de pensar e agir. Tal formação produziu nos seus portadores a consciência nobre de uma vocação da mais elevada responsabilidade, o imperativo de uma realização máxima e o compromisso de exercer uma liderança a serviço de uma herança histórica e de uma tradição intelectual e espiritual de alto nível. Tal patrimônio jamais poderás negligenciar a não ser que te tornes infiel a ti mesmo. De acôrdo com a vontade afetuosa de teus pais, serás chamado pelo nome de teu tio, que é ministro de Deus e um grande amigo do teu pai. Atualmente teu padrinho tem de suportar a má sorte de muitos bons alemães e cristãos de modo que êle só à distância pôde participar do casamento de teus pais, do teu nascimento e do teu batismo. Nem por isto, porém, êle deixa de encarar com grande confiança e alegres esperanças o teu futuro. Podes crer que teu tio se esforça para preservar o espírito otimista para tôdas as situações, tal qual o sabe personificado nos teus pais e nos teus avós. Êle tem como um sinal promissor para o teu

futuro, teus pais se terem conhecido exatamente neste lar e êle deseja que tu reconheças algum dia, consciente e gratamente, o poder que opera no espírito desta casa, e isto em benefício de tuas próprias experiências.

Até que te tornes adulto, tanto a velha casa pastoral rural quanto a velha residência burguesa passarão a constituir um mundo desaparecido. Mas o antigo espírito há de se reformular após os tempos em que é mal compreendido, enfraquecendo, passando por um período de reserva e restauração, de prova e convalescença. O profundo arraigamento no chão do passado torna a vida bem mais pesada, mas por outro lado, mais rica e mais robusta. Há verdades fundamentais humanas para as quais a vida tem de retornar sempre, mais cedo ou mais tarde. Por isso não devemos ter pressa, mas devemos saber aguardar o momento oportuno. "Deus fará renovar-se o que passou", diz um versículo da Bíblia. (Ecl. 3:15)

Nos anos a vir, anos de grandes transformações, será para ti um presente bem-vindo, estares abrigado em um lar exemplar. Servir-te-á qual amparo indestrutível contra todos os perigos externos e internos. Tua felicidade é ter pais que sabem por experiência própria quão bom é estar abrigado num lar paterno seguro em dias tão tumultuosos. Enquanto por tôda parte a vida espiritual está em decadência, tu terás em teu lar um manancial de energias espirituais e uma fonte de inspiração e incentivos intelectuais. A música como teus pais a apreciam e a cultivam, será para ti um grande auxílio para conservares a clareza e pureza de teu ser, em meio à confusão reinante. Colherás sentimentos e impressões que não deixarão adormecer a alegria interior nos dias de maior tristeza. Teus pais hão de te ensinar cedo, como te poderás emancipar, sem que menosprezes qualquer trabalho e tarefa. A piedade de teu lar não se caracteriza pela loquacidade e exibição, mas aprenderás a oração e o temor de Deus e como amá-lo a fim de fazer a vontade de Jesus. "Filho meu, guarda o mandamento do teu pai, e não deixes a instrução de tua mãe; ata-os, perpètuamente ao teu coração, pendura-os ao teu pescoço. Quando caminhares, isto te guiará; quando te

deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo" (Provérbios 6:20ss). "Hoje houve salvação nesta casa" (Lucas 19:9).

Desejar-te-ia, tivesses passado tua infância no campo; mas não será mais o mesmo campo dos tempos de teu pai. As grandes cidades, das quais os homens esperaram tôda a plenitude da vida e dos prazeres e nas quais se aglomeraram como que para uma grande festa, atraíram sôbre si morte e destruição com todos os horrores imagináveis, de modo que, como em fuga, mulheres e crianças têm abandonado êste local de terror. O tempo das metrópoles parece assim ter chegado ao fim. Pode ser que algumas continuem, mas sem o brilho anterior, porque, por mais sedutora que se apresente para o europeu, terá daqui por diante sempre um ar sinistro. Segundo a descrição da Bíblia foi Caim o fundador das grandes cidades. A sensacional fuga das cidades resulta, por outro lado, em total transformação para a zona rural. A tranqüilidade e o isolamento da vida do campo já tem sofrido muito com o rádio, o automóvel, o telefone e com a superorganização em todos os setores da vida humana. Se agora milhões de pessoas, viciadas na agitação e nas exigências da vida da cidade mudarem para o campo, se indústrias inteiras forem transferidas para a zona rural, ligeiro há de se processar uma urbanização do campo e conseqüentemente uma modificação radical na estrutura da vida rural. A aldeia que ainda existia há trinta anos atrás, já não mais se vê como não mais se encontram os idílios das ilhas do sul. Apesar de tôda a ansiedade do homem pela solidão e pela tranqüilidade, será cada vez mais difícil encontrá-las. Mesmo assim há de constituir grande lucro, nesta época de transição, possuir um pedaço de chão debaixo dos pés, para haurir dêle energias para o trabalho diário normal, desprentensioso e satisfeito e ainda para um repouso merecido ao fim do dia. "De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes". (I Tim. 6:6) "Não me dês nem a pobreza nem a riqueza: dá-me o pão que me fôr necessário; para não suceder que estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus" (Pro. 30:8). "Fugi do meio de Babilônia, e cada um salve a sua

vida. Queríamos curar Babilônia, ela, porém, não sarou; deixai-a e cada um vá para a sua terra". (Jer. 51:6ss)

Nós nos criamos na experiência de nossos pais e avós, que nos diziam que o homem tinha de planejar, construir e organizar sua vida por conta própria. Segundo êles havia um objetivo de vida, para o qual o homem tinha de se decidir a fim de executá-lo com tôdas as energias, na fé que assim pudesse fazer. Ao mesmo tempo, todavia, colhemos a experiência que o homem não pode nem sequer planejar para o dia seguinte, que aquilo que construímos, em uma só noite pode ser destruído e que nossa vida, bem em contraste com a de nossos pais, se tornou informe e fragmentária.

Mesmo assim, posso dizer que não desejaria viver em outra época, ainda que me custe a minha felicidade exterior. Reconhecemos hoje muito mais claramente do que em outros tempos que o mundo está nas mãos de Deus, ao mesmo tempo irado e misericordioso. Em Jeremias lemos: "Assim diz o Senhor: Eis que estou demolindo o que edifiquei e arrancando o que plantei — e procuras grandezas? Não as procures; porque, eis, que trarei mal sôbre tôda a carne, diz o Senhor; a ti, porém, eu te darei a tua vida como despôjo, em todo o lugar para onde fores" (cap. 45). Se nós, depois do desmoronamento de todos os bens da vida, conseguirmos pôr a salvo nossa viva alma, então poderemos dizer-nos muito felizes. Quando o Criador resolver, Êle mesmo, destruir a sua obra, como poderemos lamentar-nos por causa da destruição das nossas obras? Não será a tarefa de nossa geração "procurar grandezas" mais uma vez, mas antes de tudo, têrmos de salvar nossa alma do caos e nela reconhecer o único valor que, como "despôjo", deve ser retirado da casa em chamas. "Sobretudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dêle procedem as fontes da vida" (Prov. 4:23). Antes de ter de organizar a nossa vida teremos que suportá-la. Haverá menos avanço, mas mais perseverança, menos planejamento e mais esperança. Queremos, entretanto, que nos seja possível assegurar-vos, que sois os mais jovens, a alma, que produzirá as energias para planejardes, construirdes e organizardes uma vida melhor.

Vivemos demasiadamente apegados à idéia de que seria possível dar segurança à ação, premeditando tôdas as possibilidades, de modo a que ela se executasse por si mesma. Só tarde aprendemos que a idéia não gera a ação, mas que antes de tudo deve haver a disposição à responsabilidade. Assim sendo, pensar e agir entrarão em uma relação nova para vós. Só pensareis naquilo por que vos puderdes responsabilizar na ação. Para nós, o pensar muitas vêzes não passou de luxo de espectador, para vós êle deve estar totalmente a serviço da ação. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a vontade do meu Pai que está nos céus", disse Jesus (Mat. 7:21). A dor, quase não a conhecemos em nossa vida. Evitarmos a dor o quanto possível constituía, no subconsciente, uma norma de vida. Sentir diferenciado, um viver intensivo da própria dor bem como da dor alheia são, ao mesmo tempo, fôrça e fraqueza de nossa forma de vida. Vossa geração, desde cedo, há de ser mais resistente e mais próxima à realidade da vida, porque é obrigada a suportar privações, dores e problemas graves de paciência. "Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade". (Lam. de Jer. 3:27)

Acreditávamos que nos pudéssemos impor na vida pela razão e pelo direito, e, como ambas falharam, nos vimos no fim de nossas possibilidades. Em todo o decurso da história superestimamos a importância do razoável e do justo. Vós que vos criais durante esta guerra mundial, repudiada por 90% dos homens, que, mesmo assim, são obrigados a sacrificar bens e vida por ela, experimentais desde a infância que no mundo predominam fôrças contra as quais a razão é impotente. Por isso tereis que enfrentar estas fôrças com mais realismo e com melhor êxito. Em nossa vida, nunca reconhecemos o "inimigo" como realidade, enquanto vós sabeis que tendes amigos e inimigos e, por conseguinte, o que um inimigo e um amigo na vida significam. Vós aprendeis desde pequenos as formas de luta contra o inimigo, bem como a confiança incondicional no amigo, coisas que nos foram vedadas. "Não é penosa a vida do homem sôbre a terra?" (Jó 7:1). "Bendito o Senhor, rocha minha, que me adestra as mãos para

a batalha, e os dedos para a guerra, minha misericórdia e fortaleza, meu alto refúgio e meu libertador, meu escudo e aquêle em que confio" (Salmo 144:1). "O homem que tem muitos amigos sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão". (Prov. 18:24)

Aproximamo-nos de uma época de organizações colossais e de grupos coletivos ou há de se cumprir o desejo de inúmeras pessoas por condições mais limitadas, mais pessoais e ao alcance da vista? Não seria admissível que justamente as grandes organizações mundiais, em sua amplitude, pudessem proporcionar mais espaço para a vida pessoal? Do mesmo modo nos fazemos a pergunta, se vamos ao encontro de uma época de seleção dos melhores, por assim dizer, de uma ordem aristocrática, ou estamos em caminho para a uniformização de tôdas as condições internas e externas de vida dos homens? Na adaptação muito adiantada das condições de vida, tanto materiais quanto ideais entre os homens, seria bem possível que a impressão de qualidade, que envolve tôdas as classes sociais de hoje, em atenção aos valôres humanos da justiça, da eficiência e da bravura, produzissem uma nova seleção daqueles que são também aprovados para a posição de liderança. Teremos de desistir, sem mais reclames, de nossos privilégios, já por um reconhecimento da razão histórica. Bem podem ocorrer acontecimentos e situações que vão anular nossos desejos e direitos. Então teremos de nos mostrar conscientemente submissos, sob o juízo divino, e, com simpatia altruísta compadecer-nos do sofrimento de nosso semelhante, em vez de recairmos numa amargurado e inútil orgulho. Será a prova da nossa vitalidade. "Mas a nação que meter o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia, e o servir, eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor, e lavrá-la-á e habitará nela" (Jer. 27:11). "Procurai a paz da cidade, para onde os desterrei, e orai por ela ao Senhor" (Jer. 29:7). "Vai, pois, meu povo, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sôbre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira" (Isaías 26:20). "Porque não passa de um momento a Sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer pode vir o chôro, mas a alegria vem pela manhã (Salmo 30:6).

Hoje serás batizado, para te tornares cristão. Tôdas as palavras antigas da proclamação cristã serão pronunciadas sôbre ti e será cumprido em ti o mandamento do Batismo, conforme nos vem de Jesus, sem que tu o entendas. Mas, também nós outros fomos novamente lançados de volta até o ponto de partida de nosso entendimento. Que é reconciliação e redenção, nôvo nascimento e Santo Espírito, amor pelo inimigo, cruz e ressurreição, que é vida em Cristo e discípulo de Cristo, eis, que tudo se tornou tão difícil e tão distante, que mal ousamos falar a respeito. Nas palavras e nas cerimônias tradicionais pressentimos algo bem nôvo e revolucionário, sem que possamos alcançá-lo ou descrevê-lo. E é a nossa própria culpa. Nossa Igreja, que nesses anos só lutou por sua autoconservação, como se fôsse um fim em si mesma, é incapaz de ser portadora da Palavra da Reconciliação e Redenção para a humanidade e para o mundo. Por isso as palavras anteriores devem ser anuladas e emudecidas, e nossa vida e prática cristãs devem retornar a dois princípios básicos: Oração e a prática do que é direito entre os homens. Todo o pensar, falar e organizar, nos assuntos do cristianismo, deve nascer de nôvo, por fôrça desta oração e desta prática. Até que te tornes adulto, a Igreja terá mudado consideràvelmente. O processo de transformação ainda não chegou ao fim e tôda a tentativa de apressar a reorganização da Igreja com fim de uma nova investidura no poder, só contribuirá para o atraso de seu retôrno e de sua purificação. Um dia há de chegar em que os homens novamente serão chamados a proferir a Palavra de Deus, de tal maneira, que o mundo, sob sua influência, se transforme e renove. Será uma linguagem nova, talvez completamente a-religiosa, mas será uma linguagem libertadora e redentora como a fala de Jesus. Então os homens hão de se espantar com ela, mas mesmo assim serão dominados por seu poder. Será a linguagem de uma nova justiça e verdade, a linguagem que anuncia a paz de Deus com os homens e a proximidade de seu Reino. "Espantar-se-ão e tremerão por causa de todo o bem, e, por causa de tôda a paz que eu lhe dou" (Jer. 33:9). Até então a causa dos cristãos será uma causa muito silenciosa e oculta; mas haverá homens que oram e praticam o que é justo e esperam pelo dia de Deus. Talvez queiras pertencer ao rol dêles, e então

poderia dizer-se de ti: "A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito". (Prov. 4:18)

24.5.44

...A respeito da missão de padrinho: em livros antigos o padrinho ocupa freqüentemente um lugar especial na vida da criança. Crianças adolescentes têm muitas vêzes o desejo de se aconselhar com outros adultos — que não sejam os pais — e procuram assim compreensão, amizade e orientação. Os padrinhos são exatamente as pessoas que os pais escolheram para tais situações. O padrinho tem o direito de dar um bom conselho, enquanto os pais mandarem...

24.5.44

...São-vos necessários dias, cuja recordação já não vos causa dor de algo de que tivestes falta, mas que vos proporcione confôrto por alguma coisa que permanece. Procurei escrever para vosso uso algumas palavras em tôrno das senhas. Talvez apresentem suas deficiências, já que não pude concluir minha meditação conforme desejava...

Leio agora com grande interêsse o livro de Weizsaecker sôbre a *Imagem Física do Mundo* e espero poder aprender alguma coisa para meu trabalho. Ah, que me fôsse dada a possibilidade de troca de idéias...

25.5.44

Espero que apesar dos alarmas chegueis a gozar a quietude e a beleza dêstes dias de Pentecostes, quentes como de verão. Aos poucos aprendo a tomar distância interior das

ameaças da vida, isto é, "tomar distância" soa um tanto negativo, meio formal, artificial e estóico, seria mais certo se dissesse: aceitam-se estas ameaças diárias como parte do todo da vida. Aqui sempre observo quão poucas pessoas conseguem alojar muitas coisas ao mesmo tempo. Quando surgem os aviões êles apenas são mêdo; quando há coisa boa para comer, só mostram gula; quando falha um desejo, caem num profundo desespêro; quando algo dá certo, já não mais enxergam nada. Êles passam sem verificar a plenitude da vida e não se dão conta da inteireza da própria existência. Todo objetivo e subjetivo se dissolve em fragmentos. Em contraste com tudo isso nos põe o cristianismo ao mesmo tempo nas diversas dimensões da vida. Alojamos, por assim dizer, Deus e o mundo, tudo dentro de nós. Choramos com os que choram e nos alegramos com os que se alegram. Angustiamo-nos (nesse instante tive de interromper a carta devido a um alarma, e aqui estou sentado ao ar livre e gozo o sol) por nossa vida, mas ao mesmo tempo temos de pensar em coisas mais importantes do que a nossa vida. Tão logo que nós, por exemplo, na hora de um alarma, formos levados a deixar de pensar em nossa própria segurança para lembrarmo-nos da tarefa de transmitir calma ao nosso redor, a situação muda totalmente. Então a vida não fica restrita a uma única dimensão, mas ela se expande de modo mais dimensional e polifônico. E que libertação não é poder pensar, e ao pensar conservarmos a dimensionalidade múltipla. Estabeleci para mim como regra tôda vez que os homens aqui tremem antes do ataque, apenas falar-lhes do fato de que tal agressão para com as cidades pequenas é muito pior. Devemos retirar os homens do pensar em uma linha só — em certo sentido como "preparação", "possibilitação" da fé, ainda que na realidade só a fé mesma possa proporcionar à vida a dimensionalidade múltipla e nos permite que, também sob alarma, consigamos comemorar Pentecostes.

De início fiquei perplexo e talvez um tanto triste quando desta vez não recebi carta para Pentecostes de ninguém. Depois disse a mim mesmo que talvez se tratasse até de um bom sinal, pois não parecia haver preocupação a meu respeito — mas acontece que há no homem um instinto esquisito que faz

com que êle goste demais quando outros, ao menos um pouco, se preocupam com êle.

O livro de Weizsaecker sôbre a *Imagem do Mundo na Física* me dá muito o que pensar. Assim se tornou para mim novamente bem claro que Deus não pode figurar como substituto de nossa falta de compreensão; se pois assim — o que afinal é obrigatório — as fronteiras do conhecimento se deslocam para mais longe, com elas também Deus sempre é empurrado para uma constante retirada. Devemos encontrar Deus naquilo que reconhecemos, e não no que não compreendemos. Deus não quer ser entendido nos problemas sem solução, mas nos que foram solucionados. Isto também vale para a relação de Deus com a compreensão científica. E, ainda para os problemas gerais da vida humana acêrca de morte, sofrimento e culpa. Hoje em dia é assim que também há respostas humanas para êstes problemas que totalmente desconhecem Deus. De fato, os homens conseguem arranjar-se — e isto já foi assim em todos os tempos — sem apelarem para Deus e não é verdade que só o cristianismo oferece solução para os problemas.

No que concerne à idéia de "solução", as respostas cristãs não são, obrigatòriamente, melhores nem piores do que as outras soluções possíveis. Nem aqui Deus serve como substituto barato. Não apenas nas limitações de nossas possibilidades, mas no centro da vida devemos encontrar Deus. Sim, Deus quer ser reconhecido, não só na morte, mas na vida, não apenas no sofrimento, mas na saúde e na fôrça em todo o vigor, não quando estivermos assustados com o pecado, mas em nossa ação plena. A causa está na revelação de Deus em Jesus Cristo. Êle é o centro da vida e não chegou "à margem" para solucionar-nos problemas insolúveis. Vistos do centro da vida, certos problemas inclusive deixam de existir e assim as respostas a tais problemas (penso no juízo que Jó faz sôbre seus amigos). Em Cristo não há mais "problemas cristãos". Bem, já basta: Fui interrompido novamente.

30.5.44, à noite

Estou sentado aqui no meu quarto no andar de cima, a casa está em silêncio, lá fora cantam ainda alguns pássaros,

o *Kuckuck* ainda chama de longe. Estas longas e quentes noites, que passo aqui pela segunda vez, me deixam muito abatido. O ar livre me atrai e, se eu não fôsse tão "sensato", poderia cometer qualquer imprudência. Será mesmo que já fiquei mais sensato? Quando se tem de matar todo e qualquer desejo, conscientemente, a pau, então isto pode ter duas conseqüências bem sérias: ou tudo fica dentro da pessoa como que devorado por um incêndio ou tudo se acumula até que um belo dia estoura numa explosão terrível. Esta seria a primeira conseqüência imaginável, e a outra, a pessoa de fato perde seu egoísmo por completo. Que isso não está acontecendo comigo, sei muito bem. Talvez digas que não devemos matar os desejos e creio que tens razão com isso... Por isso me refugio no pensar, no escrever cartas... e me proíbo — como autoproteção — o próprio desejo. Certamente seria mais altruísta — ainda que soe paradoxo — que eu não precisasse ter tanto mêdo dos meus desejos, mas que pudesse deixar-lhes livre curso, mas isto é muito difícil.

Há pouco ouvi por acaso na enfermaria a canção de Solveig no rádio. Isto me comoveu profundamente. A espera leal por uma vida inteira é realmente o triunfo sôbre a hostilidade do lugar, isto é, sôbre a separação, e o tempo, isto é, sôbre a inconsistência. Não acreditas também que só semelhante lealdade torna alguém feliz e semelhante infidelidade infeliz? — Bem, agora quero me deitar, já vamos ter perturbação noturna. Passa bem.

2.6.44

...Acêrca do Cântico dos Cânticos escrevo-te para a Itália. Pretendo mesmo lê-lo como canção de amor terreno. Creio que seja esta a melhor interpretação "cristológica". Sôbre Efésios 5 preciso meditar novamente. Espero que encontres algo sôbre Bultmann, se não se tiver perdido.

5.6.44

Sinto-me como um moleque bôbo, quando procuro esconder-te que ocasionalmente me impelem inclinações poéti-

cas. Até aqui consegui esconder perante todo o mundo. Hoje te mando uma prova (Passado), primeiramente porque me parece um tanto ridículo ter segredos para contigo e segundo, para que possas ter algo inesperado na viagem, e terceiro, porque o assunto te é tão familiar no momento, de modo que digo coisas que talvez ... também já ocupem o teu pensamento. Para mim representa êste conflito com o passado, esta tentativa de não segurá-lo e recuperá-lo, antes de tudo meu mêdo de perder de um todo a melodia constante de minha vida atual, a qual em certas ocasiões, — particularmente após breves visitas, seguidas sempre de novas despedidas — se torna um tema com variações. O despedir-se, a experiência do passado, se fôr a hora de ontem ou a do ano passado — ambos se entrelaçam ràpidamente — constitui para mim uma tarefa sempre renovada e tu mesmo me escreveste certa vez: o despedirmo-nos não conseguimos aprender nunca. Na tentativa que te mando hoje importam particularmente os últimos poucos versos. Creio que ficaram muito curtos — que me dizes? Estranho que êles por si se tornem rimas. Tudo se fêz em poucas horas e ficou sem polimento... Eventualmente hei de reprimir tais inclinações em mim para o futuro e passar meu tempo mais ùtilmente. Gostaria de deixar esta decisão a teu critério. Caso tenhas interêsse, mando-te mais alguma coisa para que a examines.

6 de junho de 1944

(Desembarque na Normandia)

Escrevo-te um tanto apressadamente, apenas para passar o dia de hoje contigo e com todos vós. Não posso dizer que os fatos me surpreenderam, mas êles são sempre algo diferente do que meras esperanças. Senha e lição bíblica nos chamam para a mensagem central do Evangelho — "Redenção" é a palavra em tôrno da qual tudo mais se move. Na fé devemos enfrentar as próximas semanas com grande certeza e plena confiança. Assim vamos entregar teu caminho e os caminhos de todos nós outros a Deus. *Xaris kai eiræenae.*

8.6.44

...No mais, acredito que tenhas partido, por várias razões, com o coração mais aliviado, já que teus receios antes foram grandes. Adiaram nosso reencontro de Natal para a Páscoa e depois para Pentecostes e uma data após outra se passaram. A próxima festa, entretanto, deve pertencer-nos, disto tenho plena certeza...

Com relação às idéias que nesses últimos tempos me têm ocupado tanto, fazes consultas tão sérias que estaria contente se pudesse respondê-las tôdas. Acontece que tudo ainda se encontra demasiadamente no início e me deixo dirigir, como quase sempre, mais pelo instinto a fim de preparar-me para as perguntas que hão de surgir, sem que tivesse clareza a respeito. Tentarei, uma vez, estabelecer minha posição pela evolução histórica. O movimento que iniciou a emancipação humana, que começou mais ou menos pelo século XIII (não quero entrar em polêmica a respeito do exato momento), chegou em nossos dias a uma certa conclusão. (Entendo por êste movimento a descoberta das leis sob as quais o mundo nas ciências, sociedade, política, arte, ética e religião vive e se arranja por si mesmo). O homem aprendeu a se defender por conta própria contra todos os problemas mais importantes em que recorresse a "hipótese de trabalho: Deus". Nos problemas científicos, artísticos e mesmo éticos isto se tornou natural, e não mais se discute o fato. Desde uns 100 anos atrás isto também se aplica e, em crescente experiência, aos problemas religiosos. Comprova-se que tudo também funciona sem "Deus" e em certo sentido tão bem como antes. Assim como no terreno científico expulsa-se dia a dia mais a "Deus" do âmbito da existência humana e Êle perde terreno.

Historiadores católicos e protestantes concordam no ponto de vista que assim se cumpre a grande apostasia de Deus e de Cristo, e quanto mais êles úsarem Deus e Cristo contra essa evolução, tanto mais o desenvolvimento da crise se denuncia mesmo como anticristão. Torna-se-nos inquietante como êste mundo que ficou consciente de si mesmo e de suas leis de vida parece estar tão seguro de si. Fracassos e insucessos não conseguem desconcertar o mundo na convicção da necessidade de seu rumo e de sua evolução. São levados em conta com naturalidade varonil e, até um acontecimento como

esta guerra não constitui exceção no caso. A apologética cristã entrou em ação de várias maneiras contra esta auto-segurança. Tenta-se provar ao mundo emancipado que não será possível se viver sem a tutela de "Deus". Uma vez que foi total a capitulação nos problemas profanos, ainda restam, entretanto, as assim chamadas "questões últimas" — Morte, Culpa — às quais sòmente "Deus" poderá dar resposta satisfatória, de modo que Igreja, pastor e Deus continuam a ser imprescindíveis. Quer dizer que vivemos destas últimas questões do homem. Que tal, porém, se algum dia também estas questões desaparecem como tais e se um dia puderem ser respondidas igualmente "sem Deus"? Agora se apresentam logo os enxertos secularizados da teologia cristã, como a filosofia existencial e os psicoterapeutas, e desejam provar ao homem seguro, satisfeito e feliz que na verdade êle é infeliz e está desesperado, o que êle simplesmente não compreende. Sim, que êle se encontra numa situação angustiosa da qual sòmente êles o podem salvar. Onde houver saúde, fôrça, segurança, simplicidade, farejam qualquer fruta doce, a qual roem, pondo nela seus ovos perniciosos. Sua intenção é levar o homem ao desespêro íntimo, pois, então terão ganho o jôgo. Eis, metodismo secularizado. E a quem atingirá? A um reduzido número de intelectuais, de degenerados, àqueles que se julgam a si mesmos os mais importantes no mundo e, por isso, de preferência se ocupam consigo mesmos. O simples cidadão, que passa sua vida diária no seu trabalho e na sua família, tendo com certeza também seus pequenos desvios a registrar, êste não é atingido. Êste não tem nem tempo nem vontade de tratar de seu desespêro existencial e de olhar sua modesta felicidade sob o aspecto da "necessidade", da "preocupação" e da "desgraça".

Os ataques da apologética cristã contra a emancipação do mundo julgo primeiramente sem sentido, segundo, deselegantes e terceiro, não-cristãos. Eu os julgo sem sentido — porque me parecem ser tentativa de fazer o homem, que recém se tornou adulto, voltar para o período de puberdade, isto é, torná-lo novamente dependente de tudo aquilo, que de fato já não mais deve exercer influência sôbre êle. Inclusive tentar lançá-lo em problemas que para êle já não mais existem. Deselegantes — porque se tenta abusar das fraquezas do homem para fins que lhe são estranhos e que êle não aceita

livremente. Não-cristãos — porque se confunde Cristo com uma determinada etapa na evolução religiosa do homem, isto é, confunde-se Cristo com uma lei simplesmente humana. Sôbre isto, mais detalhadamente depois.

Antes porém, mais algumas palavras sôbre a situação histórica. O problema é: Cristo e o mundo emancipado. Evidentemente deve ser considerado fraqueza da teologia liberal querer ceder ao mundo o direito de indicar a Cristo seu lugar; no conflito entre a Igreja e o Estado ela aceitou uma paz — relativamente moderada — ditada pelo mundo. Por outro lado, foi sua fôrça que não tentou dar meia volta na história, mas enfrentou o conflito de fato (Troeltsch), mesmo que êste acabasse para ela com uma derrota.

A derrota seguiu a capitulação e a tentativa de um recomêço totalmente nôvo baseado nos fundamentos próprios da Bíblia e da Reforma. Heim procurou de modo pietista-metodista, persuadir o indivíduo que se achasse diante da alternativa: "Desespêro ou Jesus". Êle conquistou "corações". Althaus (em continuação à linha positiva-moderna com rumo fortemente confessional) tentou conseguir do mundo uma concessão de abrir o espaço para a doutrina luterana (Ministério) e para o culto luterano e no mais entregou o mundo a si mesmo. Tillich aventurou-se a interpretar o próprio mundo — contra a vontade dêle — religiosamente e a lhe dar, graças à religião, uma forma. Isto foi corajoso, sem dúvida alguma, mas o mundo o desmontou e correu adiante sem êle. Êle também quis compreender melhor o mundo do que êste se entendia a si mesmo, mas o mundo se considerou mal compreendido e rejeitou tal pretensão. (Realmente deve-se compreender o mundo melhor do que êste se entende a si mesmo, mas não "religiosamente", como os socialistas religiosos queriam). Foi Barth que primeiramente reconheceu o êrro de tôdas estas tentativas (e em princípio tôdas ainda continuam a navegar no canal da teologia liberal, sem que quisessem fazê-lo), dizendo que todos pretendem reservar um espaço para a religião no mundo ou contra o mundo. Êle comandou o Deus de Jesus Cristo na luta contra a religião, *Pneuma* contra *Sarx*. Êste é seu maior mérito (*Carta aos Romanos*, 2ª edição, apesar de tôdas as cascas de um neo-kantiano). Êle habilitou a Igreja pela sua Dogmática de anos posteriores a executar uma distinção em princípio para tôda a linha. Êle não falhou na ética,

como dizem alguns, — suas exposições em ética, quantas existirem, são tão importantes como as dogmáticas — mas não deu rumo concreto à interpretação não-religiosa dos conceitos teológicos. Isto nem na dogmática nem na ética. Aqui está o seu limite e por isso sua teologia da revelação se torna positivista. Eu a chamo "positivismo da revelação".

A Igreja Confessante já esqueceu, na maioria, êste começo de Barth e passou do positivismo para a restauração conservadora. Sua importância é que mantém os magnos princípios da teologia cristã, mas nisso, ela parece se esgotar aos poucos. É verdade, que nesses conceitos estão contidos os elementos da autêntica profecia (entre êles a reivindicação da verdade e a misericórdia, sôbre os quais tu falas) bem como do culto legítimo e por esta razão e só por causa dela a palavra da Igreja Confessante consegue obter atenção, ouvido e rejeição. Ambas as coisas, entretanto, ficam subdesenvolvidas, distantes, porque lhes falta a interpretação.

Aquêles que aqui, como por exemplo B. P. Schuetz ou os de Oxford ou os Berneuchener sentirem falta do "movimento" e da "vida", são reacionários perigosos, atrasados, porque voltam para trás do projeto da teologia da revelação e buscam renovação "religiosa". Nem sequer entenderam o problema e se perdem longe do assunto. Êles nem têm futuro (talvez ainda os do movimento de Oxford, se não fôssem bìblicamente falando tão sem substância).

Aparentemente, Bultmann sentiu o limite de Barth de alguma forma, mas êle a compreende mal no sentido da teologia liberal, e com isso recai no processo tìpicamente liberal, o da redução (os elementos "mitológicos" do cristianismo são descontados e o cristianismo é reduzido na sua "essência"). Sou, entretanto, da opinião que o conteúdo total tem de ser mantido, inclusive os conceitos "mitológicos". Pois o Nôvo Testamento não é um revestimento mitológico de uma verdade geral mas, esta mitologia (Ressurreição etc.) é o assunto mesmo. Acontece que estas idéias e conceitos devem ser interpretados de tal maneira sem que se pressuponha a religião como condição da fé (compare a *peritome am Paulo*). Só assim será, segundo minha opinião, a teologia liberal superada (pela qual também Barth, mesmo de modo negativo, se acha influenciado). Ao mesmo tempo o problema assim será

mesmo levantado e respondido (o que não acontece no positivismo da revelação da Igreja Confessante).

Assim, a emancipação do mundo não é mais motivo para polêmica ou apologética, mas ela será mais bem compreendida do que ela se entende a si mesma, isto é, à luz do Evangelho, à luz do Cristo.

Agora tua pergunta a respeito do "espaço" da Igreja, não se perde totalmente e a outra consulta, se Jesus mesmo não partiu da "necessidade" do homem, o que daria razão ao "metodismo" anteriormente criticado. 9.6. Interrompo aqui e prossigo amanhã...

21.6.44

...Agora tu estás à procura de tua unidade e eu espero que a alcances e que ao chegar aches cartas, isto, se o número do correio de campanha ainda conferir. Hoje apenas desejo enviar uma saudação. A continuação das exposições teológicas ou poesias não ouso anexar, porque não sei se ainda te alcanço sob êste número que tu me deste. Logo que fôr informado a respeito, mando outras cartas. Sou-te muito grato pela avaliação e crítica da poesia. Diante destas crianças recém-nascidas me sinto um tanto sem saber o que fazer e sem saber como julgá-las.

...Hoje de madrugada tivemos o mais feio de todos os ataques aéreos já havidos. O meu quarto escureceu por algumas horas só de fumaça que cobria tôda a cidade, de tal forma que quase tive de acender luz. Em casa tudo em ordem, conforme já fui informado...

Torna-se-me bastante difícil e deprimente passar êstes maravilhosos dias de verão, pela segunda vez aqui. Mas ninguém pode escolher para onde quer ser pôsto na vida. Assim sendo, somos obrigados a lutar para que os pensamentos pequenos que nos aborrecem sejam vencidos pelos pensamentos grandes que nos fortalecem. Atualmente leio o excelente livro do filólogo da Antigüidade, W. F. Otto (*Koenigsberg*) sôbre "os deuses da Grécia", acêrca dêste "mundo de crenças que resultaram da riqueza e da profundidade da existência e não de suas preocupações e suas saudades", como o livro diz no

fim. Compreendes como esta formulação e esta descrição correspondente tem para mim algo de encantador e que eu — *horribile dictu* — não me escandalizo tanto com os assim descritos deuses quanto com certas formas de cristianismo? Assim, chego a acreditar que posso bem reclamar êstes deuses para Cristo. Para minhas atuais reflexões teológicas êste livro me é bastante valioso.

Felicidade e Infortúnio

Felicidade e infortúnio,
inesperadamente, nos atingem
e de início se parecem,
como calor e a geada no súbito contacto
mal se distinguem.

Quais meteoros
lançados de distância inatingível
traçam brilhantes e ameaçadores
as suas rotas,
passando lá por cima das cabeças.
E eis, perplexas, as vítimas paradas
diante das ruínas
de sua existência sem esplendor

Magníficos e majestosos,
levando ora destruição, ora domínio,
felicidade aqui e lá desdita,
uma solicitada, outra não,
fazem a sua entrada mui festiva,
deixando os homens assustados.
E ainda ornamentam e revestem
as vítimas
de ar solene e com gravidade.

Felicidade plena de arrepio,
e infortúnio repleto de doçura.
Ambas do eterno, inesperados
parecem ter descido,
e ambas grandes e terríveis.
Homens de perto e de longe
chegam às pressas e de olhar embasbacado,
observam
ora de inveja, ora apavorados
para o horror,
onde o sobrenatural,
ao mesmo tempo abençoando e matando,
se apresenta para o espetáculo
que nos confunde, sempre um mistério.
Felicidade, o que é? e que é o infortúnio?

Sòmente o decorrer do tempo
separa ambos.
Quando a ocorrência súbita,
incrível e apaixonante
começa a se transformar,
já em cansaço e tortura,
e, quando, então, a vagarosa hora
do dia, vindo de mansinho
desvenda o caráter verdadeiro
do infortúnio,
chega o momento em que volta a maioria
aborrecida com a monotonia
da infelicidade já envelhecida,
desiludida e enjoada.

É esta a hora da felicidade,
a hora, sim, da mãe e dos amantes,
a hora do irmão e do amigo.
A lealdade transfigura todo o infortúnio
e o envolve
num esplendor suave e sobrenatural.

27.6.44

Apesar de não saber se e quando te alcança o correio, escrevo-te sob o endereço de campanha que tu anteriormente me indicaste. Não desejo, entretanto, continuar o tema teológico enquanto não tiver qualquer notícia tua. O mesmo se refere aos meus versos — em particular uma poesia mais longa que compus recentemente sôbre minhas experiências e impressões aqui — que de fato melhor caberiam numa noite que passemos juntos do que ser confiado ao correio...

Atualmente estou trabalhando numa interpretação dos primeiros três mandamentos. Neste trabalho tenho muita dificuldade com o primeiro. Não me parece muito bíblica a costumeira interpretação da idolatria como "riqueza, concupiscência e honraria". Isto equivaleria a uma mera moralização. Aos deuses se presta culto e o culto idólatra pressupõe que os homens ainda adorem alguma coisa. Nós hoje, entretanto, não mais adoramos nada, nem sequer ídolos. Nisso somos realmente niilistas.

Mais alguns pensamentos a respeito do Velho Testamento. Distintamente das outras religiões orientais a crença do Velho Testamento não é uma religião redentora. Acontece, todavia, que o cristianismo sempre é considerado religião de redenção. Não haverá aqui um êrro cardinal, pelo qual separamos Cristo do V.T., de modo que o interpretamos da parte dos mitos de redenção? Contra o argumento de que também no Velho Testamento a redenção ocupa lugar de grande importância (do Egito e mais tarde da Babilônia, compare Deuteroisaías) temos de replicar que se trata nesses exemplos de redenção histórica, isto é, do aquém da fronteira da morte, enquanto em todos os demais casos os mitos da redenção têm como alvo a superação da fronteira da morte. Israel é salva do Egito para que possa viver como povo de Deus na terra. Os mitos de redenção procuram de maneira não-histórica uma eternidade após morte. O *scheol*, o *hades*, não são figuras da metafísica, mas imagens sob as quais o terrenamente "existente" continua existindo, mas apenas como sombra no seu alcance para o presente. Assim se imaginava.

Agora se ouve dizer que o decisivo no cristianismo é que se anuncia a esperança da ressurreição, e que desta forma surgiu uma autêntica religião redentora. Todo o pêso recai sôbre

o além da fronteira da morte. E exatamente nisso vejo o êrro e o perigo. Redenção aqui quer dizer salvação de preocupações, necessidades, angústias e desejos, de pecado e morte para um além melhor. Seria isto de fato o essencial da proclamação dos Evangelhos sôbre Cristo e da pregação de Paulo? Eu contesto isto. A esperança da ressurreição se distingue da esperança mitológica no ponto em que reconduz o homem de uma maneira completamente nova, em contraste aliás com o Velho Testamento, para as responsabilidades de sua vida na terra.

O cristão não tem como os crentes nas religiões de redenção, no meio das tarefas e dificuldades de sua vida terrena, um último escape para o eterno, mas, ao contrário, êle terá de esgotar até o fim os recursos de sua vida terrena, exatamente como Cristo também ("meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?"), e ao fazer isto, êle conta com a presença do Crucificado e Ressurreto e com Cristo também é crucificado e ressurreto. O aquém não deve ser suprimido antes do tempo. É nisso que V.T. e N.T. ficam ligados. Mitos de redenção resultam das experiências humanas nas fronteiras da vida. Cristo, porém, atinge o homem no centro de sua vida.

Como tu vês, são sempre pensamentos e idéias semelhantes que me apaixonam. Temos de confirmá-las com o que nos diz o Nôvo Testamento. Tal coisa farei mais tarde.

Leio no jornal sôbre o calor tropical na Itália. Coitado de ti. Lembro-me do mês de agôsto de 1936. Salmo 121:6.

30.6.44

Hoje tivemos aqui um dia de verão especialmente quente e eu pude gozar o sol com sentimentos repartidos, porque bem posso imaginar que torturas te deve causar o sol lá na Itália, neste momento. Conforme suponho estás sentado em algum lugar todo empoeirado, suado, cansado e talvez sem possibilidade de te lavar e refrescar. Posso inclusive imaginar que chegues a momentos em que odeias o sol. Mesmo assim, sabe que eu gostaria de senti-lo uma vez com tôda a sua intensidade sôbre minha pele.

Tendo assim o corpo queimando sob a ação do sol, sentiria novamente que sou um ente vivo. Gostaria de ser despertado para minha natureza pelo sol, em vez de o ser pelos livros e pensamentos; naturalmente não para aquela sensação animal que rebaixa o homem, mas daquele môfo e do irreal de uma existência simplesmente intelectual, para a liberdade que me torne mais puro e mais feliz. Gostaria de um dia não apenas ver o sol e prová-lo em doses racionadas, mas de experimentá-lo com tôda a intensidade. O entusiasmo romântico pelo sol, que se encanta no nascer e pôr-do-sol, nem conhece o sol como energia, como realidade, mas em certo sentido só como imagem. Jamais poderá compreender porque certos povos adoravam o sol como deus. Para tanto não basta apenas a experiência da luz e das côres, mas também o calor. Os países quentes desde o Mar Mediterrâneo até a Índia e até a América Central são os países que realmente produzem intelectual e espiritualmente. Os países mais frios e de clima temperado viveram e se sustentaram das conquistas dos outros que originalmente as produziram. A técnica serve, na realidade, menos ao espírito do que às necessidades da vida. Talvez seja por esta razão que sempre nos sentimos atraídos para os países quentes. Mas será que tais idéias te poderão reconciliar com as torturas do calor? Suponho que para ti tudo isto no momento pouco interessa, tu apenas desejas poder sair dêsse inferno e provar um bom chope berlinense no Grunewald. Ainda me lembro como desejava em junho de 1923, poder fugir da Itália e como voltei a respirar aliviado, quando novamente atravessava a pé em dia de muita chuva a Floresta Negra. E eu naquela ocasião não precisava guerrear mas apenas gozava. Também recordo como se fôsse ontem, como tu em agôsto de 1936 rejeitaste a idéia de viajar até Nápoles, horrorizado com o calor. Como o suportas fìsicamente agora? Eu me preocupo com isso. Naquele tempo nem se podia dispensar o "expresso" e K. pôs muito dinheiro fora com isso, o que me indignava na minha juventude. Para as distâncias mais curtas alugava-se uma diligência e chupava-se, no entretempo, inúmeros granitos e cassatas. Neste instante recebo a feliz notícia que tu escreveste e conservaste o velho endereço postal de campanha, com que entendo que conseguiste achar tua unidade anterior. Nem podes imaginar como isto me tranqüilizou.

Há algumas horas atrás anunciou-se aqui o tio Paulo (cmte. da cidade de Berlim que poucas semanas depois seria condenado à morte pelo tribunal popular), para ver-me uma vez, pessoalmente. É tudo tão cômico, pois de repente, diante da anunciada visita, todos correm e — com poucas exceções dignas de menção — tudo se sobrepuja em falta de dignidade. É constrangedor, mas para muitos, assim como êles são, indispensável.

Agora quero tentar voltar ao tema teológico que há dias interrompemos. Parti do ponto de vista de que Deus, cada vez mais é deslocado da região de um mundo emancipado, e das zonas de nossa experiência e vida, de modo que, desde Kant, êle só parece existir além da experiência do mundo.

A teologia naquela ocasião esperneou apologèticamente contra tal evolução e lutou desesperadamente — ainda que em vão — contra o darwinismo. Por outro lado, ela se conformou com a evolução dos acontecimentos e Deus ficou para só funcionar nas derradeiras questões como *deus ex machina*, isto quer dizer que Deus se torna apenas resposta aos problemas da vida, para solução de dificuldades e conflitos da existência. Onde o homem nada tem para apresentar, isto é, quando êle se recusar a permitir que nessas coisas lhe seja dado algo ou que seja objeto de comiseração, não mais é acessível a Deus. Ou teria de se provar ao homem sem problemas da existência que êle na verdade se encontra atolado em problemas, necessidades, conflitos, sem que o queira confessar, sem que talvez o saiba. Se der resultado tal processo — e a filosofia existencial e a psicoterapia elaboraram nesse sentido métodos bem finos — então esta pessoa se torna agradável a Deus e o Metodismo pode festejar seus triunfos. Se não funcionar e se o homem não chegar a considerar sua felicidade uma desgraça, sua saúde uma doença, sua fôrça vital um desespêro, então o latim dos teólogos terá chegado ao seu limite. Ou se trata de um pecador irrecuperável de uma natureza especialmente malévola ou se trata de um cidadão que possui uma existência "burguesamente saturada"; assim, um como o outro estão longe da salvação. Eis a posição contra a qual protesto. Se Jesus veio salvar pecadores então se

trata de autênticos pecadores, mas não que Jesus primeiramente transforme cada pessoa em pecador. Êle chama os homens para fora do pecado, não porém para o estado do pecado. Certamente significa o encontro com Jesus que tôdas as avaliações do homem sejam invertidas. Assim aconteceu na conversão de Paulo. Nesse caso, entretanto, antecedeu o encontro com Jesus o reconhecimento do pecado. É certo que Jesus se interessou pelas existências à margem da sociedade humana: prostitutas, publicanos, mas nunca só delas, pois, se tratou dessas pessoas, foi porque o interessavam todos os homens. Jamais Cristo pôs em dúvida a saúde, a fôrça, a felicidade de uma pessoa, como se fôsse uma fruta podre; pois, para que então teria curado os doentes, e fortalecido os fracos? Jesus reivindica para si a vida humana integral em todos os seus aspectos e a reclama para o Reino de Deus.

Justamente agora tive de ser interrompido. Deixa-me, entretanto ràpidamente mais uma vez formular o tema, que aqui me interessa: o aproveitamento incondicional do mundo emancipado por Jesus Cristo.

Hoje não posso continuar a escrever, porque assim a carta ficaria semanas sem ser despachada e isto não quero. Portanto, a continuação seguirá.

Tio Paulo estêve aqui e logo mandou chamar-me e ficou ... mais de 5 horas. Na ocasião, mandou abrir 4 garrafas de champanha e se portou muito generoso e amàvelmente, como jamais dêle esperara. De certo quis demonstrar ostensivamente quais as suas relações para comigo e o que êle espera do medroso e pedante M. A mim me impressionou muito esta independência que no setor civil já não mais seria possível. Ademais êle contou uma história muito engraçada: perto de St. Privat um alferes ferido gritou: "Fui ferido, viva o rei. "Então o também ferido general v. Loewenfeld: "Silêncio, alferes, aqui se morre em silêncio." — Estou curioso sôbre quais serão os resultados desta visita, quero dizer, o efeito que terão sôbre a opinião dos homens daqui.

Agora, passa bem e me perdoa a carta com suas interrupções. Penso, porém, que assim te é mais agradável do que nenhuma. Espero, no início do outono, estarmos novamente juntos.

1.7.44

Hoje há 7 anos estivemos reunidos com Martin.*

8.7.44

...Há poucos dias te escrevi uma carta com uma filosofia muito teórica acêrca do calor. Nesses últimos dias passo o calor na própria carne. Sinto-me como num forno, apenas com uma camisa que te havia trazido certa ocasião da Suécia e um calção... e só não tenho coragem de dizer que estou sofrendo porque posso imaginar quão grande deve ser a tortura pela qual tu atualmente deves estar passando. Minha última carta deve ter-te parecido bastante frívola. Assim, vou tentar extrair do meu cérebro em brasas algumas idéias para te escrever. Quem sabe isso nem será por muito tempo, e nós havemos de encontrar-nos mais cedo do que suspeitamos. Recentemente li a frase estranha e bonita de Eurípedes naquela cena do reencontro depois de longa separação: "Desta forma também o reencontro é um deus."

Bem, agora mais algumas idéias para o nosso tema. Para estabelecer o lado bíblico do assunto, exigem-se mais clareza e concentração ao pensar, do que me é possível hoje. Espera mais uns dias até que refresque de nôvo. Tampouco me esqueci de que te devo algo sôbre a interpretação não-religiosa dos conceitos bíblicos. Mas hoje, apenas algumas observações introdutórias:

O deslocamento de Deus para fora do mundo, a expulsão de Deus da existência pública do homem, conduz à tentativa de ao menos ainda conservá-lo ao alcance do "pessoal", do "íntimo", do "privado". E como cada pessoa ainda mantém em algum cantinho uma esfera de privativo, julga-se que nesse lugar ela seja atingível com mais facilidade. Os segredos de quarto de empregada — para dizê-lo grosseiramente — isto é, a zona do mais íntimo (desde a oração até a sexualidade) tornam-se a região de caça do moderno cura de almas. Nisso

* Dia da detenção de Martin Niemoeller — N. do T.

se assemelham (mesmo que sua intenção seja diversa) aos piores jornalistas de asfalto — tu te lembras ainda dos jornalecos *Verdade* e *Sino?*, os quais puxaram para a luz do dia as intimidades de personalidades proeminentes? Nesse, para extorquir as pessoas social, financeira ou politicamente; naquele para extorqui-las religiosamente. Perdoa, mas não posso fazê-lo mais barato.

Do ponto de vista sociológico trata-se de uma revolução que vem de baixo, um motim da mediocridade. Como a mentalidade ordinária não se conforma com a existência das pessoas de alta posição, não sabe outro expediente a não ser que as imagine "na banheira" ou em situações constrangedoras, assim acontece também no nosso assunto. Eis um tipo de satisfação maliciosa saber que cada um tem suas fraquezas e pontos frágeis. Sempre verifiquei no contacto social com os *outcasts* — "párias" — que para êles a suspeita é o motivo determinante de todo o julgamento de outras pessoas. Qualquer ação, por mais altruística que seja, de uma pessoa que goza de prestígio e respeito, está de antemão sob suspeita. Aliás, êstes *outcasts* encontram-se em tôdas as classes e condições de vida. Mesmo no jardim de flôres só procuram o adubo sôbre o qual as flôres se desenvolvem. Quanto menos compromissos uma pessoa tiver, tanto mais se perderá nesta atitude.

Existe também um desconhecimento total de compromisso entre sacerdotes, o que chamamos "clerical" aquêle "espiar os pecados de todo o mundo", para que sejam apanhados em flagrante. Parece que só se conhecerá uma casa bonita quando tivermos descoberto as teias de aranha no último porão, assim como se uma peça teatral só pudesse ser apreciada depois de se ter observado como os artistas se comportam atrás do pano. Está tudo isso na mesma direção que seguiam os romances, de 50 anos para cá, cujo valor estaria em ter apresentado seus heróis no leito matrimonial e, quanto aos filmes, não valem enquanto não oferecem ao público alguma cena de *strip-tease*. Considera-se tudo que continua vestido, encoberto, puro e casto de antemão mentira, disfarçado e impuro e com isso apenas se comprova a própria impureza. A suspeita e a desconfiança como atitude normal contra os homens é a revolta dos mediocres.

Do ponto de vista teológico o êrro é duplo: primeiro, pensam que um homem só pode ser tachado de pecador depois de têrmos espiado suas fraquezas, sua natureza ordinária; segundo, julgam que a natureza do homem consiste no fundo mais íntimo, ao que se dá o nome de "intimidade". E é, justamente nestes segredos humanos que querem que Deus tenha seu domínio.

A respeito do primeiro, devo dizer que o homem de fato é pecador, mas isto não significa que seja ordinário e vil. Será mesmo que Goethe e Napoleão foram pecadores só porque nem sempre se portaram fiéis às suas espôsas?, para dizê-lo de forma banal. Não se trata aqui dos pecados de nossas fraquezas, mas o que aqui nos interessa são os pecados fortes. Nem seria necessário andarmos espiando um ao outro. A Bíblia não age assim em lugar algum. (Pecados fortes: no gênio e ultraje; no caso do camponês a quebra da ordem — será o decálogo, ética camponesa? — no caso do burguês a fuga à responsabilidade. Será isto certo?)

Com respeito ao segundo: A Bíblia não reconhece a distinção entre exterior e interior. Para que seria mesmo? Sempre interessa à Bíblia um *antropos teleios*, o homem integral ainda lá onde, como no Sermão da Montanha, o decálogo é levado para o terreno do "íntimo". É totalmente não-bíblico que uma boa "intenção" pudesse substituir o bem.

A descoberta da assim chamada interioridade só se fêz na Renascença (talvez com Petrarca). O "coração" no sentido bíblico não é o interior, mas o homem todo conforme está diante de Deus. Uma vez que o homem vive tanto de "fora" para "dentro" como de "dentro" para "fora", a opinião de ter de interpretar a natureza verdadeira do homem só pelo interior espiritual, é completamente incoerente.

Interessa-me chegar à conclusão de que não se deve contrabandear Deus em qualquer canto último e secreto, mas que se deve reconhecer simplesmente a emancipação do mundo e do homem; que não se considere o homem como "bichado" por sua mentalidade secularizada, mas que se confronte o homem na sua virtude mais forte com Deus; que se desista de tôdas as artimanhas clericais e não queira ver na psicoterapia ou filosofia existencial um precursor de Deus. Para a Palavra de Deus a insistência de todos êsses homens é tão pouco aristocrática que dificilmente há de se unir a êles. Jamais Deus se

aliará à revolta dos que alimentam suspeita, da revolta de baixo. Êle apenas governa.

Agora estaria na hora de discutir concretamente a interpretação profana das noções bíblicas, mas está quente demais.

Se tu, por iniciativa tôda tua ...quiseres remeter extratos de minhas cartas, poderás fazê-lo. Eu, por minha conta, já não o faria, porque ouso falar assim em rascunho só para ti, pois disto espero esclarecimento. Mas, como quiseres.

Em breve teremos de pensar novamente em nossa viagem que fizemos no verão de 1940, minhas últimas pregações.*

9.7. Agora fim. Espero que nos encontremos em breve.

16.7.44

Ontem ouvi dizer que novamente mudaste. Espero saber em breve como te alojaste esta vez. A atmosfera histórica, em todo caso, é encantadora. (Canossa) Há 10 anos atrás dificilmente teríamos compreendido que os símbolos do cajado e do anel episcopal, que tanto imperador como papa reclamavam, poderia conduzir a conflitos políticos mundiais. Não foram realmente adiáfores? Que não o foram, tivemos de aprender com experiência própria. Se a ida de Henrique IV a Canossa pode ser entendida como sincera ou meramente diplomática, não importa, pois a figura de Henrique naquele janeiro de 1077 está perante os povos europeus inolvidável e impagável. É muito mais eficaz do que a Concordata de Worms de 1122, que resolveu o assunto no mesmo sentido, mas formalmente. Nós aprendemos a considerar todos êstes grandes conflitos como desgraça européia. Na verdade repousa nêles a origem da liberdade espiritual da qual resultou a grandeza da Europa.

Sôbre mim mesmo não tenho muito a contar. Há poucos dias escutei no rádio, como já em outras ocasiões, trechos da ópera de Carl Orff (*Carmina burana* e outros), que me agradaram mesmo na sua clareza arejada e alegre. O mesmo

* Trata-se da Prússia Oriental, onde naquela ocasião se achava o quartel-general de Hitler, com referência ao dia 20 de julho de 1944 — N. do T.

arranjou Monteverdi para orquestra. Já atentaste para isto? Também ouvi um concêrto grosso de Haendel e fiquei novamente surprêso de como êle, numa partitura tão lenta (parecida com o Largo), sabe consolar tão ampla e diretamente, como nós jamais o ousaríamos fazer. Creio que Haendel se adapta muito mais em sua música ao ouvinte e ao efeito da música do que Bach. Por isso talvez dá às vêzes a impressão de mera fachada. Haendel quer conseguir alguma coisa com sua música, Bach não. Estará certo?

Leio com grande interêsse *A Casa dos Mortos* (Dostoievski) e sinto-me impressionado com a compaixão totalmente despida de moral, com a qual os homens de fora da casa dos mortos tratam os inquilinos da mesma. Seria esta amoralidade, que é resultado da religiosidade, uma característica dêsse povo? Poderíamos entender melhor com isso nossa situação atual? No mais, escrevo poesia e prosa quanto minhas fôrças permitem. Já devo ter-te contado que últimamente consigo, assim como em tempos passados, trabalhar com facilidade.* Isto para mim é muito importante, como é natural. Mas com isso, contei tudo que tenho a relatar no momento sôbre minha vida... Sinto-me muito satisfeito com o estado de K.** Por muito tempo o achei tão deprimido. Espero, entretanto, que tudo que o deixa assim desanimado em breve se resolva. Faço votos para êle e tôda a família...

Se tu tiveres ocasião de pregar nesses próximos dias, eu te faria as seguintes sugestões: Salmo 62:2; 119:94a; 42:6; Jer. 31:3; Is. 41:10; 43:1; S. Mt. 28:20b recomendando que te restrinjas a algumas idéias essenciais e simples. Tem de se viver algum tempo numa comunidade, para compreender como Cristo nela ganha forma. (Gal. 4:19) e isto vale para uma comunidade como tu a terias, em especial...

Agora mais umas idéias sôbre nosso tema. Aproximo-me aos poucos em meus estudos da interpretação não-religiosa dos conceitos bíblicos. Por enquanto, vejo mais a tarefa para a qual me sinto capaz de apresentar alguma solução.

No que diz respeito ao lado histórico: trata-se de uma grande evolução que conduz à autonomia do mundo. Na teologia o primeiro que afirmou a suficiência da razão para a ex-

* Escutar emissoras estrangeiras — N. do T.
** Desenvolvimento da resistência — N. do T.

periência religiosa foi Herbert von Cherburg. Na moral: Montaigne, Bodin podem ser nomeados que, em lugar dos mandamentos, elaboraram regras e normas de vida. Na política: Machiavelli separa a política da moral geral e estabelece a doutrina da *raison* do Estado. Mais tarde (mesmo que no conteúdo bem diverso, mas na direção para autonomia da sociedade humana) em plena conformidade, H. Grotius, apresenta seu direito natural como direito dos povos, o qual terá validade *etsi deus non daretur* "mesmo que não houvesse Deus". Finalmente o traço filosófico que tudo encerra: de um lado, o deísmo de Descartes: o mundo equivale a um mecanismo, que funciona sem qualquer intervenção de Deus; por outro lado, o panteísmo de Spinoza: Deus é a natureza. Kant deve ser contado entre os deístas, Fichte e Hegel são panteístas. Em todos êles o objetivo de suas idéias é a autonomia do homem.

(Nas ciências naturais o mesmo começa evidentemente com Nicolau von Cues e Giordano Bruno, que formulam a doutrina "herética" da infinidade do mundo. O antigo cosmos tal qual o mundo criado pelas idéias da Idade Média é finito. Um mundo infinito — qualquer que seja a idéia a respeito dêle — pousa sôbre si mesmo *etsi deus non daretur*. É verdade que já a moderna física duvida da infinidade do mundo, sem que recaia nas idéias anteriores da transitoriedade.)

Deus como hipótese moral, política e científica de trabalho é abolido e superado; da mesma forma, como hipótese filosófica e religiosa de trabalho (Feurbach). A honestidade intelectual exige que se abandone esta hipótese de trabalho, neutralizando-a o quanto possível. Um cientista ou médico edificante é um híbrido.

Onde então se reserva lugar para Deus? Assim perguntam mentalidades medrosas e, porque não sabem nenhuma resposta, condenam todo o desenvolvimento, que os lançou nessa situação angustiosa. Acêrca das muitas saídas de emergência do espaço que se tornou apertado, já te escrevi. Teria de acrescentar apenas o salto mortal de volta para a Idade Média. O princípio da Idade Média, todavia, é a heteronomia na forma do clericalismo. Tal retôrno, porém, só pode ser um passo desesperador, que apenas se comprará com o sacrifício da honestidade intelectual. É um sonho segundo a

melodia: "Oh, se soubesse o caminho de volta para o "país infantil". Êste caminho não existe — ao menos não pela desistência arbitrária de honestidade interior, mas só no sentido de S. Mat. 18:3, isto é, por arrependimento, o que significa, pela última honestidade.

E nós não podemos ser honestos sem que reconheçamos que devemos saber viver no mundo — *etsi deus non daretur*. E, reconheceremos exatamente isto — diante de Deus. Deus mesmo nos obriga a esta compreensão. Assim sendo, o tornarmo-nos emancipados nos conduz ao verdadeiro reconhecimento de nossa situação diante de Deus. Deus nos faz saber que devemos viver como aquêles que se arranjam na vida sem Deus. O Deus que está conosco é o Deus que nos abandona (S. Marcus 15, 34). O Deus que nos deixa viver no mundo, sem a hipótese do trabalho de Deus, é o Deus diante do qual permanentemente temos de estar. Diante de Deus e com Deus vivemos sem Deus. Deus permite que seja expulso do mundo até a cruz. Deus é impotente e fraco no mundo e exatamente assim Êle está ao nosso lado e nos ajuda. Conforme S. Mt. 8:17 fica bem claro que Cristo não ajuda graças à Sua onipotência, mas graças à Sua fraqueza e ao Seu sofrimento.

Aqui está a decisiva diferença em relação às demais religiões. A religiosidade do homem leva-o em sua necessidade a apelar para o poder de Deus no mundo, Deus é assim o *deus ex machina*. A Bíblia conduz o homem para a impotência de Deus e o seu sofrimento; sòmente o Deus sofredor pode ajudar. Desta maneira, podemos dizer que a referida evolução até a emancipação do mundo, com a qual se acaba uma idéia falsa de Deus, liberta o olhar para o Deus da Bíblia, que pela sua impotência no mundo ganha poder e espaço. Aqui, evidentemente, deve iniciar-se a "interpretação profana".

Quem Sou Eu?

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que saio da minha cela

tão sereno, alegre e firme
qual dono de um castelo.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que da maneira como falo
aos guardas, tão livremente,
como amigo e com clareza
parece que esteja mandando.

Quem sou eu? Também me dizem
que suporto os dias do infortúnio
impassível, sorridente e com orgulho
como um que se acostumou a vencer.

Sou mesmo o que os outros dizem de mim?
Ou apenas sou o que sei de mim mesmo?
Inquieto, saudoso, doente,
como um passarinho na gaiola,
sempre lutando por ar, como se me sufocassem,
faminto de côres, de flôres, às vêzes de pássaros.
Sedento por palavras boas, por proximidade humana,
tremendo de ira a respeito da arbitrariedade e ofensa
[mesquinha,
nervoso na espera de grandes coisas,
em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
cansado e vazio até para orar, para pensar, para produzir,
desanimado e pronto para me despedir de tudo?

Quem sou eu? Êste ou aquêle?
Sou hoje êste e amanhã um outro?
Sou porventura tudo ao mesmo tempo?
Perante os homens um hipócrita?
E um covarde, miserável diante de mim mesmo?
Ou será que aquilo que ainda em mim perdura,
seja como um exército em derradeira fuga,
à vista da vitória já ganha?
Quem sou eu?
À própria pergunta nesta solidão,
de mim parece pretender zombar.
Quem quer que sempre eu seja,
tu me conheces, oh, meu Deus,
Sou Teu.

18.7.44

Será que se perderam muitas cartas com os ataques contra Munique? Recebeste aquela com as poesias? Eu estava trabalhando nelas à noite e ambas continham algo sôbre o nosso assunto teológico. A poesia sôbre "Cristãos e Pagãos" contém uma idéia que de certo deves reconhecer. "Cristãos permanecem com Deus na paixão", é o que distingue cristãos de pagãos. "Não podeis vigiar comigo uma hora ao menos?" é o que Cristo pergunta em Getsemane. Eis a inversão de tudo que o homem religioso espera de Deus. O homem é convocado para sofrer a paixão de Deus no mundo sem Deus.

Portanto, êle tem de viver no mundo sem Deus e não pode fazer a tentativa de encobrir êste estado sem Deus de algum modo religiosamente, querendo até glorificá-lo; êle terá que viver "mundanamente" e participa assim do sofrimento de Deus: êle pode viver "mundanamente", isto é, que está livre de restrições religiosas falsas e de complexos artificiais. Ser cristão não significa ser religioso em uma determinada direção sob a pressão de qualquer metódica tornar-se algo (pecador, penitente ou santo), mas, ao contrário, ser cristão é ser homem. Não apenas um certo tipo de homem, mas o homem que Cristo cria em nós. Não é que o ato religioso produz o homem, mas sim a participação no padecimento de Deus na vida do mundo.

Eis a "metanóia", que é deixar-se arrastar para o caminho de Jesus Cristo e não pensar primeiramente nas próprias necessidades, problemas, pecados e angústias. Ser atraído para o acontecimento messiânico para que se cumpra Isaías 53. Por isso: "Crêde no Evangelho, em S. João a alusão ao "Cordeiro de Deus" que leva o pecado do mundo" (S. João 1:29) (À parte: Jeremias recentemente afirmou que "Cordeiro" poderia ser traduzido do aramaico como "servo". Aliás muito sugestivo em vista a Jer. 53).

Êste comprometer-se com o sofrimento messiânico de Deus em Jesus Cristo dá-se no N.T. de diversas maneiras: pelo chamado dos discípulos para o discipulado, pela comunhão de mesa com os pecadores, pelas "conversões" no sentido mais restrito da palavra (Zaqueau), pela ação (sem confissão de pecado) da grande pecadora (S. Luc. 7), pela cura de doentes (S. Mat. 8:17) pela aceitação das crianças. Os

pastôres, bem como os magos não estão perante o presepe como "pecadores convertidos", mas simplesmente por que êles, assim como êles são, se sentiram atraídos pelo presepe (Stern). O oficial de Cafarnaum, que não faz nenhuma confissão de pecados, é apresentado como modêlo de fé (compare Jairo). Jesus ama o mancebo rico. O camareiro (Atos 8), Cornélio (Atos 10) são tudo menos existências marginais. Natanael é um "israelita sem dolo" (S. João 1:47; afinal, José de Arimatéia, as mulheres junto à sepultura. A única coisa que todos êles têm em comum é que participam do sofrimento de Deus em Cristo. Esta é a sua "fé". Nada de mera metódica religiosa, pois, o ato "religioso" é sempre algo parcial, enquanto a "fé" é algo integral, um ato vital. Não é que Jesus tenha chamado para uma nova religião, mas êle nos convoca para a vida. Com que então se parece esta vida? Esta vida de participação na impotência de Deus no mundo? Sôbre isto hei de escrever na próxima vez, se Deus permitir.

Hoje apenas mais isto: Se quisermos falar sôbre Deus de modo "não-religioso", então devemos falar sôbre êle de modo tal, que a impiedade do mundo não seja encoberta, mas justamente descoberta e que assim caia uma luz surpreendente sôbre a realidade do mundo. O mundo emancipado vive muito mais sem Deus e por isso talvez, muito mais perto de Deus do que o mundo dependente.

Perdoa-me, pois tudo está assim grosseiro e mal explicado, eu mesmo sinto isso... Levantamos aqui quase tôdas as noites à uma e meia. Não é boa hora e tal coisa prejudica bastante o trabalho intelectual.

Cristãos e Pagãos

Homens na sua angústia se chegam a Deus,
imploram auxílio, felicidade e pão;
que salve de doença, de culpa e de morte os seus.
Assim fazem todos, todos: Cristão e Pagão.

Homens se aproximam de Deus, quando Êle em dor,
acham-nO pobre, insultado, sem agasalho, sem pão.
Vêem-nO por nosso pecado vencido e morto, o Senhor;
cristãos permanecem com Deus na Paixão.

Deus está com todos na sua angústia e dor.
Êle dará de corpo e alma o eterno pão.
Morre por cristãos e pagãos como Salvador,
e a ambos perdoa em sua paixão.

21.7.44

(Após a notícia do malôgro do 20 de julho)

Hoje quero mandar-te apenas uma saudação breve. Penso que deves estar freqüentemente em pensamento conosco, e que sempre te alegras com qualquer sinal de vida, mesmo que não se faça qualquer discussão teológica. É verdade que as idéias teológicas não me deixam em paz, mas também surgem horas, nas quais nos satisfazemos com os acontecimentos irrefletidos da vida e da fé. Então, nos satisfazem simplesmente as senhas do dia, como eu, por exemplo, tive minha alegria na de ontem e na de hoje (20.7 — Salmo 20:8, Romanos 8:31-21.7 — Salmo 23:1, S. João 10:24) e voltamos para os lindos hinos de Paul Gerhardt cuja posse muito nos anima.

Aprendi nos últimos anos a reconhecer e compreender mais e mais a profunda aquendidade do cristianismo. O cristão não é um *homo religiosus,* mas simplesmente um homem, como Jesus foi homem, exatamente em contraste com João Batista. Não se trata, evidentemente, do estar voltado banalmente para o que é do mundo presente, como os esclarecidos, os sempre ocupados, os comodistas ou os lascivos, mas desta profunda aquendidade que se inspira na disciplina e no reconhecimento da morte bem como da ressurreição. Creio que Lutero viveu nesta aquendidade.

Lembro-me bem de uma conversa que tive há 13 anos em A. com um jovem pastor. Simplesmente, nos pusemos a perguntar um ao outro sôbre o que afinal desejávamos da vida. Então êle disse: eu gostaria de tornar-me um santo

(eu acredito que êle o conseguiu). Aquilo me impressionou profundamente. Mesmo assim eu me opus e disse mais ou menos o que se segue: gostaria de aprender a acreditar. Por muito tempo não compreendi a profundidade dêste contraste. Pensei que pudesse aprender a crer, vivendo eu mesmo algo como uma vida santa. No fim desta jornada, evidentemente escrevi *Discipulado*. Hoje vejo os perigos dêste livro, ao qual, entretanto, ainda hoje pertence tôda a minha lealdade.

Mais tarde compreendi e experimento ainda até a presente hora, que só na plena aquendidade da vida aprendemos a crer. Quando desistimos completamente de fazer algo importante de si mesmo — quer que seja um santo ou mesmo um pecador convertido ou um eclesiástico (uma figura supostamente sacerdotal), um justo ou injusto, doente ou são — e tudo isso chamo aquendidade, isto é viver na plenitude das tarefas, dos problemas, dos sucessos e fracassos, das experiências e perplexidades, assim nos lançamos inteiramente nos braços de Deus, e não mais levamos tão a sério os nossos padecimentos, mas levamos a sério o sofrimento de Deus no mundo, e então vigiamos com Cristo em Getsemane, e penso que isto é fé, isto é "metanóia". Assim nos tornamos homens, cristãos (Compare Jer. 45). Jamais nos tornaremos arrogantes com os sucessos, nem desalentados com os fracassos, se sofremos com Deus seus sofrimentos na vida presente.

Creio que entendes o que quero dizer, mesmo que o diga assim em poucas palavras. Sou muito grato por ter podido descobrir isso e sei que só o pude mesmo reconhecer no caminho que tive de andar. Por isso lembro-me com gratidão e em paz do que passou e do que é presentemente. Talvez tu fiques um tanto surpreendido com uma carta tão pessoal. Mas, já que tenho algo a dizer, a quem o diria? ...Deus nos guie com sua benignidade por esta época, e particularmente Deus nos guie até sua presença.

Fiquei muito satisfeito com tua saudação e me sinto feliz por não sofreres tanto calor. Daqui, ainda hão de ir muitas cartas para ti. Não fizemos mais ou menos o mesmo trajeto em 1936?

Passa bem, fica com saúde e não percas a esperança que em breve nos havemos de reencontrar.

Estações no Caminho Para a Liberdade

Disciplina

Se partes em busca da liberdade, aprende primeiro /
a ter disciplina para os sentidos e para a alma /
a fim de não seres levado por tuas cobiças, sem rumo, /
de um lado a outro. Procura ter mente e corpo bem castos, /
sob teu contrôle e domínio, e sempre obedientes /
a fim de seguirem para onde se encontra a meta. /
Ninguém chegará ao segrêdo da liberdade, a não ser que /
com perseverança se exercite na sã disciplina.

Ação

Evita de te prender a fazer coisa qualquer, a não ser o [direito, /
faze-o com coragem; não pares no simplesmente possível, /
agarra sòmente o que é real, e nunca te percas na fuga /
de meras idéias, porque na ação, sòmente, se acha a liber- [dade. /
Abandona o vacilar medroso e enfrenta a tempestade /
do que acontece lá fora, apoiado por Deus e seu mandamento /
no qual sua fé se inspira e, eis, que com júbilo indescritível /
o teu espírito alcançará liberdade.

Sofrimento

Maravilhosa transformação. As mãos tão fortes, ativas /
tu as tens amarradas. Impotente, na solidão estás vendo /
o fim de tôda a tua ação. Mas ainda respiras e pões o direito /
bem calmo e com fé em mãos mais potentes, bem satisfeito. /
Apenas um instante tocaste, feliz, na liberdade, /
logo a entregaste a Deus, para que Êle /
esplêndidamente a aperfeiçoasse.

MORTE

Agora vem, sublime festival no caminho para a liberdade
[eterna. /
Morte, descansa as algemas pesadas e as altas muralhas /
de nosso corpo mortal, de nossa alma tão iludida /
a fim de podermos ver afinal o que antes não permitiram. /
Procuramos-te, liberdade, na disciplina, na ação e na dor; /
morrendo, agora, reconhecemos no semblante de Deus a ti
[mesma.

Querido Eberhard. Escrevi estas linhas, à noite, em poucas horas. Não foram revisadas ainda e são meio tôscas; mesmo assim, talvez te proporcionem certa alegria e possam ser consideradas meu presente de aniversário. Afetuosamente, teu D.

Vi hoje cedo que devo modificar totalmente a composição dêstes versos. Ainda assim, devem ir agora sem modificações. Afinal não sou poeta.

25.7.44

É com imensa satisfação que agora te escrevo quantas vêzes me fôr possível, porque penso que também tu te alegras quando ficas sabendo da minha vida. Não há nada de especial a relatar sôbre mim pessoalmente... Nas últimas noites, foi novamente a vez de nossa região. Ao assobiar das bombas sempre penso na insignificância do que passo em comparação com o que devem ser tuas experiências lá fora. Fico às vêzes até com raiva com o comportamento de certas pessoas em tais situações e como não se lembram de outros que passam por coisas bem piores. Aqui, afinal, são só alguns minutos de perigo...

Li todo o livro de Dostoievski, *"As Memórias da Casa dos Mortos"*. É dita muita coisa sensata e boa nesta obra. Ainda me acompanha a afirmação — que para o autor certamente não é apenas uma frase —, que nenhum homem pode viver sem esperança e que aquêles que realmente perderam a esperança tornam-se selvagens e maus. Fica aberta a questão se aqui esperança deve ser entendida como ilusão. Certamente, não poderemos subestimar tão pouco a importância da ilusão para com a vida; para cristãos, entretanto, não se pode tratar senão de uma esperança bem fundamentada. Se na vida dos homens já a ilusão exerce um tão grande poder que mantém em funcionamento esta vida, quão grande será então o poder que fôr baseado sôbre uma esperança sòlidamente construída para a vida e quão invencível será tal vida. "Cristo, nossa esperança" — esta fórmula de Paulo é a fonte de energia para nossa vida. Neste instante me buscam para o passeio diário. Mesmo assim, encerro esta carta a fim de que seja despachada ainda hoje. Passa bem. Diàriamente lembro-me com gratidão e com fidelidade de ti.

27.7.44

...Deve significar-te um grande alívio e desabafo teres muito que fazer; pelo menos para mim, seria.

Tua formulação de nosso tema teológico é clara e concisa. A questão, se pode haver uma religiosidade "natural" é ao mesmo tempo uma questão em tôrno do "cristianismo inconsciente", a qual muito me preocupa. Os dogmáticos luteranos distinguem entre *fides directa* e *fides reflexa*. Êles relacionam isto com a assim chamada fé das crianças por ocasião do batismo. Eu me pergunto se aqui não entramos num problema de conseqüências de grande amplitude. A êsse respeito, em breve escreverei mais.

28.7.44

...Tu achas que na Bíblia não se fala muito em saúde, felicidade, fôrça etc. Refleti longamente sôbre isso. Em todo

caso, com respeito ao V.T., isso não procede. O têrmo teológico intermediário no V.T. entre Deus e felicidade, etc. do homem, é, o quanto eu entendo, o da bênção. De certo modo, não interessa no V.T. como por exemplo aos patriarcas a felicidade, mas o que importa é a bênção de Deus, que inclui todos os bens terrenos. Esta bênção equivale ao emprêgo total da vida terrena para Deus e êle contém tôdas as promessas. Corresponderia novamente a idéia demasiadamente espiritualizada no N.T. tão em voga, querer entender a bênção do antigo Testamento como superada no N.T. Será acaso com referência ao abuso da Santa Ceia ("o cálice abençoado". I Cor. 10:16/ I Cor. 11:30) que se fala em doença e morte, que Jesus curara os homens, que os discípulos na companhia de Jesus "jamais terão falta de coisa alguma"? Deveríamos pôr a bênção do V.T. contra a Cruz? Assim fêz Kierkegaard. Com isso, transforma-se a Cruz em um princípio, o sofrimento, e o resultado será um Metodismo doentio, que rouba ao sofrimento o caráter do destino da parte de Deus. Aliás, mesmo no V.T. o que recebe a bênção tem de passar por muitos padecimentos (Abraão, Isaac, Jacó, José), mas em parte alguma isto leva (tampouco como no N.T.) a pôr em oposição felicidade e sofrimento, respectivamente bênção e cruz. A diferença entre V.T. e N.T. nesse sentido só existe no fato de que no V.T. a bênção pode incluir a cruz e no N.T. a cruz inclui a bênção. — E mais uma coisa: não apenas a ação, também o sofrimento constitui um caminho para a liberdade. A libertação no sofrimento consiste em poder entregar a sua causa totalmente nas mãos de Deus. Neste sentido, é a morte a coroação da liberdade humana. O problema, se a ação humana é questão de fé ou não, decide-se no fato de o homem interpretar seu sofrimento como continuação da ação qual último cumprimento da liberdade ou não. Isto acho muito importante e muito confortador.

Eu vou bem. Da família nada de nôvo tenho a relàtar. Hans está de cama com sua paralisia causada por difteria. Mas, parece haver boa esperança. Passa bem e conserva, como nós, o bom ânimo. Procura alegrar-te na expectativa de um bom reencontro. *Nôvo Hinário* nº 370, 3-4.

3.8.44

...Vão mudar de nôvo?, qual será o bairro? Gostaria de saber se lêste minhas poesias. A poesia mais comprida (em rimas) "*Vozes Noturnas* em T. (Tegel)" deves ler uma vez mais tarde. Anexo a esta carta o projeto para um trabalho. Não sei se conseguirás entender alguma coisa; mas, penso que colherás alguma idéia. Espero manter calma e fôrça para concluir êste trabalho. A Igreja deve sair de sua estagnação. Temos de sair novamente para o ar livre do debate e da discussão com o mundo, nos assuntos intelectuais e espirituais. Havemos de arriscar mesmo de dizer coisas contestáveis, se com isso problemas decisivos da vida puderem ser levantados. Apesar de teólogo "moderno", ainda trago dentro de mim a herança da teologia liberal e com ela me sinto comprometido a pôr em discussão êsses problemas. Já não há mais muitos entre os mais jovens capazes de combinar ambas as escolas. Muito precisaria de tua ajuda. Se, entretanto, não permitirem esta conversa esclarecedora, a oração não nos impedirão, e é sob oração que tal trabalho terá de ser iniciado e executado.

Li a respeito do "calor tropical" na Itália. Será tão insuportável?... Na família nada de nôvo. Sinto-me tão satisfeito quando posso escrever assim. Passa bem.

Esbôço de um Trabalho

Gostaria de escrever um trabalho — não mais de 100 páginas, com três capítulos.

1. Inventário do Cristianismo.
2. Que é afinal fé cristã?
3. Conclusões.

No 1º capítulo expor-se-ia:

a) O processo de emancipação do homem (como já esboçado); a proteção da vida humana contra o "acaso", "gol-

pes do destino"; se não fôr possível a eliminação do perigo, ao menos conseguir sua neutralização. O caso "das emprêsas de seguro" (que na verdade vivem dos acasos, mas pretendem tornar o perigo menos doloroso) como fenômeno ocidental; objetivo será, ficarmos independentes da natureza; anteriormente a natureza era superada pela alma, em nossa civilização isto é tentado pela organização técnica de tôda a espécie. O que nos é oferecido de imediato, não é mais a natureza, mas sim a organização. Com esta proteção contra a ameaça da natureza surge, porém, uma nova ameaça para a vida, a própria organizção.

Agora falta a fôrça espiritual. O problema é: o que nos há de proteger contra a ameaça da organização? O homem volta a ser entregue a si mesmo. Com tudo, êle soube lidar, mas a si mesmo êle não conseguiu dominar. Contra tôdas as coisas êle sabe pôr-se em segurança, apenas não está seguro contra o homem. Em última análise, o que importa é o homem.

b) A falta de religiosidade do homem emancipado. "Deus" como mera hipótese de trabalho, como suplente para solucionar nossos embaraços, ficou sobrando (como já foi dito).

c) A Igreja Evangélica: O Pietismo como última tentativa para preservar o cristianismo como religião; a ortodoxia luterana, a tentativa de salvar a Igreja como instituto de redenção; A Igreja Confessante: Teologia da Revelação, uma fuga diante do mundo; ao seu redor um interêsse "objetivo" no cristianismo; Arte, Ciência na busca de sua origem. Generalizado na Igreja Confessante: intervir em "favor" da Igreja, etc., mas mui pouca fé em Cristo. "Jesus" se some de vista. Sociològicamente: Nenhum efeito sôbre o proletariado; causa dos pequenos e grandes burgueses. Sobrecarga com idéias difíceis e tradicionais. Decisivo: A Igreja na autodefesa. Nenhum risco em favor de outros.

d) A moral do povo. Manifesta na moral sexual.

2º Capítulo:

a) Secularização e Deus.

b) Quem é Deus? Não primeiramente uma fé geral em Deus e na onipotência de Deus, etc. Isto não é autêntica experiência de vida, mas um pedaço de mundo prolongado. Encontro com Jesus Cristo. Experiência que aqui nos é dado um

retôrno de todo o ser humano, no ponto, que Jesus "só existe para outros". Êste "EXISTIR PARA OUTROS" de Jesus é experiência transcendental. Da liberdade de si mesmo, do "existir para outros" até a morte resulta a onipotência, a onisciência e a onipresença. Fé é a participação desta natureza com Deus (Encarnação, Cruz, Ressurreição). Nossa relação com Deus não é uma relação "religiosa" com um ente poderoso e elevado acima de nossa imaginação — isto não seria verdadeira transcendência, — mas nossa relação com Deus é uma nova vida no "Existir-para-outros", na participação da natureza de Jesus. Não as tarefas ilimitadas, inalcançáveis, mas o próximo que encontramos em alguma ocasião como acessível é o transcendente. Deus em figura de homem, não como nas religiões orientais, em figuras animais como o monstruoso, caótico, distante, horroroso; mas tampouco nas figuras conceituais do absoluto, metafísico e infinito, etc.; nem a figura grega do deus-homem, do "homem em si", mas o homem para outros, por isso o crucificado. O homem que vive do transcendente.

c) Interpretação dos conceitos bíblicos, partindo do anterior. (Criação, queda, Reconciliação, Arrependimento, fé, vida nova, coisas últimas).

d) Culto (a respeito disso mais detalhadamente em outra ocasião, especialmente sôbre culto e "religião").

e) Que cremos realmente?, isto, de tal maneira que com nossa vida a isso nos apegamos? O problema do Apostólico? Que devo crer?, perguntas erradas, questões já superadas de controvérsia, especialmente interconfessionais; os antagonismos entre luteranos e reformados — (em parte também com os católicos) não são mais autênticos. É claro que podem ser repisados a qualquer momento com grandes *pathos*, mas já não mais convencem. Não há prova para tanto, mas temos de ter a coragem de partir desta persuasão. Podemos, sim, provar que a fé cristã-bíblica não vive nem depende dêstes antagonismos. Barth e a Igreja Confessante nos convidam a procurar abrigo atrás da assim considerada "Fé da Igreja", e não indagam honestamente a respeito do que na realidade se acredita. Por isso, já não sopra nem na Igreja Confessante nem ao ar livre. A informação de que depende, não de mim, mas da Igreja, pode ser uma desculpa clerical e não será levada em conta lá fora. Assim também acontece com a censu-

ra dialética para o fato de que não disponho da minha fé e que, por essa razão, não posso simplesmente explicar o que creio. Todos êstes pensamentos, mesmo que justificados em seu devido lugar, não nos desobrigam da honestidade conosco mesmos. Não podemos fazer como os católicos que simplesmente se identificam com a Igreja. (Aliás, está nisso a razão da opinião do povo sôbre a insinceridade dos católicos.) Afinal, que cremos realmente? Resposta sob b), c), d).

3º Capítulo:

Conclusões:

A Igreja só é Igreja quando existe para outros. Para fazer um início, deve entregar todo o seu patrimônio aos necessitados. Os ministros devem viver exclusivamente dos donativos voluntários da comunidade, talvez tenham que exercer qualquer profissão profana. A Igreja deve participar das tarefas profanas da vida na coletividade humana, não como quem governa, mas como quem ajuda e serve. Ela deve dizer aos homens de tôdas as profissões o que representa uma vida em Cristo, o que significa existir para outros. A Igreja, particularmente, terá que opor-se aos vícios da *hibris*, da idolatria, da fôrça, da inveja e do ilusionismo como raízes de todos os males. Ela terá que falar de sobriedade, autenticidade, confiança, fidelidade, persistência, paciência, disciplina, humildade, moderação e modéstia. Não poderá subestimar a importância do "modêlo" humano (que tem sua origem na humanidade de Jesus e que para Paulo é tão importante), mas não pelos conceitos, mas pelo "modêlo" a palavra ganha ênfase e fôrça. (A respeito do "modêlo" no N.T. hei de escrever ainda especialmente. A idéia desapareceu quase por completo). Mais ainda: Revisão da questão do "Credo" (Apostólico); revisão da teologia controvertida; revisão da preparação ao ministério sagrado e sua execução.

Tudo isto ainda está muito tôsco e sumário. Porém, tenho interêsse em tentar ainda uma vez te dizer certas coisas com simplicidade e clareza, já que normalmente as evitamos. Se vou conseguir, é outra coísa, principalmente porque me falta totalmente a ajuda de uma conversa a respeito. Espero poder prestar assim à Igreja um serviço para o futuro.

10.8.44

...Compreendo perfeitamente que as recordações já não te podem "alimentar". A fôrça da recordação, entretanto, sempre resulta da fôrça da gratidão. Justamente em tais dias devemos esforçar-nos para conseguir pela oração cencentração para a gratidão. Acima de tudo, não nos deixemos devorar pelo momentâneo, mas procuremos conservar dentro de nós a tranqüilidade dos grandes pensamentos, e procuremos medir tudo de acôrdo com êles. É o que dificilmente se suporta daí, tão poucos homens saberem reagir assim. Não é a maldade, mas a fraqueza dos homens que rebaixa mais a dignidade humana e a deturpa. Tal coisa, só se suporta com um sentimento de mui profunda compaixão. No mais, Deus continua e está no supremo govêrno.

Estou trabalhando atualmente nos três capítulos, sôbre os quais já te escrevi. De fato, é como dizes: o "reconhecer" é o mais excitante no mundo e, por essa razão, me sinto tão prêso ao trabalho que estou fazendo.

14.8.44

...Quase não há sensação que cause maior felicidade do que poder significar algo para os outros. Então, não importa tanto o número, mas sim a intensidade. Afinal, o que me parece ser o mais importante na vida são as relações humanas; nisso, nem o moderno homem de produção pode mudar coisa alguma, nem tampouco os semideuses ou os tresloucados, os quais nada sabem das relações. O próprio Deus permite ser servido no humano por nós. Tudo mais se aproxima bastante da *hibris*. É certo que um exagerado cultivo das relações humanas e do ser-um-para-o-outro, como nós em determinadas ocasiões sentimos nas cartas da Gabriele Buelow-Humboldt, pode levar a um culto do humano que não corresponde à realidade. Eu quero a isso opor o simples fato de que os homens são mais importantes na nossa vida do que tudo o mais. Tal coisa, não equivale a um desprêzo do mundo das coisas e da realização objetiva. Mas, como poderia o melhor livro, ou quadro, ou casa, ou bem, valer o que significam mi-

SEMINÁRIO CONCORDIA

nha espôsa e meus pais, meu amigo? Assim, só poderá falar aquêle que em sua vida encontrou algum outro homem. Para muitos hoje em dia o homem não é mais do que parte do mundo de coisas. Isto acontece porque lhes falta totalmente a experiência do humano. Nós dois temos motivo para nos sentirmos especialmente gratos, porque nos foi concedido muito desta experiência na vida...

Muitas vêzes observei que, o que importa são as exigências que a pessoa estabelece para si mesma. Muitos se estragam porque se conformam com o médio, porque assim parecem alcançar resultados mais ràpidamente; não há muito embaraço a vencer. Tenho experimentado como um dos fatôres mais fortes em minha educação em nossa família, que nos tenham sido dados tantos escrúpulos e complexos (no que diz respeito à objetividade, clareza, naturalidade, tato, simplicidade) para que os vencêssemos antes de chegarmos a expressões pessoais. Penso que tu também te sentiste assim de início, em nosso meio. Às vêzes, leva muito tempo para que se supere tal obstáculo, e pode acontecer que se pense que teria sido mais fácil e que a gente teria chegado a resultados mais rápidos se tudo tivesse sido feito para que nos desviássemos dêsses empecilhos...

Deus não cumpre todos os nossos desejos, mas Êle cumpre tôdas as suas promessas, isto é, Êle continua sendo Senhor da terra, preserva sua Igreja, aumenta-nos a fé e jamais nos impõe mais do que podemos suportar; Êle nos alegra com sua companhia e com seu auxílio, escuta nossas preces e nos conduz pelo melhor e mais reto caminho até onde está. Enquanto Deus fizer isso Êle cria para Si louvor por nosso intermédio.

21.8.44

Mais uma vez revi as senhas (Núm. 11:23 e II Cor. 1:20) e sôbre elas meditei. Creio que a importância tôda está n'Êle". Tudo que de direito pudermos esperar e solicitar de Deus, acharemos em Jesus Cristo. O Deus de Jesus Cristo, entretanto, nada tem em comum com o que geralmente esperamos que um deus deva ou possa ter. A fim de reco-

nhecermos o que Deus promete e cumpre, teremos de nos aprofundar mais e mais e por muito tempo e com bastante calma, no decorrer de nossa vida, tanto no falar e agir, como no sofrer e morrer de Cristo. É certo que sempre poderemos viver na proximidade e na presença de Deus, sendo esta vida de fato para nós uma vida completamente nova. É certo também, que para nós não existe mais nada que seja impossível, já que para Deus tudo é possível. Assim, é certo que nenhuma fôrça terrena nos poderá tocar, sem a permissão de Deus e que, perigo e necessidade nos impelirão cada vez mais para perto de Deus. Realmente, nada podemos reclamar, mas tudo podemos pedir. Ainda é certo, que nossa alegria se acha escondida no sofrimento e nossa vida na morte. Finalmente, é certo que nós em tudo isso estamos sob o signo de uma comunhão que nos sustenta. A tudo isto Deus disse SIM e Amém em Jesus. Êste Sim e Amém constitui o chão firme sôbre o qual pisamos. Sempre nos acontece que em meio ao tumulto desta época perdemos de vista o porquê do ainda valer a pena viver. Achamos que ainda há um sentido para a nossa existência, porque êste ou aquêle também vive. Na verdade, porém, é o seguinte: Se a terra foi considerada digna de trazer o homem Jesus Cristo, se um homem como Jesus existiu, só então haverá um sentido para nós homens existirmos. Caso Jesus não tivesse existido, também nossa vida, apesar de todos os homens que conhecemos, estimamos e amamos, teria perdido seu sentido. Pode ser que atualmente nos fuja o significado e a missão de nossa profissão. Mas não poderíamos expressar isto de uma forma mais simples? O conceito não-bíblico do "sentido" é apenas a tradução daquilo que na Bíblia chamamos "promissão".

Sinto quão ineficazes são estas palavras, já que gostaria de conseguir que elas te reanimassem, fortalecessem e alegrassem em tua solidão. Êste aniversário solitário de maneira alguma deve ser para ti um dia perdido, mas deves ganhar a clareza dos fundamentos sôbre os quais hás de continuar a construir tua vida. Para mim, muitas vêzes tem constituído uma grande ajuda, lembrar-me à noite de todos, cuja intercessão me é segura, desde as crianças até os adultos. Penso que tenho de agradecer muito à intercessão de conhecidos e desconhecidos pela proteção que tenho recebido na minha vida.

E mais outra coisa: seguidamente lemos no N.T.: "sêde forte" (1 Cor. 16:13; Efés. 6:10:II Tim. 2:1:I João 2:14). Não é a fraqueza do homem (ignorância, dependência, esquecimento, covardia, vaidade, corrupção, venalidade) perigo muito maior do que a maldade? Cristo não apenas torna o homem bom mas Êle também o transforma em homem forte. Os pecados da fraqueza constituem os verdadeiros pecados humanos, enquanto os pecados voluntários são diabólicos (evidentemente também "fortes"). Tenho de refletir ainda muito sôbre o assunto. — Passa bem, meus votos de saúde e não percas a esperança...

23.8.44

...Por favor não te preocupes por minha causa; mas não te esqueças de interceder por mim sempre; aliás, sei que tal coisa não acontece. A mão e a orientação divinas me são tão certas, que espero sempre continuar sob êste amparo. Jamais deverás duvidar de que prossigo na minha carreira grato e alegre, conforme Deus me conduzir. Minha vida passada estêve tão repleta da bondade de Deus que, sôbre a culpa se ergue o amor do Crucificado que tudo perdoa. Minha mais ardente gratidão se prende ao fato de ter encontrado tantas pessoas às quais muito devo. Só desejo que não se decepcionem comigo, mas que experimentem comigo na mesma gratidão, quão confortadores são a benignidade e o perdão de Deus. Perdoa-me, se te escrevo isto uma vez. Não permitas que com isto fiques triste e inquieto, mas procura receber estas palavras com alegria. Precisei dizê-lo uma vez, e não sabia quem, senão tu, seria capaz de ouvi-lo com real alegria...

Recebeste a poesia sôbre a *Liberdade* ainda sem acabamento, mas, para mim, de significado muito grande?

Atualmente estou escrevendo um trabalho: *Inventário do Cristianismo*. Infelizmente, sinto quanto aos poucos minha produtividade depende de fumar. Afortunadamente estou sendo bem abastecido e de fontes as mais variadas, de modo que meu trabalho progride. Às vêzes me assusto com minhas afirmações, especialmente na parte crítica que é a primeira. Já pressinto a alegria pela parte em que devo tratar do positivo. Ainda, entretanto, tudo é muito tôsco e não vai bem ao fundo. Bem, de qualquer maneira não se pode imprimi-lo nesta época. Mais tarde terá que passar por um "aparelho de clarificação". Com a letra há certa dificuldade, já que, segundo minha opinião, mal se entende o que escrevo. (É interessante que, ao produzir sinto necessidade de escrever em letras góticas e depois ainda há as emendas.) Vamos ver se consigo passar tudo, mais uma vez, a limpo...

Só me resta agora desejar-te de todo o coração muita tranqüilidade externa e interior. Deus te guarde e a nós todos e nos conceda um breve reencontro. Grata e fielmente e em oração se lembra de ti diàriamente teu D.

O Amigo

Não do fundo do chão carregado
onde se adoram como fortes e santos,
o sangue e a raça e o juramento,
onde a terra ainda, ela mesma,
guarda, protege e vinga
as tradições já consagradas e antigas,
não do fundo do chão carregado da terra,
mas do agrado espontâneo,
do desejo livre do espírito
que não precisa do juramento e nem da lei,
é oferecido ao amigo o ser amigo.

Ao lado do viçoso trigal
que os homens cultivam com dedicação,
ao qual sacrificam o suor de seu labor,
e, quando preciso fôr,
o sangue de seus corpos;
do lado da lavoura donde sai o pão cotidiano,
os homens também permitem

que floresça a escovinha tão linda.
Ninguém a plantou, ninguém a regou,
e indefesa ela cresce na liberdade,
em sorridente confiança,
e não há quem lhe inveje
a existência
sob o vasto céu azul.
Ao lado do indispensável,
do que foi formado de matéria valiosa,
lado a lado com o matrimônio, com o trabalho e com a espada,
também o livre deseja viver
e crescer, ao encontro do sol.
Não só o futuro maduro,
também as flôres são belas.
Quem sabe,
se é a flor que serve ao fruto
ou é o fruto que serve à flor?
Ambos nos são oferecidos.
Todavia, a flor mais preciosa e mais rara
resultante da liberdade do espírito
que brinca e ousa e confia,
em hora feliz,
é o amigo para o amigo.

Primeiramente quais companheiros de brincadeiras
nas jornadas longínquas do espírito,
por reinos distantes
e maravilhosos,
que resplendem sob o véu do sol da aurora
como ouro;
reinos a cujo encontro voam,
ao calor do meio-dia,
as leves nuvens do céu azul;
que em noite agitada,
à luz do lampião,
atraem, como tesouros ocultos em mistério,
aquêles que andam em busca de algo.

e quando, então, o espírito,
com idéias grandiosas, alegres e ousadas

toca no coração e na mente do homem,
de modo que com olhos livres e gesto franco
encare o mundo assim como é;
quando então resulta do espírito a ação,
em que cada um permanece de pé ou cai, entregue a si,
e quando desta ação,
forte e sã,
se desenvolve a obra,
que imprime sentido e conteúdo
à vida do homem,
logo a pessoa que age, realiza e vive só,
sente forte desejo por um espírito amigo e compreensível.
Como uma água límpida e fresca,
na qual o espírito se lava do pó da estrada de um dia,
na qual refresca o corpo no calor escaldante
e renova as energias na hora do grande cansaço,
como uma fortaleza para a qual o espírito volta,
após longas horas de perigo e confusão,
qual refúgio, confôrto e restauração,
é o amigo para o seu amigo.

Sim, o espírito deseja confiar,
confiar sem restrições.
Repugna-lhe a bicharia
que à sombra do bom se alimenta
de inveja e suspeita e de curiosidade;
sentindo nojo do silvar de víboras,
cujas lingüetas envenenadas
investem contra o segrêdo dos pensamentos livres,
do coração sincero,
sim, isto odeiam, temem e injuriam;

E o espírito anseia por poder libertar-se
de todo e qualquer disfarce
a fim de poder revelar-se,
de coração aberto,
ao outro em quem confia,
com quem quer firmar uma livre e leal aliança.
Não há lugar para inveja, mas deseja concordar,
reconhecer,

agradecer,
sim, quer alegrar-se e fortalecer-se
na companhia do outro.

Ao mesmo tempo está pronto a aceitar o regime,
e mesmo a severa censura,
submisso sempre e alegre.
Não que pedisse comandos, nem leis e doutrinas impostas ou estranhas,
mas o conselho sério e bem intencionado,
que nos liberta,
é isto que o homem amadurecido
espera da lealdade de seu amigo.

Perto ou longe,
na felicidade ou na desdita,
um reconhece no outro
o colaborador leal
na conquista da liberdade
e da humanidade também.

Quando as sirenes à meia-noite soaram,
para ti tão logo os pensamentos voaram;
como ias e como foram os dias passados,
e que tua volta desejo e teus dias abençoados.

Após um longo silêncio, já entrando na madrugada,
ouço os apitos que dizem que os perigos haviam passado;
pois isto valeu-me, quais avisos bons e queridos,
de certo, um dia, os perigos todos para ti serão vencidos.

Sinais de Vida da Rua Prinz-Albrecht

28.12.44

Querida Mama:

Agora mesmo e para minha imensa alegria me foi dada permissão para te escrever e mandar meus votos de felicidade por teu aniversário. Não posso demorar muito, porque a carta deve sair logo. Na realidade só tenho um único desejo, poder nesses dias amargos proporcionar-te alguma alegria. Querida Mama, deves saber que cada dia, inúmeras vêzes, me lembro de ti e do papai e que dou graças a Deus, por ainda estardes a postos, para mim e para tôda a família. Bem sei que sempre só viveste para nós e que para ti não houve mesmo uma vida pròpriamente tua. Por essa razão acontece que, tudo que passo, preciso compartilhar contigo... Muito te agradeço todo aquêle amor que no ano passado veio da tua parte para dentro da minha cela, de modo que cada dia assim se tornou mais agradável e menos duro. Creio mesmo que

êstes anos difíceis nos aproximaram muito mais um do outro, como nunca antes. Desejo-te e, ao papai... e afinal a nós todos, que o nôvo ano nos traga, ao menos, de vez em quando, um rasgo de luz e esperança e que, então, ainda uma vez juntos, possamos experimentar uma real alegria. Deus te dê saúde. Saúda-te, querida e mui amada Mama, e lembra-se de ti no teu aniversário de todo o coração

teu agradecido Dietrich.

De Bons Podêres

De bons podêres sinto-me cercado,
Bem protegido e, de fato, consolado;
Assim desejo eu passar os dias
E ter convosco um ano de alegrias.

Ainda o passado nos tortura,
De dias maus nos pesa a amargura;
Senhor, concede às almas espantadas
A salvação, para a qual são preparadas.

Estende-nos o cálice amargo
Da dor, e o bebemos sem embargo,
Porque nos vem das Tuas mãos divinas;
até sofrer com gratidão Tu nos ensinas.

Mas se quiseres dar-nos alegrias
Ainda sob o sol dos curtos dias
Do mundo, lembraremos o passado,
E entregamo-nos ao Teu cuidado.

Deixa que estas velas que chamejam
Um bom sinal de Ti, nas trevas, sejam;

Permite que mais uma vez nos encontremos,
Pois Tua luz brilha à noite, bem sabemos.

E quando se fizer aqui tranqüilidade,
Tôda ao redor, plena sonoridade
Do mundo, invisível, nos envolva,
Então, num hino, o louvor se Te devolva.

De bons podêres vemo-nos cercados,
De pensamentos para o bem voltados.
Deus está presente noite e dia,
Assim é certa hoje sua alegria.

17.1.45

Queridos pais:

Com quão pouco o homem consegue satisfazer-se, aprendi nos dois últimos anos. Quando refletirmos sôbre o quanto hoje em dia muitas pessoas diàriamente perdem, e alguns tudo, na verdade já não teremos mais nenhum direito de posse alguma. Lêem-se aqui as cartas até saber o conteúdo de cor... Eu ficaria muito grato pela remessa de alguns livros. Faltaram também fósforos, panos de lavar e toalhas, na última encomenda. Perdoai-me que fale nisso: no mais, tudo que mandastes era maravilhoso. Muito obrigado. Seria possível receber pasta de dente e grãos de café? Talvez, querido papai, te seja possível encomendares na biblioteca: H. Pestalozzi-Lienhard e *Vigílias Noturnas;* de P. Natorp — *Pedagogia Social;* de Plutarco — *Biografias de Grandes Homens?*... Vou bem. Faço votos de que tenhais saúde. Meus sinceros agradecimentos por tudo. De coração vos saúdo, vosso grato Dietrich.

Jonas

GRITAVAM DIANTE da morte e seus corpos se agarravam
nas cordas já molhadas que o vento chicoteava;
e seu olhar apavorado o mar acompanhava
como as ondas em desenfreada fúria levantavam.

"Ó vós, eternos deuses, aquêle que ofendido
dê um sinal e nos ajude a descobrirmos
quem é o pecador a fim de o punirmos,
o assassino, traidor ou o bandido.

Seu crime êle esconde, para a desgraça
de todos nós. Que tolo orgulho sob o qual perece".
Assim oraram. Então Jonas de pronto se oferece:
"Eu contra Deus pequei. Que minha vida se desfaça.

Lançai-me fora, a culpa é minha, Deus está zangado.
Não é lugar do pecador entre os piedosos."
Tremeram, mas logo todos já ansiosos
o expulsaram. E eis o mar tranqüilizado.

Escrito em setembro de 1944
na prisão militar de Tegel.

Apêndice

4.2.1944

NESTA MANHÃ de meu aniversário não há nada mais natural para mim do que te escrever uma carta, a fim de te lembrar que oito vêzes sem interrupção comemoramos juntos esta data. Deixo meu trabalho por algumas horas, o que é capaz de lhe fazer muito bem, e assim espero pela visita de M. ou dos pais, ainda que não tenha bem certeza de que vá ser hoje. Há 8 anos atrás estávamos sentados juntos com a lareira acesa. Tu me havias dado de presente o Concêrto para violino em ré maior e nós o escutávamos ali reunidos. Depois tive de te contar alguma coisa sôbre Harnack e os tempos passados, e me lembro de que, por alguma razão, gostaste muito mesmo, e afinal decidimos fazer a viagem à Suécia. Um ano depois me deste de presente a Bíblia de Setembro com uma dedicação muito sugestiva e teu nome aparecia logo como

SEMINÁRIO CONCÓRDIA

primeiro. Nos anos seguintes nos encontramos em Schloenwitz e Sigurdshof e muitos que festejaram então conosco já não o podem fazer agora. Eis quantas inesquecíveis recordações como o canto diante da porta, a oração durante as devoções, que estêve a teu cargo naquele dia, o hino de Claudius que devo a G. São tôdas recordações que o abominável ambiente daqui não pode destruir. Com tôda a íntima confiança penso que o teu próximo aniversário será festejado novamente por nós reunidos como dantes — quem sabe? — talvez até a Páscoa.

Então retornaremos novamente para a nossa verdadeira tarefa de vida e haverá muito e belo trabalho a ser feito. Tudo que até então tivermos experimentado não terá sido em vão. Que possamos viver o presente da maneira como o fazemos, é o que nos há de encher sempre de gratidão um para com o outro. Sei que hoje te lembras de mim, e, se nestes pensamentos não apenas o passado mas também a esperança num futuro — mesmo que mudado, mas sempre comum a nós dois, tiver o seu lugar — dou-me por muito satisfeito. Não há de demorar muito ainda para que recebas alguma boa notícia da parte de R. Creio que não deva ser muito fácil passar um dia de tanta alegria entre estranhos, os quais não poderão auxiliar a viver o dia em tôda a sua plenitude. Os que não sabem combinar tais experiências de alegria com sua vida diária, porque sua satisfação se resume na cachaça. Gostaria que pudesses achar uma pessoa com a qual te una a afinidade de sentimentos e interêsses — o único que tive aqui, conforme já te escrevi, pereceu no alarma — mas acho que para nós, que com respeito à amizade ficamos mais exigentes do que a maioria, será sempre bem mais difícil encontrar o que procuramos e necessitamos. Também neste ponto não há solução simples com a mera substituição de um por outro.

...No meio da carta fui chamado para baixo, onde M., como primeira, me recebeu com a jubilosa nova: R. deu à luz um pequeno menino cujo nome será Dietrich. Tudo correu bem, em uma hora e meia êle nasceu e mamãe fêz o papel da parteira junto com C. Que surprêsa e que felicidade. Sinto-me tão satisfeito que mal posso expressar-me. Quanto mais feliz não deves tu te sentir. E que tudo tenha sido tão rápido e tão certo. Agora tu tens um filho e todos os pensamentos convergem cheios de esperanças para o futuro. Que inclinações não estarão adormecidas no menino... E será que êle deve ter mesmo o nome Dietrich? Nem sei o que devo dizer agora. Em todo caso, creio que posso prometer ser um bom padrinho para êle, ao mesmo tempo um tio-avô".. Teria de fingir se quisesse dizer que não fiquei alegre e até orgulhoso quando soube que destes ao vosso primogênito o meu nome. O fato de êle ter-se antecipado ao meu aniversário por um dia, certamente significa que êle pretende manter sua independência, e sempre andará uns passos à minha frente. Eu acho a proximidade dêstes dias especialmente encantadora. Se mais tarde souber onde seu padrinho estava quando recebeu o nome talvez isso exerça alguma impressão sôbre êle. Agradeço-vos, de todo o coração, por terdes decidido assim, e acredito que os outros também ficarão satisfeitos.

5.2. Ontem, como tantas pessoas tiveram tanto carinho comigo, quase cheguei a esquecer o meu aniversário e festejei então o aniversário do pequeno Dietrich. Mesmo aquêle comovente pequeno ramalhete de flôres que meus companheiros de casa para mim colheram pus em pensamento junto à cama de vosso menino. Realmente, maior alegria o dia não me poderia ter propiciado. Sòmente ao dormir, tornou-se-me claro que tu, em nossa família, causaste um empurrão à geração, pois bisavós, avós, tios-avós e tias, desde o dia 3 de fevereiro, ficaram para trás. Acho que é uma intervenção muito forte da tua parte. A mim me transportaste para a terceira geração...

R. enviou-me ainda ontem para o meu aniversário saborosos "S" de fabricação própria. M. trouxe um fabuloso pacote, os pais me presentearam com o livro *Para minha Amada* com o qual Goethe, certa vez, presenteou Mina Herlieb. Do Klaus recebi a obra de Dilthey: *De Poesia e Música Alemãs*, e sôbre isso te conto mais tarde. Mamãe e C. serão as madrinhas? Agora, infelizmente, devo terminar esta carta que tem de ser despachada ainda hoje. Cabeça e coração estão tão repletos de bons e alegres pensamentos que nem posso pôr tudo no papel. Tu bem sabes o quanto me lembro de ti e o quanto procuro participar de tuas alegrias. Por isso continuamente converso contigo. — Agora gostaria de poder imitar-te em breve. — Adeus, conserva a saúde e que Deus vos guarde e abençoe a ambos e ao pequeno.

Passado

(Depois de uma licença para receber a visita da noiva.)

E já partiste novamente, felicidade amada e tão querida dor.
Como te chamarei? Necessidade, vida, bem-aventurança,
Parte de mim mesmo, meu coração, — passado?
Fechou-se a porta,
ouço ainda os teus passos como aos poucos se afastam e se perdem.
E que me resta? Alegria, o tormento, um desejo ardente?
Apenas uma coisa sei: Partiste, e tudo assim virou passado.
Sentes como eu agora toco em ti
e como te agarro,
de modo que te deve machucar?
Como te causo ferimentos fundos
dos quais o sangue escorre,
só para que eu tenha a certeza de te sentir bem perto,
tu que me significas vida em corpo, terrenal e vida plena?
Suspeitas por acaso quanto me tortura um íntimo desejo por uma dor que me faça sofrer?
que eu cobiço ver meu próprio sangue, para
que assim nem tudo caia no abismo do esquecimento
do passado?

Vida, que tu fizeste contra mim?
Por que vieste? E por que já acabaste?
Passado, se tu foges,
não é que permaneces qual passado meu, sim, meu?
Assim como o sol sôbre o mar desaparece cada vez mais rápido,
como se fôsse atraído pelas trevas,
assim mergulha e mergulha e mergulha,
sem cessar
o teu retrato no imenso mar do que passou
e umas poucas ondas o sepultam.

Como o hálito da respiração quente se
dissolve no ar fresco da manhã,
assim o teu retrato se desfaz de modo a
que nem mais veja o teu rosto, tuas mãos, tua figura,
Mui vagamente
aparece um sorriso, um breve olhar e uma saudação.
Mas tudo se desfaz,
dissolve-se,
e sem consôlo, lá distante,
destruído,
existe apenas como algo já passado.
Ah, pudera eu aspirar o doce aroma de tua presença,
bem absorvê-lo e nêle permanecer,
como num belo dia de verão as carregadas flôres convidam as abelhas
para as embriagarem;
como os noitibós ficam estonteados com o ligustro;
mas uma ventania súbita destrói as flôres e o aroma,
e eu aqui estou, qual tolo,
diante do que já sumiu, do que passou.
E sinto-me como se me rasgassem minha carne com tenazes ardentes como brasa,
se tu, que és a minha vida, meu passado, me foges.
Furiosa obstinação e grande ira me sobrevêm,
atiro interrogações selvagens e inúteis no vazio.
Porque, porque, porque só venho repetindo,
porque os meus sentidos não conseguem segurar-te,
vida que está passando e que já passou.
Pois quero refletir e refletir ainda
até que saiba como recuperar o que perdi.
Eu sinto, todavia,
como é misterioso tudo, ao meu lado, abaixo e acima de mim,
e como, insensìvelmente, ri de mim,
acêrca do esfôrço desesperador,
para apanhar o vento
e assim recuperar o que passou.

Olho e alma zangam-se.
Odeio tudo que enxergo,
odeio o que me comove,

odeio o que vive e aquilo que é belo,
o que pretende ocupar o lugar daquilo que perdi.
Eu quero minha vida, sim, minha própria vida eu requeiro,
O meu passado,
A ti,
A ti — eis que uma lágrima surgiu no meu ôlho,
a fim de que consiga reaver sob êste véu de lágrimas
tua imagem tôda,
a ti inteiramente.

Mas eu de modo algum quero chorar.
As fortes lágrimas ajudam,
os fracos adoecem.

Cansado chego até a noite,
bendigo o meu leito
que me promete conseguir esquecer
já que me é negada a posse.
Noite, apaga tudo que separa e concede-me esquecimento pleno
sê misericordiosa, noite, e exerce com clemência a missão,
pois eu em ti confio.
A noite, entretanto, é mui sábia e poderosa,
mais sábia que eu e mais poderosa que o dia.
De que nenhuma fôrça terrena é capaz,
em que idéias e sentidos, teimosia e lágrimas
terão de fracassar,
a noite o derrama sôbre mim
com uma abundância que transborda.
Dos dias de adversidade ilesa,
pura e livre e inteiriça,
traz-te o sonho para junto de mim,
a ti passado, a ti minha vida,
a ti, o dia de ontem, a hora próxima passada.

Com tua aproximação acordo em meio da noite
e me assusto —
será que me fôste perdida de nôvo?
Procuro-te em vão para sempre, a ti, meu passado?

Eu estendo as mãos
e oro —
eis que me dizem a novidade:
Algo passado retorna para ti
como parte mais viva da tua vida
por fôrça da gratidão e do arrependimento.
Compreende no que passou o perdão e a bondade de Deus,
ora, que Deus te guarde hoje e amanhã."

Obras

1927: *SANCTORUM COMMUNIO*
1931: *ATO E SER*
1934: *CRIAÇÃO E QUEDA*
1937: *DISCÍPULADO*
1938: *VIDA EM COMUM*
1949: *ÉTICA* (póstuma)
1953: *TENTAÇÃO* (post.)
1958: *COLETÂNEA DE OBRAS*

4 volumes (post.)

pela incapacidade de vencer a tentação de pôr a segurança acima da responsabilidade, o institucional acima do humano, o poder e o prestígio acima de Cristo. Arremeteu-se também contra a própria teologia, então emaranhada num cipoal de considerações filosóficas, incapaz de levar a sério a realidade total do mundo como fruto e área da graça de Deus.

Como ecumenista militante e autêntico procurou sempre ir além da confraternização inter-religiosa. Seu ecumenismo abrangia a compreensão de um mundo cada vez mais livre do passado e em franco processo de secularização. É assim, em termos amplos, ecumênicos, seculares e inclusivos que expressa a sua compreensão da fé e da vida cristãs Para ele, ser cristão não é ser piegas, moralista, puritano, individualista ou igrejeiro. Nas suas próprias palavras, "ser cristão não significa ser religioso de um modo particular ou cultivar alguma forma particular de ascetismo (como um pecador, como um penitente ou como um santo), mas significa ser um homem... Jesus não chama o homem a uma nova religião, mas à vida". (*Cartas da Prisão,* carta de 18 de julho de 1944).

Ler Bonhoeffer é entrar em contacto com uma experiência profunda e pessoal de fé sem religião, de teologia sem especulação, de liberdade responsável, de triunfante maturidade humana.

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO

Dietrich Bonhoeffer

Muito antes de ter sido confinado em vários campos de concentração da Gestapo e executado em 1945, por uma ordem especial de Himmler, Dietrich Bonhoeffer já era conhecido e admirado em todo o mundo pela coragem e profundidade com que vinha criticando as concepções tradicionais do cristianismo.

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO representa a mensagem de um dos mais autênticos militantes do ecumenismo, constantemente preocupado em distanciar a história de um passado que a atrasa para um futuro onde ser religioso é acima de tudo ser humano num mundo justo e livre.

MAIS UM LANÇAMENTO PAZ E TERRA
UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA